

LISBOA

UMA ANTOLOGIA ASSOMBROSA SOBRE UMA CIDADE QUE NUNCA EXISTIU

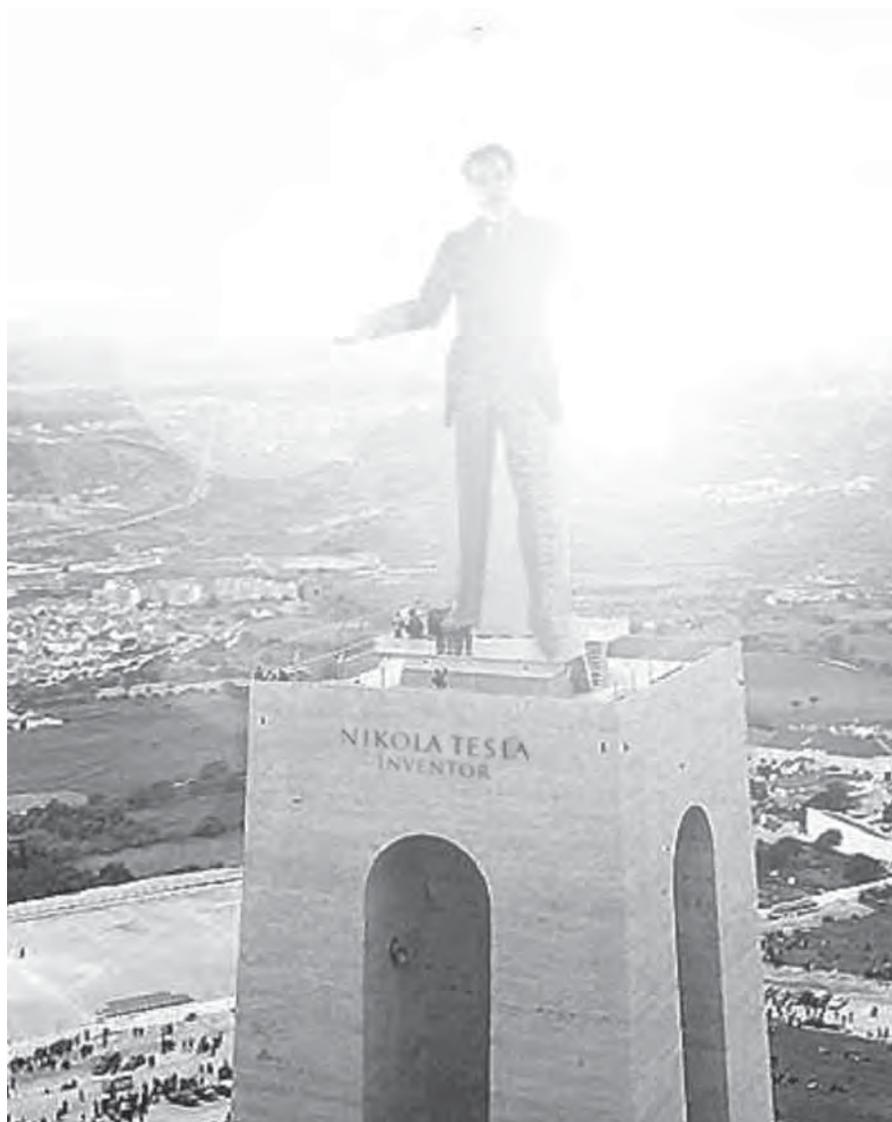
NO ANO

ORGANIZAÇÃO DE JOÃO BARREIROS

2000



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



TERMINADA EM: 31 DE JANEIRO DE 1901.

ÍNDICE

Prólogo	011
<i>O Que Escondem os Abismos - 1ª Parte:</i>	
<i>O Turno da Noite</i> de João Barreiros	017
<i>Venha a Mim o Nosso Reino</i> de Ricardo Correia	041
<i>Os Filhos do Fogo</i> de Jorge Palinhos	053
<i>Dedos</i> de AMP Rodriguez	077
<i>As Duas Caras de António</i> de Carlos Eduardo Silva	097
<i>Electrodependência</i> de Ana C. Nunes	109
<i>Nanoamour</i> de Ricardo Cruz Ortigão	127
<i>Energia das Almas</i> de João Ventura	143
<i>Fuga</i> de Joel Puga	159
<i>O Que Escondem os Abismos - 2ª Parte:</i>	
<i>Tratado das Paixões Mecânicas</i> de João Barreiros	177
<i>O Obus de Newton</i> de Telmo Marçal	205
<i>Ex-Machina</i> de Michael Silva	247
<i>A Rainha</i> de Pedro Vicente Pedroso	263
<i>Taxidermia</i> de Guilherme Trindade	283
<i>Quem Semeia no Tejo</i> de Pedro G.P. Martins	315
<i>Coincidências</i> de Pedro Afonso	331
<i>O Que Escondem os Abismos - 3ª Parte:</i>	
<i>Chamem-nos Legião</i> de João Barreiros	351
Epílogo	431
Agradecimentos	437

PRÓLOGO

São onze da manhã, os céus de Lisboa ameaçam desfazer-se em chuva, mas nada moveu os participantes do atelier de *Escrita Radical* que vieram encontrar-se comigo, no cais de embarque para Cacilhas. Ali estão eles, trinta ao todo, trémulos e ainda presos no sono de uma noite que decerto os inquietou, já de bilhetes tirados e de olhos postos em mim, que os convocou para este exame literário sem mais explicações. Já tiraram o bilhete, mas, pelos vistos, e como já vem sendo hábito, quase ninguém trouxe consigo a parafernália que eu lhes encomendei. Alinho-os, para grande espanto de trabalhadores que por ali aguardam o ferry para a outra margem, faço revista às tropas de cenho carregado, pergunto a um e a outro cujos sacos de ombro me parecem mais levezinhos, *então onde estão as écharpes, as canetas de tinta permanente, os alfarrábios, os memorabiliae?* Seguem-se as desculpas habituais, embora o Telmo mostre um giroscópio que sonogou aos despojos ancestrais do avô e a Rodriguez exhiba com orgulho uma mantilha rendada e ratada pelas traças que decerto deve ter mais de cem anos. Não faz mal. O que transporto no meu saco deve ser mais do que suficiente. *Então para onde vamos, Mestre?*, pergunta o Palinhos, sempre respeitador da autoridade que em mim naturalmente se manifesta. Os restantes membros do grupo acenam com a cabeça e fitam-me em busca de uma resposta que os clarifique. E eu, enfim, soergo parte do véu de mistério, aponto para o ferry que acabou de abrir as portas e explico: *Primeiro até à outra banda, para Cacilhas. E em seguida um breve passeio pelas margens no Tejo, ao longo da rua do Ginjal...*

O Ventura protesta, e diz baixinho que já não tem idade para este tipo de brincadeiras. Para lhe fazer companhia, protestam mais uns quantos participantes que eu mal conheço e que acabaram de se inscrever no curso, tarde e a más horas. Explicam que faz frio, que o tempo está mau, que a chuva ameaça desabar, qual o sentido de tudo isto? Como é que uma visita à outra banda pode servir de inspiração literária? Encolho os ombros e não respondo. É no silêncio que se esconde o sentido de todos os mistérios. E com um vago e clemente sorriso, digo em voz alta: *Quem quiser seguir-me e passar por uma epifania única, é só passar a rampa e entrar no ferry. Quem não quiser, tem toda a liberdade de regressar à leda melancolia dos respectivos lares.*

Sete dos recém-inscritos fazem precisamente isso. Encolhem os ombros, e mandam-me passear. Depois viram-me as costas e desaparecem da

minha vista para sempre. Que importa que o grupo se dissolva em parte? Os restantes ainda possuem massa crítica quanto baste para aquilo que tenho em mente.

E sem mais delongas, numa fila organizada, passamos os bilhetes pelo scanner, acedemos ao pontão, à rampa, ao interior do ferry.

Nenhum de nós quer ficar no interior da coberta, sentados na dureza dos bancos corridos, a olhar olhos nos olhos para os outros utentes. Somos um grupo que prima pela originalidade. Somos autores de um atelier de *Escrita Radical*. E isso torna-nos únicos. Assim sendo, de capuzes e panamá enfiados nas cabeças até aos olhos, ou de chapéus de chuva abertos, eis-nos na amurada, a espreitar para a cinzentude oleosa do Tejo enquanto o ferry tangeia rumo à outra margem. Como de costume, há quem especule se ainda haverá vida, nestas águas pouco oxigenadas, e se essa vida não será tóxica, carregada de mercúrio e um incontável número de bactérias. O Pedro Vicente explica que ainda deve haver enguias lá em baixo. Enguias eléctricas, capazes de crescer até um tamanho desmesurado se lhes derem oportunidade. O Pedro Martins acrescenta que as formas de vida podem alterar-se aos poucos, isto numa evolução radical, se consumirem suficientes contaminantes capazes de lhes alterar os respectivos ADN. Ambos olham para mim, como se estivessem à espera que eu aprovasse o conteúdo de futuras histórias. Quem sabe? No acto da *Escrita Radical* tudo é possível...

Já chove quando aportamos a Cacilhas. Cheira a lodo, a terra molhada, a pneus quentes, cheira sobretudo a pexum, um fedor insuportável que se cola às redes expostas ao ar e aos contentores onde se costuma guardar o pescado. O morro ergue-se, sombrio, contra a manhã brumosa de Janeiro. *Vamos almoçar num desses restaurantes? É isso que vamos fazer, Mestre?*, pergunta Joel Puga. *E eu posso blogar isso, logo ao final do dia?*, acrescenta a Ana Nunes, já a sofrer de info-exclusão.

Nem uma coisa nem outra. Respondo-lhes com o dedo apontado para a estrada minúscula que se estende à beira-rio. *Nada de restaurantes. A saciedade não é um atributo de quem cria, mas sim a fome. E nada de blogar coisa alguma, Ana. Exijo o silêncio. Sob pena de exílio.*

E explico-lhes que devemos seguir em frente. Ginjal abaixo, até à zona das fábricas arruinadas. *E a chuva?*, insiste um dos membros do grupo. *E o frio?*, acrescenta outro. Suspiro fundo. Estou quase a dar-lhes uma daquelas respostas capazes de fazerem arder as orelhas mais sensíveis, quando a Ana Rodriguez se adianta e declara, a quem a queira escutar, que regras são regras, e que estas, para serem eficazes, terão de ser cumpridas à risca. Por fim o grupo, atendendo a estas sábias palavras, obedece a quem nele manda.

Chove, chove e chove. Ténis, botas, botinas e sapatos chapinham nas

poças castanhas de óleo e ferrugem. Exigem-se desvios constantes para não pisar toda uma galáxia de poias dissecadas de canídeos selvagens. Os membros da *Escrita Radical* resmungam entre dentes a triste sorte que os conduziu até aqui, sujeitos às intempéries desta manhã implacável, e às decisões de um Mestre que não atende ao justo sofrimento dos seus discípulos.

Sufrimento à parte, ao fim de dez minutos, eis-nos chegados às ruínas que em tempo pertenceram sabe-se lá a que tipo de armazéns. Os nomes, pintados nas paredes de tijolo, mal se conseguem ver, roídos por mais de um século de chuvas ácidas. Hoje em dia, os armazéns formam apenas estruturas desabadas, entregues às ervas daninhas, às ratazanas, e aos ninhos das gaivotas. As ruínas sobem morro acima, umas coladas às outras, a encher de estuque e tijolos apodrecidos as ínfimas passagens. Há contudo algumas delas que ainda têm tecto, e é para lá que eu conduzo o grupo, isto com um sorriso mau ao canto dos lábios, já à espera de um sem-número de protestos e comentários: *Mas que vem a ser isto, qual é a graça, que coisa mais sinistra, que porcaria, olhem-me aquelas seringas ali ao canto, isto deve estar infestado de squatters*. Deixá-los protestar. Para que a arte verdadeira ascenda à superfície, é necessário um certo tipo de sofrimento adequado.

Finalmente, após umas quantas labirínticas passagens (corredores, escada, corredores, escadas), chegamos à sala que eu anteriormente selecionei. É grande quanto baste. As paredes desaparecem na distância sombria. Uma luminosidade mortiça escoá-se das janelas sobrelevadas, ou pinga das clarabóias cujos vidros grossos e baços conseguiram sobreviver à tortura dos séculos. No solo, ainda se conseguem perceber trilhos enferrujados de pequenos vagões de mercadorias. As colunas esboroadas que sustentam o tecto estão todas elas cobertas de *grafitti*, indicando a passagem de gangues que entretanto já devem ter partido desta para melhor.

É precisamente no meio dessa sala que eu digo ao grupo para se sentar, num círculo perfeito, como numa sessão espírita. Mas antes que se sentem, peço-lhes que depositem sobre a bancada que eu instalei toda a parafernália que trouxeram consigo (pouca, tão pouca, o que me leva a concluir que ninguém se deu ao luxo de investigar):

Uma mantilha.

Um giroscópio.

Canetas de tinta permanente quanto baste.

Um isqueiro eléctrico (provavelmente bastante valioso).

Um relógio de bolso, com a inscrição *Da Matilde, com Amor*.

Um álbum de fotografias de familiares que o tempo ceifou.

Uma calçadeira.

Um chapéu de coco.

Uma boneca de cerâmica e um brinquedo de lata, de corda partida.

Chegou a minha vez. Sobre a bancada coloco um volume grossíssimo, *La Guerre Infernale*, do Giffard, ilustrado pelo Robida. Uma edição original do *Tratado das Paixões Mecânicas*, do Descartes, que muitos académicos declararam nunca ter existido. *Paris no Século XXI*, do Verne e as *Maravilhas do ano 2000* do Salgari. Duas caixinhas de música ainda operacionais. Um boneco de cerâmica de uma criancinha, de calças baixadas, a defecar (daqueles que se enfiava uma qualquer substância no ânus e depois se lhes pegava fogo para ver o que acontecia). E, mais importante de tudo, um hipnoglifo.

Por fim, já que estão todos instalados onde devem, calados e obedientes, de mãos dadas e em círculo, de olhos postos na bancada onde repousam todos os objectos de uma outra época, eis que chegou o momento de lhes revelar as razões de todo este despropósito:

Meus estimados discípulos (digo eu percorrendo-lhes os semblantes com os meus olhos argutos), nunca pensaram porque é que os nossos bisavós, sim, sim, aqueles que nasceram muito antes da alvorada do século XX, ignoraram por completo o futuro que os esperava, quando nos outros países, sejam eles a Inglaterra, a Espanha, a Itália, a França, a Alemanha, a Rússia czarista, houve dezenas e dezenas de obras literárias que sonharam com essa utopia perfeita que haveria inevitavelmente de chegar? Que diabo aconteceu em Portugal? Porque é que nunca ninguém publicou obras que falassem do amanhã? Sim, aquilo que seria o ano 2000, que agora é já o nosso passado? Esquecemo-nos de sonhar? Será que não houve um grupo secreto, um grupo de escritores e escritoras feministas dedicado a essa causa? Alguém oposto ao ultra-romantismo, ao panfletismo político, ao romance de cordel, ao realismo queirosiano? Estou em crer que sim. Um grupo secreto do qual só sobram vagas alusões a manuscritos perdidos na Biblioteca Nacional. Obras que os descendentes atiraram para o lixo logo que os seus autores feneceram no desânimo de nunca terem sido falados? Acredito que essas obras existem ainda na infosfera, nesse inconsciente que forma o caldo virtual da criatividade portuguesa. Obras que podem ser recuperadas por nós! Por este grupo dedicado à *Escrita Radical*! Estão prontos para esta experiência? Preparados para se lembrarem de um outro futuro, de um outro passado? Daquilo que seria a glória luminosa de Lisboa se ela tivesse aberto os braços ao progresso, à ciência, à tecnologia? Enfim, a um futuro iluminado não a gás, movido não a vapor, mas sim, oh meus amigos, pela poderosa força da electricidade? Preparados para um mergulho nesta ilusão colectiva? Concentrem-se nos objectos que se encontram sobre a bancada. Foquem a vossa atenção no espelho onde se miravam os vossos bisavós. Vejam-se reflectidos nele. E ao verem-se assim, tragam de volta aquilo que lhes proibiram de sonhar...

Percorro com os olhos a minha assistência, meio desconfiada, que ainda não acredita naquilo que lhe posso dar. O João Ventura duvida, *noblesse oblige*, de todo este ritual pseudocientífico. Já a Ana Rodriguez, sorri, expectante. Michael Silva saliva já com as máquinas que há-de construir. O Telmo aspira por canhões que possam colocar em órbita um português de gema. Todos eles, fiéis republicanos, anseiam por destruir a monarquia com o máximo de expediente. Estão prontos, acho eu. Prontos para o mergulho consensual no passado. Prontos para reviver uma ilusão de glória.

Ligo o hipnoglifo. A pequena bateria activa o girofaro.

A luz branca percorre vinte e três pares de olhos.

Ligo as caixinhas de música que *não* tocam a compasso.

A luz triste de Janeiro perde-se lá fora. A chuva deixou de se ouvir.

Agora, à nossa volta, estridulam dínamos. A sala ficou cheia do bulício de uma cadeia de montagem industrial. O solo estremece. Cheira a ozono, borracha quente e, estranhamente, bolachas torradas. Formas fantasmiais de mecanóides puxam por fios de cobre que os ligam às paredes. Ao longe apitam locomotivas, gemem sereias. As janelas do armazém encheram-se de reflexos cromáticos. Há coisas gigantescas a deslizar sobre as clarabóias. Olho em volta, para a minha assistência que este sonho colectivo possuiu. Olho, e não quero crer. Não há maravilha nem espanto algum naqueles olhares que o hipnoglifo capturou.

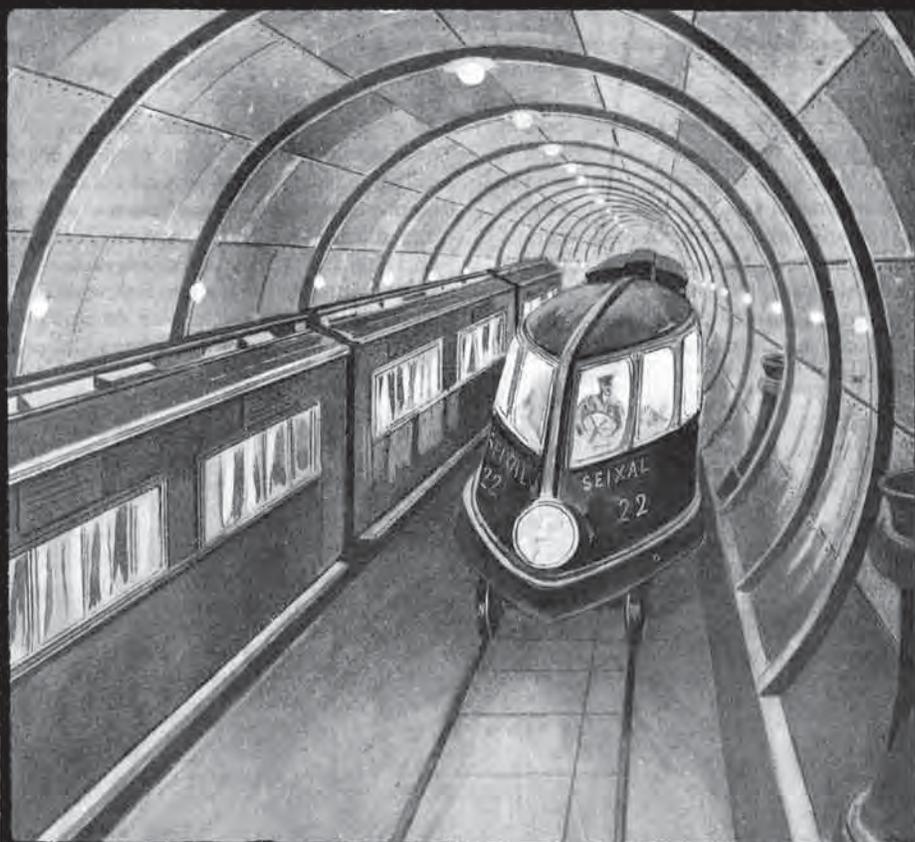
Apenas horror.

É nesse preciso instante que a Ana Nunes abre a boca e começa a gritar. O Pedro Martins estremece e levanta os pés, como se houvesse algo de repugnante a escoar-se pelo chão. Escuto o zumbido de uma vespa. A música de um realejo imenso. Tento levantar-me e desligar o hipnoglifo, terminar de uma vez por todas com esta sessão de *Escrita Radical*, mas não posso, não posso, estamos todos presos no mesmo sonho.

O sonho de um futuro passado.

° TURNO DA NOITE

O QUE ESCONDEM OS ABISMOS 1ª PARTE



DE JOÃO BARREIROS

João Barreiros, licenciado em Filosofia e Professor do Ensino Secundário, é tradutor, autor e (até já foi) editor de Ficção Científica.

Os seus livros saíram com as chancelas da Caminho, Livros de Areia, Presença, Saída de Emergência e Gailivro. Em Espanha foi publicado pela Bibliopolis.

Os mortos viajam. Viajam nos transportes que sempre os serviram enquanto estavam vivos, como se a agonia do hábito lhes desse razões para continuarem a existir. Viajam sentados, de pé, onde quer que haja lugar, viajam sobrepostos aos passageiros que lhes ocuparam os assentos favoritos, viajam com os olhos fixos na fileira de outros mortos, sentados no banco corrido do outro lado da carruagem de terceira classe, viajam como se não houvesse outra coisa a fazer pelo resto da eternidade senão permanecerem ali, quedos, translúcidos, com as mãos postas sobre os joelhos, indiferentes às sacudidelas da composição, indiferentes às conversas dos vivos, mas a verdade é que esta imobilidade é enganadora, pois estão sempre à espera do mais pequeno sinal de fragilidade da parte de quem ainda respira, de uma psique mais susceptível à qual se possam agarrar como lapas.

E, quando isso acontece, quando encontram uma criança famélica colada às pernas da mãe, entretida a jogar ao pião, ou uma matrona responsável pela cadeia de montagem da fábrica de espirais de cobre incrustada nas Falésias de Cacilhas, ou uma moçoila mais avantajada, aflita com o atraso do ciclo menstrual, então aproximam-se à socapa, com as bocas abertas num desejo quase físico e, quando isso acontece, interpenetram-se dois tipos de corpos — os reais e aqueles que não passam de sombras —, mãos dotadas de dedos ociosos acariciam os rostos e a nuca dos vivos e, depois desta prova, deste toque nas peles suadas e encardidas de quem trabalha, resta-lhes escolher se sim se não, se vale a pena o risco de abandonar uma carruagem onde viajam há já tantos anos e partir para a aventura, colados às costas de um ser vivente.

Porque quem é frágil é decerto mais submisso, mais susceptível à posse. É por isso que os mortos escolhem um operário de regresso a casa, com parte do sistema nervoso destruído pelo álcool ou pelos estimuladores electro-sensoriais, ou um velho senil que insiste em fazer o mesmo percurso sem perceber que há muito foi despedido e, escolha feita, colam-se-lhe então às costas, pois as mãos dos mortos têm esta capacidade de ser como ventosas, e as bocas, que imitam o beijo da lampreia, sedentas do gosto da vida, sugam-lhes pelo pescoço um pouco da energia anímica. E, terminada a prova, lá rumam em parceria, em direcção a um destino que nada anuncia de bom, mal o comboio subterrâneo emerge das profundidades lodosas

do Tejo, na Mega-Estação de Alcântara ou no mais discreto apeadeiro do Seixal.

Porque todos os mortos têm fome e só desejam recuperar o que em tempos perderam. Os mortos viajam, ao molho, nos locais que lhes abriram as portas e os deixaram ficar. Viajam a salivar, sonhando com futuras degustações. Viajam com a paciência das sombras.

Neste caso, na carruagem de terceira classe do comboio Trans-sub-Tejo, no circuito Alcântara-Seixal-Alcântara.

2

São cinco para a meia-noite, indicam os ponteiros do monumental relógio de quatro faces instalado no topo do edifício central da Estação de Alcântara-Mar. Meia-noite do dia 31 de Dezembro do ano 1999. Faltam apenas alguns minutos para aquilo que os menos informados julgam ser o fim do Milénio. Na realidade, ainda terão de aguardar mais um ano. A Inteligência Mecânica que controla o relógio sabe disso, mas não o povo. Para o caso, tanto faz. De facto, ninguém se interessa pelo assunto, salvo os profetas do Apocalipse, e esses apenas têm direito a opinar nos pasquins que são vendidos, por dois tostões furados, nos átrios da Estação.

Assim, dia após dia, segundo após segundo, no secreto ventre desta magnífica peça de precisão, oleados a preceito por uma chusma exclusiva de fiéis operários especializados, bambolem-se pêndulos, rodopiam giroscópios, esferas de metal escorregam sob calhas para cima e para baixo num moto quase perpétuo, tudo sob as ordens rigorosas de uma inteligência mecânica que não admite um só erro, um só desvio ao programa, desde que foi instalado, cinquenta anos atrás, pelos engenheiros suíços ao serviço da Große Germânia. Este é o relógio que controla toda a actividade económica de Lisboa. Não pode, não deve atrasar-se um segundo que seja, pois há quem confie nele não só para medir o tempo, como também para saber a quantas andam as bolsas de Londres, Paris, Madrid e Berlim. Porque um simples segundo de atraso, um ínfimo desfasamento com os relógios das outras capitais, pode representar o fracasso de um importante negócio e um *crash* financeiro espectacular. É imenso, o relógio, os quadrantes brilham, iluminados do interior por poderosos focos a halogéneo e mesmo aqui em baixo, nos pátios de acesso à Estação, podem ouvir-se os tiquetaques deste coração artificial, o moer dos rodízios de bronze, o estalo das molas, o zunir das roldanas, o vibrar antecipatório dos carrilhões.

O solo estremece devagarinho, os pilares das vias de sustentação dos metros de superfície vibram com a permanente passagem dos vagões de mercadorias, enquanto, lá no alto, a roçar as nuvens baixas, deslizam os ventres dos dirigíveis-correio, ansiosos por receber mais umas quantas centenas de sacos de correspondência. E, como se isso não bastasse, como se este tumulto não fosse mais do que suficiente para perturbar ouvidos delicados, junta-se-lhe ainda o *clopclip* das patas de ferro dos cavalos a vapor, arrancando centelhas e faíscas ao empedrado — já de si tão polido e escorregadio — dos inúmeros parques de estacionamento.

Neste baixo-mundo, no umbigo em que se entrecruzam as principais vias de comunicação do país, tudo flameja em actínios clarões, o ar fede a borracha queimada, a ozono, a vapor de água, ao iodo e à lama do Tejo próximo, às castanhas assadas e aos fritos de peixe, com a população a deslocar-se em todas as direcções, semelhante a formigas a quem quebraram o ninho, num frenesim interminável que não admite uma só pausa, nem mesmo nesta antevéspera do Ano Novo. Lisboa não pára, não dorme, é uma cidade frenética tanto de dia como de noite, onde os armazéns, as fábricas, as docas portuárias se encontram permanentemente abertos para a carga e descarga de mercadorias em turnos sucessivos de doze horas, como determinam os generosos contratos de trabalho.

José Silvério é revisor, destacado para o controlo de passageiros da composição Trans-sub-Tejo. Acabou agora mesmo de sair da escada rolante do metro de superfície, ainda ensonado e com uma barba de três dias a esgaçar a gola do uniforme. Vai atrasado, dizem-lhe com indiferença os ponteiros do relógio monumental. Tem apenas cinco minutos para descer aos abismos e dar início a um turno que durará uma dúzia de horas de viagens ininterruptas. Fechado numa carruagem a correr sob o peso das águas turvas de um Tejo que sempre o aterrou. Doze horas, doze horas. E estuga o passo, direito à torre cilíndrica em vidro fosco que conduz aos elevadores.

Enquanto funcionário, Silvério não se encaminha para os ascensores públicos, mas para os poços de acesso, mais recônditos e privados, situados no Bloco Leste da Estação, utilizados exclusivamente pelos serviços administrativos. As botas cardadas, isoladas do solo por três níveis de borracha vulcanizada, escorregam no piso molhado, maceram-lhe as pontas dos dedos, mas de modo algum usaria outras, mais baratas, cedidas pela Companhia Trans-Tejo, que não quer saber do assédio de entidades não incluídas no cardápio de parasitas que costumam assolar os túneis metropolitanos. Silvério não receia baratas, térmitas, sanguessugas, lesmas, ou mesmo bandos de ratazanas cegas e albinas. Com este tipo de males pode ele bem.

Nada disso. O que mais o assusta são os *mortos* que consegue ver, sem qualquer dificuldade, a vaguear pelos túneis e no interior das carruagens, almas tristes e famintas, sempre envoltas numa aura nebulosa de desespero.

Silvério enfia o cartão, perfurado com uma boa dezena de buracos, na boca correspondente do analisador, o pilar mastiga as informações, transmite-as à IM no tronco do relógio através de cabos telefónicos, e a resposta chega logo de seguida, a porta envidraçada, mas já não tão transparente como isso, roda para o lado com um *plin* discreto. E Silvério penetra no pátio interior, ornado por cartazes e mupis, onde um Rei senil sorri sob uma aura de dirigíveis militares, com o dedo apontado para baixo, a boca de manipção num abre-e-fecha mecânico, a ciciar num murmúrio interminável: O REINO PRECISA DE TI!

O átrio central deste mega-edifício administrativo está repleto de funcionários a correr de um lado para o outro, esbaforidos, empurrando carinhos a transbordar de papelada que provavelmente ninguém se dará ao trabalho de ler. Silvério tem quase a certeza de que quase nenhum deles está a cumprir um serviço determinado, mas apenas a fazer de conta. Para que conste, alguns Administradores tudo contemplam do alto da varanda do primeiro piso, de olho clínico a piscar sobre as melenas brilhantinadas, charutos a fumar aos cantos das bocas. Irritado, Silvério desvia-se do percurso de dois mecanóides, engalfinhados um no outro, pinças contra pinças, patinhas articuladas a rascar o mármore do pavimento, incapazes de perceber quem é que deve ceder passagem a quem. Os seguranças de serviço não levantam um dedo para resolver a situação. Riem-se, num esgar escondido sob os proeminentes bigodes, e fazem apostas. Se aquelas traquitanas se estragarem, a culpa nunca será deles, mas dos engenheiros que perfuraram mal os cartões dos respectivos programas.

Faltam quatro minutos para entrar ao serviço e Silvério começa a ficar nervoso com os atrasos, com receio das notas de censura e das pontuações de descrédito que lhe farão massa na jorna. Mesmo assim, consegue chegar sem grandes demoras à torre central, meter o cartão gorduroso num novo analisador, enfiar-se através da comporta rotativa, dirigir-se ao seu cacifo, abrir a portinhola codificada e retirar o sensor de bilhetes, a moca, a lanterna, o bastão de electrochoques que ali esteve a recarregar desde a noite anterior.

E, por fim, resta-lhe aceder às comportas do elevador, devidamente identificado com o número 05 que, sem mais demoras, o transportará às profundezas da terra. À espera que elas se abram, estão também ali uns quantos engenheiros de serviço vestidos com um vistoso uniforme azul-esmeralda. Como quadros superiores que são, nem sequer se dignam a olhar para ele, mantendo-se ocupados a consultar as ordens do dia nos ficheiros

das suas placas informativas. Silvério suspira, tossica, range os dentes, olha para as pontas das botas desgastadas, ajusta o cinturão em torno da barriga que, com a idade, se vai tornando proeminente, finge não notar a presença dos seus superiores, o elevador enfim chega com estrondo, as comportas abrem-se de par em par, num gemido de peças mal oleadas, Silvério vê-se obrigado a ceder-lhes a vez, é o último a penetrar na cabina e, visto que nenhum dos engenheiros parece disposto a tomar a iniciativa, carrega no único botão do painel de controlo — este é um elevador expresso — e, ao fazê-lo, acende-se uma luzita verde, as portas cerram-se com estrépito e a composição inicia um mergulho de cem metros, uma viagem que durará dois minutos.

Clank, clank, rumo aos segredos gástricos de Lisboa. Rumo ao passado e aos solos compactados do Mioceno. Através da areia, do lodo e da rocha. Algures, no tecto da cabina, sopra um ventilador num esforço inútil. Silvério e os engenheiros fungam, incomodados pela atmosfera opressiva. O oxigénio torna-se escasso. Uma tira de papel reagente no painel de controlo informa os presentes da toxicidade da atmosfera. Um sensível excesso de CO₂ anuncia enxaquecas para todos os presentes. Silvério faz rodar uma torneirinha, sempre a olhar de esguelha para os engenheiros que continuam impávidos, como se o ar saturado lhes fosse indiferente. Potassa cáustica, escondida por detrás de uma grelha, tomba num recipiente de vidro e começa a chupar o vapor de água e o anidrido carbónico ambiente. Verdade seja dita que, ao longo de tantos anos de serviço, Silvério nunca notou diferença alguma na atmosfera ambiente, antes e depois deste acto purificador. De facto, tudo ali cheira mal. À lama fétida dos abismos. Ao tabaco dos charutos e das caixinhas de rapé. Aos circuitos sobreaquecidos de uma maquinaria invisível. Resignado, Silvério olha em volta, para passar o tempo, para cobrir o minuto que falta até que a viagem termine. Os engenheiros insistem em cofiar as barbichas e rodar os manípulos das placas de leitura, como se tivessem encontrado ali uma nova mensagem a todos os títulos fascinante. Uns quantos despejam uma gotinha de cola nos orifícios dos cartões perfurados dos ficheiros que trazem à cintura, prestes a prepará-los para uma nova programação. No poupar é que está o ganho e, além disso, devemos sempre aproveitar estes instantes de discreto isolamento para corrigir os erros praticados no dia anterior, longe dos olhares recriminatórios dos nossos superiores hierárquicos.

Quase em cima da hora, o elevador chega ao fundo do poço. Estalam os cabos que o sustentam, cham os travões, as comportas rodam para o lado e ei-los, finalmente, na zona de serviço do comboio Trans-sub-Tejo.

Com licença, com licença..., resmunga Silvério, atrasado e apressado, contornando a massa de engenheiros sem pressa nenhuma de entrar ao

serviço. *Ó cavalheiro, mais respeitinho*, resmungava um deles, que acabou de ser ligeiramente empurrado para o lado. *Mil desculpas, mil desculpas...!*, replica Silvério, a esgueirar-se como uma enguia, mão a cobrir a placa identificadora sobre o peito, não vá esta cambada de burgueses lembrar-se de fazer queixa dele às autoridades por abuso e invasão da privacidade.

Depois de ter percorrido um discreto corredor, Silvério empurra, à força de ombros, uma porta que diz *Acesso Reservado ao Pessoal Auxiliar* e penetra numa sala abobadada, onde os operários do turno da noite começam já a empurrar-se junto à carruagem de terceira classe. Ainda há umas quantas pessoas a querer entrar para as composições de segunda classe e apenas uns três ou quatro cavalheiros, apumados junto às portas corrediças da de primeira classe. Também, não admira...! O turno da noite da Fábrica de Componentes Metálicos da Trafaria e das Conservas de Peixe do Seixal não é para Administradores, os quais, a esta hora, devem estar a dormir regaladamente. As Inteligências Mecânicas, que vigiam o processo industrial, são responsáveis pelo bom funcionamento das cadeias de produção nestas horas mortas. Quando chegar a manhã, as IM prestarão o devido relatório das ocorrências às autoridades competentes.

Silvério estuga o passo em direcção à locomotiva em forma de cunha, quase escorrega num vômito avinhado ali deixado por um operário em vias de reciclagem, pragueja, equilibra-se num passo de bailarino e, por fim, tamborila na parede curva de metal. O guarda-freios faz-lhe sinal através da janela da cabina de pilotagem, puxa por uma alavanca, destranca a portinhola de serviço e Silvério mergulha, quase de cabeça, no interior da composição, esbarra com o relógio de ponto, segura-se a uma das presilhas penduradas no tecto e, *in extremis*, lá consegue picar o maldito cartão.

— Ó Zé — diz-lhe a voz roufenha do guarda-freios através da grelha do comunicador — tem tento, homem...! Estava a ver que não chegavas...!

— Arranca, arranca...! — replica Silvério, afogueado, a ajeitar a fivela do cinto, a enfiar a camisa nas calças, a retirar da presilha o analisador de passes e bilhetes.

O guarda-freios carrega num dos muitos pedais, soa um apito estridente, as portas de acesso às carruagens cerram-se num clangor, e quem ficou de fora, ficou de fora. Terá de esperar pela próxima composição que chegará dentro de dez minutos. Nesta já não entra, que se faz tarde.

No alto da carruagem da terceira classe, o cabo eléctrico estabelece o contacto com a barra de alta tensão. Chovem chispas e fagulhas. As seis rodas por carruagem começam a deslizar sobre os carris. Primeiro, devagarinho, discretas, ordeiras. Logo depois, num rodopio, como se estivessem ansiosas por mergulhar na pastosa negrura do túnel que as aguarda.

O comboio Trans-sub-Tejo afunda-se noventa e oito metros sob a linha

da preia-mar, rumo àquilo a que se poderia chamar a memória geológica do planeta Terra. Silvério e o guarda-freios, Augusto Mendes, bem como os restantes passageiros que com eles viajam, são engolidos por um passado imemorial em que os humanos ainda nem sequer existiam. É como se cruzassem as praias do Mioceno, comprimidas em estratos geológicos 2200 metros abaixo do leito do rio. Numa escuridão onde nem um só fosfeno penetra. Para que conste, a viagem há-de prosseguir assim, por quase sete quilómetros, até à Estação terminal do Seixal. E, depois, haverá outra, de regresso. E uma nova ida. E um novo regresso. Ou seja, uma boa centena de viagens de um percurso circular, até que terminem as doze horas do turno da noite e novos funcionários venham substituí-los.

José Silvério ajusta o que tem a ajustar no seu uniforme um tanto ou quanto amarfanhado pela esfrega que sofreu durante o percurso no metro de superfície, faz um vago sinal na direcção da cabina do guarda-freios, o qual não lhe liga nenhuma, ocupado como está a consultar quadrantes luminosos, sensores de pressão, relatórios de eficácia e indicadores de *performance* das múltiplas rodas e respectivos giroscópios. Invisível e ignorado pelos seus pares, Silvério dispõe-se enfim, contrafeito, a entregar-se de corpo e alma à azeda monotonia do turno da noite. Enquanto isso, no interior pressurizado da cabina de pilotagem, Augusto Mendes não consegue esquecer as dores crónicas na coluna e nos rins, pois ali não há sítio onde se possa sentar, apenas uma barra vertical para lhe acompanhar a curva das costas, agreste e insensível, concebida propositadamente para o manter desperto durante as doze horas do turno.

A boca cilíndrica do túnel de metal rasga-se face à aceleração da locomotiva, apenas iluminada pelo poderoso foco de halogéneo no topo da composição. Augusto Mendes sujeita-se a um transe quase hipnótico enquanto, *zap, zap*, passam por ele as placas de quilometragem desenhadas nas paredes do túnel. Placas que mal se vêem, comidas pela humidade ambiente. Silvério abandona a locomotiva, destrava com uma chave multiusos as comportas que o levam à primeira classe, percorre o estreito corredor lateral e lá vai espreitando em todas as cabinas, em busca de clientes.

A carruagem segue quase vazia, como seria de esperar. A esta hora da noite, os burgueses dormem o sono dos justos nas respectivas moradas, abraçados a matronas ou amantes. Mesmo assim, ainda descobre cinco Inspectores, de charuto ao canto da boca ou a cachimbar, embrenhados nas imagens coloridas de uns quantos vespertinos, num completo desprezo pelos inúmeros sinais de aviso de proibição de que se fume durante a viagem. A atmosfera é pressurizada. O teor de oxigénio superior ao normal. Há sempre um risco de incêndio, mas eles querem lá saber...! Silvério clica o teclado do analisador em frente das barbichas e bigodes, faz um sinal

com a cabeça, apontando um letreiro colado ao vidro que explicitamente adverte dessa proibição e, como de costume, é ignorado pelos seus maiores. Resignado, Silvério limita-se a pedir o passe ou o bilhete de ida-e-volta e insere-o na boca do analisador que lê todos os respectivos buraquinhos — estes mudam todos os dias para evitar viagens gratuitas e fraudulentas. Ligado à bateria que o revisor transporta no cinto, o aparelhómetro tudo regista a preceito, clica a aprovação com um tinir de sininhos natalícios e volta a cuspir o bilhete, devidamente carimbado. No rosto dos senhores do mundo não se nota o mais pequeno sinal de agradecimento. *Que se vão todos lixar!*, pensa Silvério, passando por eles como um cão por vinha vindimada. *Quando vier a Revolução proletária, vai haver um lampadário reservado para cada um deles, lá isso vai!*

Terminada a inspecção à única carruagem de primeira classe, Silvério passa às quatro que constituem a segunda classe, onde ainda viajam cerca de quarenta técnicos e engenheiros, sentados nas duas fileiras dos bancos laterais, a mastigar sandes de couratos e a beberricar latas de cerveja e copinhos de *schnaps* germânico, que é para aquecer. Aqui há gargalhadas, arrotos, umas quantas operárias ajeitam-se em colos compassivos, com os terminais das grelhas de estimulação já entrançados sobre os pescoços roliços, para poupar tempo. Estas são as amantes privilegiadas, a quem estes senhores pagaram os excessos nos bilhetes. A todos, Silvério pede os bilhetes, faz por ignorar os comentários, pisca os olhos perante os peitos leitosos mais oferecidos, desvia o rosto dos hálitos etilizados, pergunta a si mesmo como é que esta gente irá poder trabalhar neste estado deplorável, mas, como de costume, encolhe os ombros, se houver acidentes industriais por incúria dos técnicos programadores, a culpa não será sua, isso de certeza, nem está ali para bufar sobre a conduta moral dos passageiros.

Apesar de tudo, deveria dizer-lhes qualquer coisa, apontar para o chão metálico coberto de farripas de madeira, mostrar a quem de direito os maços gordurosos de papel de embrulho, as cascas das castanhas assadas, o vinho entornado, uma ou outra cabeça de peixe frito. Há coimas para quem suja a propriedade da companhia Trans-sub-Tejo. Mas não há-de ser ele, José Silvério, a aplicá-las... Tem mais que fazer!

Como, por exemplo, dirigir-se às cinco composições da terceira classe, ligadas umas às outras por uma articulação metálica protegida do quase vácuo exterior por um ligamento de borracha vulcanizada.

Engole em seco. A cabeça começa a latejar devagarinho, como acontece sempre que ali entra. Passada a comporta estanque, o ar, já de si viciado, torna-se insuportável. Na terceira classe, os sistemas de ventilação funcionam mal. Há semanas que ninguém lava o chão, ou desinfecta a fileira de bancos laterais. Três dos cinco veios de iluminação estão fundidos. Um

quarto, crepita em vias de entregar a alma ao Criador. A mega-carruagem está atravancada pelos operários prestes a cumprir o turno da noite. A balbúrdia é ensurdecidora. A maior parte viaja de pé, os pulsos enfiados nas presilhas de segurança, bocas abertas, olhos vítreos, cabeças vazias depois de anos e anos de estimulação eléctrica, amarrados às cadeias de produção das fábricas onde trabalham. Parecem zombies, tal qual como as imagens dos nativos haitianos, sempre a enrolar charutos, longe do mundo e da vida, até que o corpo apodreça de uma vez por todas. Alguns dos passageiros murmuram melopeias. Outros, um pouco mais activos, vociferam contra a vida e a triste sorte que os abandonou a um destino como este. Uns quantos riem-se sozinhos de uma piada que só a eles diz respeito. Cheira a sovaco, a uniformes urinados, a ozono e a escaras infectadas. Cheira a mortos, pois os mortos — para Silvério, que consegue vê-los — têm aquele cheiro característico do bafo, do papelão húmido, do gás sulfídrico que às vezes se escapa pelas bocas das sanitas abertas ao ar.

Estremece. Todas as noites, a mesma rotina. Sem apelo nem agravo. Todas as noites, os mortos viajam colados aos vivos. É fácil, fácilimo, distingui-los. Os fatos e a pele possuem a mesma tez cinzenta. A luz penetra-lhes através dos corpos, como se fossem feitos de bruma. Estão sentados, de pé ou estendidos ao comprido nas farripas do chão, mesclados com os restantes passageiros que, sem disso se darem conta, os pisam ou atravessam de um lado ao outro. Os mortos tocam nos corpos dos vivos, numa carícia lenta e sequiosa. As bocas escancaradas colam-se a um braço, a um tornozelo, como se quisessem sugar um pouco da pouca energia que ainda alimenta estes proletários miseráveis. Alguns beijam as mulheres, num abraço de sanguessugas. Sejam elas jovens ou próximas de uma reforma compulsiva. E as mortas fazem o mesmo com os homens a quem se conseguiram agarrar, como se o sexo continuasse vivo neste mundo de sombras.

À entrada do revisor, viram-se todos. Mortos e vivos. Os vivos, porque vão ser obrigados a mostrar os passes sociais — aqui ninguém viaja de graça; os mortos, porque percebem que o Silvério é uma fonte de energia anímica bem mais saborosa do que a dos restantes passageiros.

E Silvério, de analisador na mão direita e espigão eléctrico activado na mão esquerda, abre caminho como pode, vistoriando passes e bilhetes — não todos, claro, pois isso seria uma tarefa impossível —, mas os suficientes para satisfazer os fiscais da companhia. E, se houver mortos que se aproximem dele, só tem de activar o bastão, para que a energia necrótica dos defuntos se escoe através da ponta de cobre. Os espectros esvaziam-se como um balão, roupa, pele, órgãos e esqueleto quebradiço desfazem-se em pontinhos de negrume, tombando como cinza num chão já cinéreo quanto baste. O revisor atravessa este mar de gente à força de ombro e de

joelhadas, os lábios, comprimidos num esgar de nojo, ciciando mil *com licença!* e uns quantos *obrigado!*, o analisador a clicar e a mastigar passes, o bastão a consumir uns quantos espectros — tarefa inútil, porque amanhã haverá mais outros tantos... Esta primeira viagem do turno é sempre a pior. Nas restantes viagens, a composição rolará quase vazia. Até que a manhã venha, e os operários sejam levados no sentido inverso.

Silvério demora dez minutos a chegar ao fundo da carruagem. Dez minutos, para que o comboio penetre na gare de Cacilhas e aí esvazie metade dos passageiros. Felizmente, não há ninguém a entrar. Portas abertas, a carruagem engole um pouco do ar menos saturado da gare. O revisor inspira fundo, aproveitando-se deste sol de pouca dura. Saem passageiros, aos tropeções, e só entram mortos. Novos mortos. Ou então são sempre os mesmos, vá-se lá saber...! Ansiosos por viajar. Desejosos de um beijo. De um pouco de energia que lhes recorde aquilo que em tempos foram.

Mais que farto, Silvério recua até ao fundo da carruagem, abre a portinhola de serviço com a chave-mestra, acocora-se num compartimento exíguo ao fundo da última composição e fica a ver a gare de Cacilhas, a desaparecer na distância. Só então enfia o seu cartão de serviço no relógio de ponto, que logo lho devolve, autenticado. A Companhia exige que ele faça dois percursos de ida-e-volta, até chegar à Estação terminal do Seixal. Tudo para que não haja batota, para que os revisores não fiquem durante o tempo todo, bem ao quentinho, junto à cabina de pilotagem, à espera que o tempo passe.

Agora, Silvério vai ter de regressar. Fazer o percurso inverso, num circuito inútil que não dá proveito a ninguém. Uma vez mais, atravessa toda a carruagem de terceira classe, exige a mostra de mais uma dezena de passes aos viajantes que só se apearão no Seixal, sorri aos mortos que não lhe devolvem o sorriso, ocupados como estão a combater pela posse dos vivos, abre as comportas, penetra na falsa alegria da carruagem de segunda classe — um tanto ou quanto desvitalizada pelo corte que sofreu na paragem anterior —, quase tropeça num aglomerado de latas e garrafas vazias, sofre nos ombros umas tantas palmadas fraternais aplicadas por um par de engenheiros mais sociáveis, pede outros quantos passes para mostrar serviço, assoma à primeira classe e, apenas aí, no recatado silêncio da composição deserta, descobre que algo vai mal, que as luzes de presença tremelicam no tecto, assustadas pelo prenúncio de uma subtil oscilação tectónica.

Merda, murmura, merda, mais um pico de corrente...!

Silvério bem sabe que estes picos não são coisa boa. Podem fazer saltar os disjuntores. Queimar as catenárias. Imobilizar a composição. Durante alguns instantes, permanece quieto, os olhos postos nas luzes do tecto e os braços caídos, à espera que aconteça qualquer coisa de anormal. Mas não

há nada de *físico* que lhe sustente a ansiedade. Apenas um discreto arrepio a percorrer-lhe a espinha. Os cabelos a arrepiarem-se contra o colarinho do uniforme. Como se houvesse uma voz a dizer-lhe que algo de terrível está prestes a acontecer. Silvério sente todos os prenúncios de um ataque de pânico, embora os seus parcos conhecimentos na matéria não consigam explicar o porquê dos sintomas.

Por fim, abana a cabeça e avança, na direcção da locomotiva, para uma nova vistoria do relógio de ponto.

Desde que saíram da Estação de Alcântara-Mar, passaram-se cerca de vinte minutos, cronometrados a rigor pelo algoritmo que controla a velocidade do comboio, o tempo de paragem nas estações, a abertura e o fecho das portas. Aqui, não pode haver erros, pois outra composição segue logo atrás desta, com uma diferença de dez breves minutos. E há ainda outra, a partir — mesmo agora! — do Seixal, para uma viagem em sentido inverso. E mais uma, que estará, a esta hora, a sair da Estação de Alcântara-Mar.

O comboio Trans-sub-Tejo apita, avisando os mais distraídos de que devem afastar-se da borda da doca, chamam travões e, lá à frente, aclara-se a boca do túnel da Estação do Seixal.

Abrem-se as portas para descarregar os últimos operários e engenheiros do turno da noite. Os primeiros avançam como se os pés lhes pesassem, envoltos na gelatina dos mortos que lograram agarrar-se-lhes aos corpos. Os engenheiros saltam pelas portas da segunda classe, dão palmadas nos ombros uns dos outros e desaparecem nos diversos corredores de acesso. Passadeiras mecânicas irão conduzi-los às respectivas fábricas de conserva. Em dois minutos, a doca fica despovoada, à parte uns quantos espectros que vagueiam a esmo, sem conseguirem acertar com o acesso à terceira classe.

Silvério tem os olhos fixos no átrio da Estação, mas não vê nada. Sente-se incapaz de ler os cartazes grafitados que anunciam, em cores garridas, novas conservas de enguia e de sardinha. Não consegue sequer olhar para o chão sebento, que um mecanóide se esforça inutilmente por varrer. O vidro baço da única janela situada ao lado da cabina do guarda-freios também não dá margem para mais. Lá ao fundo, rasga-se a boca do túnel que levará a composição à via paralela de regresso. Uma boca esfaimada, feita de metal e sombrios presságios. Uma boca que o enche de medo — e só isso interessa.

Entretanto, o chão pulsa. A locomotiva, embora imóvel, abana. Uma nuvezinha feita de ferrugem e cimento apodrecido tomba do tecto invisível da estação.

— Temos sismo! — diz-lhe a voz roufenha de Augusto Mendes através do fonador. — Os sacanas devem estar a ligar novas Torres à Rede de Energia e não dizem nada ao pessoal, raios os partam...!

— Não seria melhor suspender as viagens...? — replica Silvério. — Avisar os controladores de serviço? Por uma questão de segurança, não achas? Estes abalos são perigosos. Podem torcer os cabos e cortar a corrente. Detectei há bocado um pico de tensão em toda a linha. Foi baixinho, mas ainda pode haver outros...

— Ná! — resmungo o guarda-freios do outro lado da porta. — Tenho o telefone ligado e, até ao momento, não recebi indicações para isso. E quem manda nesta treta toda são eles, os patrões. Estás com vontade de ser corrido por decidires aquilo que não te compete decidir? Trinta segundos para arrancar. Aqui vamos nós... Fechar portas! Atenção ao espaço entre a composição e o cais... quinze segundos... dez...

— O chão continua a tremer... o abalo ainda não terminou... acho uma imprudência...

— A responsabilidade não é tua, Zé...! Portas fechadas. Pressurização em curso. Arrancar, arrancar...

Desprendem-se os freios. Lá no alto, a catenária cospe faíscas contra o veio de alimentação. A locomotiva religa o farol para a intensidade máxima. Uma luzinha verde acende-se no fundo do cais, indicando que podem seguir em frente. Um vento carregado de odores a borracha queimada sopra pelos ventiladores, mesmo contra o nariz de José Silvério. Os ouvidos estalam, discretos, enquanto se equalizam pressões. Devagar, devagar, mais rápido, mais rápido, a composição afunda-se no novo túnel, curva a trezentos e sessenta graus, estremece, vibra, endireita-se, acelera, mais, mais, mais, deixa para trás a Estação deserta do Seixal, onde ninguém entrou a não ser uma mão-cheia de sombras, e embrenha-se na nova via, outra vez de regresso à Estação terminal de Alcântara-Mar.

E mesmo assim, apesar dos amortecedores que deveriam abafar este tipo de fenómenos, apesar das duplas placas metálicas do túnel que a protegem do aperto das rochas e da força cega dos rios subterrâneos, Silvério continua a sentir que qualquer coisa está mal, que o abalo já deveria ter terminado, que a composição vibra demasiado, que cometeram um erro que lhes vai custar muito caro.

Infelizmente, já é tarde para recuar. Ei-los que mergulham rumo às profundezas da terra. Ou rumo à Noite dos Tempos, se quiséssemos ser um pouco mais poéticos.

E Silvério não se pode dar ao luxo de ficar ali, de olhos fixos na janela, a contemplar o monótono deslizar do túnel. Tem de picar o ponto uma vez mais. Tem de percorrer a composição até à outra extremidade, embora o comboio esteja vazio, sem um único passageiro que se possa classificar como humano. Por muito assustado que se sinta, terá de se consolar com a monotonia do hábito.

Silvério já percorreu metade do comboio, a arrastar os pés para fazer horas, a afastar para o lado — ou seja, para baixo dos bancos laterais — todo o lixo que os passageiros decidiram deixar espalhado pelo chão. Está junto à porta que o conduzirá à mega-carruagem de terceira classe quando o chão palpita uma vez mais, mas desta vez a sério, num abalo violento e viril que não deixa margens para dúvidas. As luzes do tecto piscam, apagam-se, reacendem-se, uma delas estala, incapaz de suportar o excesso de corrente, vidrinhos chovem-lhe sobre o boné, um chega mesmo a fazer-lhe um pequeno corte nas costas da mão direita que, instintivamente, ergueu para se proteger e, por fim, ouvem-se os freios de emergência a guinchar numa daquelas travagens radicais, Silvério tomba estatelado no meio do lixo, do vinho e da cerveja entornados e, neste caos de sons, sacudidelas, estremeções, a catenária, no alto, é cusvida do veio de alimentação e o comboio inteiro mergulha na treva mais profunda.

— Estou feito, gaita, estou feito! — geme Silvério, ainda encolhido no chão da carruagem. — Vamos descarrilar... Nossa Senhora...!!

Só ao fim de alguns segundos de silêncio se apercebe de que o comboio continua firme e quedo, imobilizado a meio do túnel, a centenas de metros abaixo da superfície do Tejo. O revisor levanta-se às apalpadelas, lembra-se das horas de formação nas quais foi instruído quanto aos modos de responder a emergências como esta, toca com a mão na lanterna eléctrica que traz ao peito, liga o interruptor, e, na pálida claridade do foco luminoso, observa o espaço em volta. A composição Trans-sub-Tejo não tem uma única janela, a não ser na frente da locomotiva e no compartimento das traseiras, onde se situa o segundo relógio de ponto. A carruagem de segunda classe está envolta numa nuvem de pó e pequenas partículas de ferrugem e tinta escamada que se desprenderam do tecto. Evola-se do chão um cheiro a ferro quente e borracha ultrajada. Sem energia, os ventiladores deixaram de funcionar. O ar respirável escapa-se, em pequenos silvos, pelas frinchas mal calafetadas. Quanto ao comboio, esse acha-se imóvel, ainda bem assente sobre os carris, mas o abalo telúrico, ou as suas réplicas, fazem-se sentir ainda, como se uma mão imensa insistisse em embalar as carruagens.

Silvério é homem, mas, em boa verdade, ninguém consegue resistir incólume a sustos destes. Um quantas gotinhas de urina molharam-lhe as ceroulas de algodão. Faz figas para que ninguém note, pois o uniforme é de

cor escura e, aqui em baixo, a única luz é aquela que brota da sua lanterna. Tem de se despachar, se quiser fazer alguma coisa de útil. A carga não dará para além de meia hora, e mesmo assim... Se a energia não for repostada nos próximos minutos, a atmosfera ficará saturada. O prenúncio de uma nova enxaqueca começa já a martirizar-lhe as tēmporas.

Titubeante, põe-se de pé, sacode o lixo que se lhe colou às calças e dirige-se ao telefone interno, ao lado da comporta para a terceira classe. Faz rodar a manivela. Uma, duas, três vezes, até que a voz sumida do guarda-freios finalmente lhe responda.

— Sim? Amália? Que temos para o jantar?

— Amália era a tua mãezinha! Aqui Silvério! Sabes onde estás? Augusto!!!

Um gemido. Uma praga. Restolhada. Ouvem-se vozes a ciciar no fundo da linha, como se houvesse mais alguém à escuta. Não passam de inter-fêrências. Vozes de mortos a debitar vacuidades.

— Ah... Zé... desculpa... — responde enfim o guarda-freios. — Estou um bocado tonto... bati com a cabeça no vidro... uma turra dos diabos... acho que estou a sangrar...

— Eu disse-te, cabrão de merda! Eu avisei-te, porra! — grita Silvério pelo auscultador. — E agora?! Que fazemos nós?!

— Bom... espera... a catenária saltou... estamos sem corrente. Vais ter de ir lá fora repô-la, só isso...

— O quê? Ir *lá fora*?! Estás doido ou quê?!

No fundo dos fios, há vozes, a rir. Outras parecem implorar qualquer coisa de sublime. Silvério mantém-se à espera de uma solução diferente, mas quando esta chega, tem a força inteira da inevitabilidade.

— Qual é o problema?! Que raio, Zé!, repetiste este exercício tantas vezes durante os treinos...! Baixas a escada de acesso ao telhado na carruagem de terceira classe. Ligas o tubo de oxigénio à boca. Aspiras uma boa golfada de ar. Sobes. E, quando chegares lá acima, puxas pelo fio da catenária e voltas a ligá-la ao veio. A corrente ainda está a passar... Consigo ver as chispas aqui da janela...

— Não... não... não...

— Que gaita!, ouve o que eu te digo...!! Estou magoado. A sangrar da testa. Os protocolos proibem-me de abandonar a cabina, a não ser em casos de extrema emergência. Tens de ser tu a fazer o serviço, 'tá entendido? É tudo uma questão de rotina...

— Não podes pedir socorro? Telefonar para a Estação?

— José, José...! Estamos sem energia. Cai na real. Não há comunicações possíveis ou auxílios externos... Não faço a menor ideia se o comboio, que deve vir atrás de nós, também se imobilizou... Se não for esse o caso,

percebes?, se os disjuntores de aviso não dispararam, se ele continua a avançar na nossa direção, vai haver um acidente a sério dentro de dez minutos! Isso quer dizer que a catenária *tem* de estar ligada nos próximos cinco. Sem apelo nem agravo! Já, Zé, já!

Silvério engole em seco. O guarda-freios tem razão. É preciso ligar a catenária o mais depressa possível. O pior é que as coisas não são assim tão simples. A única escada que dá para a escotilha encontra-se na carruagem de terceira classe. A carruagem em que os *mortos* viajam. Onde esperam sentados por um passageiro vivo. Famintos. Inquietos. Quedos. Sérios. Ausentes. E, desta vez, sem uma única luz que ofusque todo o horror das suas presenças.

— Vai à merda! — berra Silvério pelo auscultador, como se os insultos pudessem ter alguma utilidade prática. Lá muito ao longe, escuta uma gargalhada e tem a certeza, a certeza absoluta, de que ela não veio do seu colega de trabalho, mas de qualquer coisa imensa, malévola, qualquer coisa que, aos poucos, se aproxima. A todo o vapor.

Silvério bate com o telefone no descanso, sustém um vômito azedo, sacode a bateria da lanterna, que resolveu fazer das suas e diminuir ainda mais a intensidade do foco luminoso, abre à força as comportas de pressão para a carruagem de terceira classe, limpa uma lágrima que lhe escorre pelo canto do olho e mergulha de cabeça na triste monotonia dos seus pavores quotidianos.

E os mortos lá estão onde deviam estar. Sentados, com as mãos apoiadas no colo e os olhos fixos nos companheiros, também eles sentados na fila oposta. Mesmo no meio das trevas que invadiram a carruagem, parecem brilhar. Os seus contornos são perfeitamente visíveis, como se os houvessem desenhado a néon. A maior parte deles traz ainda vestido o uniforme da fábrica em que morreram, ao serviço da nação e da glória do capitalismo selvagem. Os fios de electroestimulação enroscam-se-lhes no pescoço como serpentes feitas de cobre. À transparência, por baixo das películas engelhadas dos uniformes, as vísceras contorcem-se e os corações pulsam, bombeando sabe-se lá que fluidos para um cérebro que há muito deixou de funcionar. Quase todos velhos, consumidos por horas e horas de trabalho acorrentados às cadeias de produção. Morreram de aneurismas, enfartes, avitaminoses ou deficiências hepáticas. Alguns deles, à falta de espaço nos bancos laterais, aglomeram-se em cacho junto às presilhas de segurança penduradas no tecto do corredor central, numa espécie de casulo viscoso, onde tóraxes, braços, pernas e crânios se conjugam num conjunto que ora se diferencia em formas individualizadas, ora se mescla em qualquer coisa visualmente incompreensível. Há também nados-mortos, a gatinhar pelo chão. Crianças que nasceram enquanto a mãe trabalhava sem que ela desse

por isso, que escorregaram por entre as pernas insensíveis para o chão da fábrica, e de imediato foram varridas dali por um mecha mal programado, incapaz de distinguir o lixo da carne viva. Os malnascidos arrastam-se como lesmas, boquinhas abertas num choro inaudível em busca do peito materno ou de uma perna humana, à qual se possam agarrar e sugar um pouco de força anímica. Mas o pior de tudo — pelo menos na opinião de Silvério — são as mãos com dedos espatulados em forma de ventosas. É graças a elas que os mortos conseguem colar-se aos vivos e partir com eles, para um repasto que provavelmente durará uma vida inteira. Os mortos são como sanguessugas, só que não chupam sangue mas qualquer outra coisa, algo vital que existe em todos nós e que Silvério, ignorante nestes assuntos, não consegue determinar. A carruagem de terceira classe está atulhada deles. O revisor nunca antes viu tantos juntos num só lugar.

Silvério avança para o interior da carruagem, em direcção ao manípulo de segurança ali posto para fazer descer a escada metálica que leva ao tecto, manípulo protegido por uma portinhola de vidro reforçado que apenas pode ser aberta com a chave-mestra que traz no cinto. Avança devagarinho, como se estivesse a cruzar um oceano de gelatina, bastão de cobre erguido como a bengala de um cego, a transformar os obstáculos mais renitentes em pontinhos de cinza fria. Não faz ideia, nem quer saber, se eles, os mortos, o reconhecem. Se o identificam como o inimigo que com eles se cruza várias vezes por noite, sempre disposto a eliminar os mais afoitos. No breu absoluto desta carruagem sem janelas, o brilho dos mortos nada ilumina em redor. É como se a luz que os espectros libertam, essa luz vaporosa e triste, não servisse para iluminar mais nada a não ser eles próprios. Só a lanterna renitente que Silvério transporta ao peito tem alguma utilidade. Quanto às luzes de emergência, essas nunca chegaram a acender-se, ou porque os fusíveis grelharam ou porque os técnicos de manutenção jamais se deram ao trabalho de renovar as baterias.

São cinquenta metros de um percurso infernal até conseguir chegar junto da portinhola, enfiar a chave, rodá-la para a direita e, depois, puxar pela alavanca, uma, duas, três vezes. Só então as engrenagens, calcinadas pela falta de uso, resolvem obedecer-lhe.

Com um estalo seco, a escada de serviço tomba do tecto, desbaratando uns quantos espectros que tinham resolvido esperar naquele sítio, ligados uns aos outros num abraço de indiferente ternura. Silvério faz rodar o bastão (que em boa hora comprou, com as suas economias, numa loja de exorcismos, no alto da Graça!), desfaz em cinzas os mais ousados, chega-se à escada e começa a subir. Bastam dez degraus para que logo dê com a cabeça na comporta do tecto. Aí está o guião de ferro pronto a ser usado, com umas quantas placas de aviso advertindo que *lá fora*, no interior do túnel, a

atmosfera é tóxica, e que todo o inspector deverá munir-se de uma máscara de oxigénio. Com a mão livre, Silvério desprende o bocal que os revisores trazem preso aos cintos, enfia o elástico pela nuca, ajusta tudo a preceito e, por fim, acciona o manípulo da garrafinha de oxigénio comprimido. A primeira baforada de gás dá-lhe volta ao estômago e quase cai de costas sobre a multidão de mortos que, de cabeças inclinadas para trás, observam o desenrolar de todo este processo. Depois, ainda assolado de vertigens, a inspirar um ar que sabe a borracha e lhe queima a garganta, pressiona o guião com toda a força de um só braço, até este dar de si e levantar a comporta de acesso.

Imediatamente o ar escapa-se da carruagem pressurizada, primeiro num estrondo, depois num silvo, e, finalmente, num sopro de agonia. Com ele vêm torvelinhos de lixo, de pó, de papelada, fios, pêlos e pele escamada, restos de sola e fragmentos de borracha. Tudo isto gira e regira em torno de Silvério, que se agarra à escada com unhas e dentes, a cabeça encolhida sobre os ombros, a clamar em silêncio contra os engenheiros que nunca se deram ao trabalho de incluir ali uma dupla comporta.

E, quando tudo parece estar terminado, quando já não resta a menor dúvida de que as pressões se equilibraram, no momento em que Silvério resolve enfiar a cabeça pela comporta e assomar ao telhado, eis que uma catarata de água começa a desaguar para o interior da carruagem. O revisor solta um gritinho assustado e encolhe-se ainda mais no topo da escada. Grita, pensando que todo o túnel está alagado e que vai finir-se ali, vítima da enxurrada. Mas esta água que verte sobre ele é, também ela, uma água fantasma, de um azul profundo e cristalino, como se estivesse a ser iluminada, lá do alto, por um sol de outras eras. A água percorre-lhe o corpo sem o molhar, e inunda o interior da carruagem como se fosse uma mancha de tinta-da-china azul a mesclar-se num líquido mais translúcido. Poucos segundos depois, Silvério está perdido num oceano de impossível beleza. O túnel desapareceu. Desapareceu o tecto mais o veio de alimentação eléctrica, desapareceram os carris. O mar, pouco profundo, estende-se a toda a volta. Areias e recifes de coral fervilham junto às rodas da carruagem, numa vida frenética e implacável. Crustáceos exóticos mastigam bivalves relutantes. Peixes escamosos, dotados de feiras de dentes, maiores do que uma pescada, adejam em volta, perseguindo qualquer coisa parecida com um cardume de lulas. E, nos ouvidos de Silvério, soam ecos. Ecos do marulhar das ondas, dos gritos subsónicos dos peixes, do estrondo das vagas contra uma costa invisível.

É de mais. Há limites para tudo e Silvério chegou ao seu. Grita. De boca aberta, grita, desalmado, num bramir abafado pelo bocal de oxigénio, grita e bate com os pés e as mãos no topo da carruagem para chamar a atenção

do guarda-freios e pedir-lhe ajuda, grita porque deixou de ver o topo do túnel e, sem isso, como é que pode ajustar a catenária?

E o oceano miocénico, fantasmal e indiferente, velho de vinte milhões de anos, segreda-lhe aos ouvidos secretas ameaças.

Augusto Mendes, fechado na cabina de pilotagem, encostado à barra metálica que lhe serve de assento, tem os olhos pregados no relógio onde os segundos não param de correr. Do seu colega Silvério não há notícias, nem um só telefonema feito a partir do topo da composição a dizer-lhe que está prestes a ligar a catenária. De qualquer modo, os mostradores continuam mortos. Impossível arrancar, impossível saber se há uma outra composição a aproximar-se desta a toda a brida, rumo a um choque cataclísmico. Irritado, morde os lábios e pragueja baixinho. Há muito que deveria ter denunciado o Silvério às autoridades competentes. Ter-lhes pedido para o transferirem, explicar-lhes em total confiança que o desgraçado andava prestes a estoirar pelas costuras, que sofria amiúde de ataques de claustrofobia e, como se isso não bastasse, ainda por cima afirmava ver gente morta — espectros de trabalhadores defuntos, olhem lá! — a viajar na carruagem de terceira classe. Pessoal como aquele não devia trabalhar nas composições Trans-sub-Tejo. Não devia mesmo, pois quem tem medo do escuro e de tudo o que nele se esconde, corre o risco de estalar como um vidrinho à mais pequena dificuldade.

Augusto Mendes tamborila com os dedos no painel de controlo onde não brilha uma única luzinha, aguarda cinco, seis minutos, cada vez mais arreliado, até que ouve estrondos a propagarem-se pelo topo das carruagens, estrondos de punhos e botas a bater, sinal de que o Silvério chegou lá acima, mas que deve estar agora a debater-se com um ataque de histeria inibidora.

Isto só eu...!, resmunga entre dentes, abrindo a porta da cabina de pilotagem — coisa grave, se um inspector algum dia viesse a saber... — e enfia-se pelo estreito corredor que leva à carruagem de primeira classe. Mexe-se rápido, a verificar o estado da lanterna, a carga da botija de oxigénio, pelo menos tão depressa quanto lho permitem as pernas entorpecidas por horas de imobilidade num espaço tão exíguo.

Da primeira classe, acede às carruagens da segunda e, em seguida, à comporta que dá para a terceira classe. E aí está ele, confrontado com uma porta que não se abre, que resiste às forças e aos impropérios do guarda-freios. Até, finalmente, se lembrar de que a terceira classe está despressurizada e de que, por causa disso, a pressão do ar ambiente não lhe permite o acesso.

Merda, merda, merda..., resmunga baixinho, pois vai ter de voltar atrás,

fechar as portas desta carruagem, despressurizá-la, para só então conseguir abrir a comporta e penetrar naquela a partir da qual o estafermo do Silvério ascendeu ao tecto.

Mais dois minutos perdidos, para poder resolver o problema.

E aqui está o ar a escapar-se pelos opérculos de ventilação. Os ouvidos a estalarem. A cabeça, já de si martirizada pela turra que sofreu, a latejar um pouco mais, com a promessa acrescida de que a dor aumentará nos próximos dias.

Entretanto, lá no alto, cessaram os murros e os pontapés. Sinal de que Silvério caiu em si, de que está neste momento a cumprir ordens ou que ensandeceu de uma vez por todas. *Há sempre um quartinho que espera por ti em Rilhafoles*, pensa o guarda-freios, com uma pontinha de maldade. *Quando regressarmos à Estação, vais ver como elas te mordem...!*

Sem que saiba porquê, porém, este súbito silêncio não lhe augura nada de bom. Augusto Mendes apressa-se a atravessar a carruagem deserta, atafalhada de lixo e a feder a sovaco, para chegar à escada que dá para o telhado da composição.

— Silvério, ó Silvério, estás aí? — pergunta, num grito abafado pelo bocal do respirador. Não há voz que lhe responda.

Merda!, vocífera uma vez mais enquanto começa a trepar a escada, tolhido pelo peso dos adereços no cinto e pela idade, que não perdoa em casos como este. *Merda, merda, merda...!*

Silvério sufoca aos poucos num oceano de azul. Tanta convulsão e tanto grito quase lhe esgotaram o oxigénio da botija. As mãos agarram-se aos aros de segurança como se fossem garras, receoso de ser arrastado na correnteza de um mar esquecido no negrume das eras. Nunca mais se lembrou de pegar no cordão da catenária. Ainda há pouco, um baleote, indiferente, lhe passou sobre a cabeça, num torvelinho de bolhas cristalinas. Agora está rodeado por um cardume de tubarões gigantes, três a quattros vezes maiores do que aqueles que se lembra de ter visto nas fotos naturalistas do *Século Ilustrado*. Tubarões que parecem olhar para este intruso como se avaliassem a sua comestibilidade.

Silvério geme, abre e fecha a boca como um peixe fora de água, sem que consiga dar-se conta da ironia e do ridículo do gesto.

E quando o colega Augusto Mendes ascende ao telhado da carruagem, envolto no halo luminescente da lanterna que traz ao peito, Silvério não consegue fazer mais nada que não seja apontar em volta, para este mar que o engoliu, para esta claridade pálida que brota do alto, para as assombrações milenares do túnel Trans-sub-Tejo.

O guarda-freios grita-lhe qualquer coisa aos ouvidos, mas Silvério não consegue escutar outra coisa além do estrondo do oceano. Lá ao longe, lá muito ao longe, há uma forma sinuosa que se aproxima a enorme velocidade. Uma forma imensa, coberta de escamas, com um par de olhos amarelados a fulgir de fome e de maldade.

Augusto Mendes passa por cima dele, de braços abertos para se equilibrar na rotundidade do tecto, as mãos a tactear o cordão da catenária, a fazerem rodar o cabo rígido na direcção do veio de energia, numa batalha que dura quase um minuto até conseguir acertar no veio e restabelecer a corrente eléctrica no comboio. Lá em baixo, na carruagem de terceira classe, acendem-se as luzes de presença. Ouve-se um chiado dos condensadores, emergindo de um sono que durou alguns minutos. Soa um apito estridente de aviso, agora que a IM do comboio despertou para a grave situação em que este se encontra. Lá na frente, o holofote voltou a iluminar o breu do túnel. Estão prontos para arrancar rumo à Estação terminal. Como se isso fosse ainda possível.

Silvério grita, o dedo apontado para as traseiras do comboio. Um crocodilo gigante, com mais de vinte e cinco metros de extensão, aproxima-se dele, a flutuar, de boca aberta, uma boca que decerto o deglutirá por inteiro.

O grito faz com que Augusto Mendes desvie o olhar do túnel, iluminado pelo holofote da locomotiva. Apercebe-se de que a sirene de alarme ainda não se calou. Ouve o guinchar de travões. E vira-se para trás. Para o olho imenso, coruscante, do comboio 05 da 01:30 que não vai conseguir imobilizar-se a tempo.

Silvério e Mendes cerram os olhos, encolhem-se um contra o outro como se isso os pudesse proteger, e, assim abraçados pelo menos uma vez na vida, aguardam o impacto inevitável.

4

Os mortos viajam. Viajam nos transportes que sempre os serviram enquanto estavam vivos, como se a agonia do hábito lhes desse razões para continuarem a existir. Viajam de pé, sentados, onde quer que haja lugar, ou deixam-se ficar imóveis, à espera que o comboio volte a arrancar e da entrada de novos passageiros que lhes façam companhia.

Neste preciso instante, não há nada vivo em volta deles. Apenas fer-

ros entrelaçados, vidro estalado, borracha queimada. Os assentos, feitos em farripas. O chão da carruagem de terceira classe, empolado, rebentado, enquanto ela se comprimia como as pregas de um harmônio. Barras de ferro atravessadas de um lado ao outro, tornando impossível qualquer deslocação no interior. As luzes do tecto, fundidas. A carruagem fora dos trilhos, esborrachada contra as placas metálicas que protegem as paredes do túnel. Lá ao alto do corredor, quebrado, o veio de alimentação. Horas após o impacto inicial, não se ouve um simples gemido. Apenas os estalidos mecânicos de duas composições, tão emaranhadas uma na outra que parecem ser uma única. E vão continuar assim, durante horas, dias, meses, anos. Os estragos são tantos que a Companhia administradora das viagens Trans-sub-Tejo resolveu lavar as mãos e abrir falência.

Sentados nos espaços exíguos que o comboio ainda lhes oferece, comprimidos numa massa gelatinosa onde já nem se distingue os corpos individuais, com a paciência que só a eles compete, os mortos, todavia, esperam e continuarão à espera durante muito, muito tempo.

Entre os mortos estão, agora, José Silvério e Augusto Mendes. Abraçados um ao outro, tal qual como morreram. Os olhos abertos, como se contemplassem um espectáculo de destruição que se eterniza.

Mas são *sombras* e, como sombras que são neste mundo de breu, já nada lhes importa.

Mercês, 24 de Novembro, 2010



**VENHA
A MIM O
NOSSO REINO**

DE RICARDO CORREIA

Ricardo Correia nasceu em 1985 em Lisboa. Este Designer de Comunicação, Ilustrador, Professor de Ilustração e Autor de BD, habituado a mover-se pelas linhas da poesia, dos contos infantis, e dos argumentos de BD, viu o desafio lançado por esta Antologia como uma forma de ganhar coragem e mergulhar, pé ante pé, no caminho da FC.

A Ficção Científica e a Fantasia fizeram parte da sua vivência desde tenra idade: o avô, ávido consumidor de literatura Fantástica habituou-o a viagens pela imaginação visualmente auxiliadas por séries e filmes de culto, rodeando o seu crescimento até aos dias de hoje por uma aura de fantasia. Há quem diga que habita grande parte dos seus dias noutras dimensões, desligado da realidade normalizada do quotidiano, tendo como banda sonora dessas incursões extraterrenas uma dúzia de bandas de Rock Progressivo.

Ter a Rainha ali na cama, de rabo erguido, superava todas as expectativas que algum dia tinha tido. Idos os tempos do Grémio dos Electricistas do Oeste, em que sempre tentou, de formas mais ou menos dissimuladas, fornicar o Poder vigente da Coroa, estava agora a fazê-lo, literal e selvaticamente, à mui amada Rainha Amália III. A pele alva Real, coroada de sardas herdadas de gerações endogâmicas de procriação luso-britânica, tinha marcas vermelhas de mãos onde Luís Couto excitadamente a agarrava. A Rainha gemia prazerosamente, abafando os sons emitidos pelos servos mecanóides que aproveitavam a presença do Comprador para arrumar a roupa nos guarda-vestidos, numa tentativa quase-humana de mostrar serventia e agradar ao dono que lhes alimentava as baterias.

O clímax de Luís Couto foi aclamado pelo séquito de mecanóides, programados para alimentarem o ego do seu amo. “Urras!” e “Vivas!” entoados com voz electrónica mesclavam-se ao ouvido com os gemidos animalescos do patrão. Cansado, levantou-se da cama, e dirigiu-se à cómoda, esperando calmamente que os servos saíssem do caminho, enquanto lhe davam leves palmadas nas costas de congratulação. A Rainha deitara-se entretanto com a cara apoiada na almofada e procurava-o com o olhar.

— A sua bênção, Reverendo — sussurrou a Rainha.

— Já aí a tens. Agora vai-te lavar. Deixa que a ama te ajude — respondeu Luís.

A mecanóide aproximou-se da Rainha com movimentos duros e estilizados. Notoriamente um modelo ultrapassado pelos mecanóides *state of the art* com movimentos fluidos e aproximadamente orgânicos. Vestida com um traje de governanta vitoriano, a mecanóide tinha um ar desconfortável como se o conjunto não pertencesse a uma realidade tangível. Na verdade estava ridícula assim vestida, como se fosse a materialização de uma piada imbecil do seu dono.

Luís gesticulou com a mão para a porta como quem enxota o escravo inoportuno, a que se seguiu uma debandada quase desesperada dos mecanóides. Sozinho, aproveitou para abrir a caixinha de rapé com um Tesla com relâmpagos nas mãos gravado, e de lá despejou um risco de neuro-ópio no tampo da mesa da cómoda. Olhou para a substância en-

fileirada no tampo da mesa e pensou nas drogas de baixo nível, domesticamente fabricadas no subúrbio da Damaia (de onde se podia obter a mais barata mixórdia estupefaciente) que costumava tomar antes de encontrar o Caminho da Luz de Deus. E convenhamos que para ele essa Luz era Electromagnética. E traduzia-se perfeitamente em dinheiro. Muito, muito dinheiro mesmo. *Deus compensa os seus fiéis*, pensou. E este pensamento foi subitamente interrompido pela inalação abrupta da linha de neuro-ópio. Segundos depois da inalação, seguiu-se a tosse convulsiva ensanguentada que comprovava a qualidade do material e a sua eficácia: em breve ia encontrar-se com Deus. Mas não definitivamente, isso não. Apenas um *tête-à-tête* amigável entre dois companheiros de armas. Porque isto da religião é uma guerra e queremos sempre ter na nossa trincheira o mais Onnipotente entre os onnipotentes. Seja ele verdadeiro ou não, que isto da Verdade divina é altamente sobrevalorizado. No exterminar o adversário é que está o verdadeiro Caminho.

Do ponto de vista médico e neuro-sensorial, Deus é para Luís, na realidade, como uma série de erros neurais e sinapses falhadas. O seu equilíbrio eléctrico-neurológico foi altamente afectado pelo uso continuado de neuro-ópio, e anteriormente de outras drogas de baixa qualidade. Para não falar do acidente profissional de há 16 anos que o vitimou e alterou por completo a sua essência: as células cerebrais. De uma forma, o acidente reprogramou-o: trouxe à superfície o fanático religioso que estava soterrado pelo subversivo sindicalista. E da luta entre ambos saiu vitorioso o déspota divino, embebido de uma vontade missionária e uma sede sangrenta.

Luís acordou sozinho no dia seguinte, nauseado pelo odor fétido do seu próprio vómito. Ainda com a cabeça enevoada, atirou os pés desajeitadamente para fora da cama e ergueu-se cambaleante. Levantou um painel na mesinha-de-cabeceira e carregou, entre tremores, no botão LIMPAR. De súbito as cobertas, lençóis, almofadas foram sugados por compartimentos laterais da cama, deixando apenas o colchão manchado que se foi esvaziando aos poucos, onde restou a descoberto apenas a estrutura da cama em mogno. Após uma paragem na sanita para mais uma limpeza gástrica matinal, chamou os mecanóides que trouxeram a roupa, criteriosamente lavada e engomada, e o ajudaram a vestir.

Enquanto aguardava pelo pequeno-almoço, deu alguma atenção ao electrotablóide trazido pelo servo. Em letras garrafais e sensacionalistas podia ler-se:

ENCONTRADA FINALMENTE A FREIRA-NINJA DA
IRMANDADE DE MARIA DESAPARECIDA HÁ 4 DIAS
Corpo visivelmente mutilado sugere violência e brutalidade
desmedidas

Luís esboçou um sorriso vitorioso, enquanto bebia o seu café matinal, safra S. Tomé e Príncipe de 1997, o seu favorito, sem açúcar e mal coado, trincando alguns grãos de café que acompanhavam a bebida, que para além da cafeína, sabia também a vitória.

Pelas 14 horas saiu de casa, para enfrentar a névoa inverno-industrial de Lisboa. Com as dezenas de pensamentos pendentes na sua cabeça, aproveitou para fazer o trajecto Picoas-Rossio através das passadeiras pedestres que ladeiam a Avenida Fontes Pereira de Melo e a Avenida da Liberdade. Ao chegar ao Rossio, e por entre o fumo fabril e a geada do Inverno seco que se fazia sentir, viu, imponente e contemplativa, a estátua de Tesla, de raios caídos das mãos, símbolo da sua Igreja, que mandou construir em Almada. A estátua, de braços abertos, parecia proteger trans-fluvialmente o Terreiro do Paço: sede ministerial do Reino.

Luís entrou no Palácio dos Inquisidores, no Rossio, sede da Igreja do Deus Electromagnético. Por vezes, quando ali entrava, pensava no quão idiota tinha sido Passos Manuel em transformar aquele magnífico edifício no Teatro Nacional de D. Maria II. Salvé o Deus Electromagnético, pela sua mão e pelo seu divino poderio financeiro, que lhe permitiu salvar o edifício e transformá-lo na sua Igreja Principal. Uma grande estátua de Tesla de braços abertos com relâmpagos nas mãos saudava os recém-chegados à Igreja, direccionada para a sua contraparte do outro lado do rio.

O crepitar das bobinas de Tesla que ladeavam a estátua-símbolo da Igreja no altar-mor abafava o balbuciar de rezas e ladainhas das beatas que se ajoelhavam na nave central. Luís pairava entre elas, superior, levantando a mão de forma indiferente, ainda que a mão divina transforme o escárnio na mais laica das manifestações religiosas. Dirigiu-se para o altar, onde o seu braço-direito o esperava para dar início ao sermão vespertino. Ironicamente o seu acólito tinha apenas o braço esquerdo e uma prótese mecânica em forma de pinça onde deveria estar o seu braço direito. Deficiência congénita. Dizem as más-línguas que se deveu a uma alteração molecular ocorrida durante a gravidez, devido a fortes campos electromagnéticos. Insensatas palavras dos descrentes, como é óbvio. O electromagnetismo é a cura e a salvação. Todas as deficiências são desígnios de Deus como demonstração de um plano-mestre.

Decorrida a hora de sermão, que Luís de forma mecânica e ensaiada debitava para a plateia maioritariamente feminina, regressou ao seu escritório, numa sala anexa à nave central, acompanhado por Miguel, o seu acólito deficiente e *semper fidelis*.

— Padrinho, leu as notícias de hoje? — perguntou o rapaz.

— Sim, e se te referes à descoberta do cadáver da freira-ninja, já te disse que não tenho a minha mão nesse assunto... ainda que o quisesse — respondeu Luís.

— Tem a certeza, Padrinho? — questionou o rapaz, de forma temerária e quase balbuciante.

— Foda-se! Que te disse eu? — respondeu Luís, já com a mão direita em posição de assentar uma saraivada de chapadas eclesiásticas no incauto que ousava questionar a sua palavra.

O rapaz encolheu-se, como resposta pavloviana às tarefas que o educaram desde pequeno. Luís refreou-se, ajeitou o casaco e sentou-se na secretária.

— Não fui eu mas acredita que esta limpeza me está a ajudar mais do que a prejudicar. Quanto mais machadadas os Católicos levarem, melhor para nós. — Esboçou um sorriso sarcástico. — E sabe-se lá o que essas putas andam a fazer por aí, já que pouco se sabe sobre elas?

A conversa foi interrompida por alguém a bater à porta: era a cliente, diga-se antes fiel, que tinha confissão marcada para as 15h15. Era a Sra. Neves, mulher de um dos maiores industriais da metalurgia do Sado, e que representava a camada mais forte da burguesia nacional: aquela a quem a Coroa devia respeito e dinheiro, e que mantinha a existência do Império Luso com injeções monumentais de capital ao serviço do Rei. Luís Couto soube cimentar a sua Igreja com uma destriça muito clara: os seus fiéis pobres, a quem acariciava com sermões radiofónicos, e os seus fiéis ricos (maioritariamente senhoras) a quem, com a contrapartida de algumas singelas dádivas à Igreja, agraciava com sessões de confissão privadas. Eram estas fiéis que serviam de intermediário político para ele: por um lado traziam segredos económico-políticos de casa, revelando nas confissões alguns assuntos que deveriam ser privados dos seus maridos, fossem eles ministros, grandes industriais, Altos-Comandos das Forças Armadas ou mesmo o Rei. Por outro, e visto que os homens da sociedade portuguesa pouco ou nenhum tempo têm para dedicar à religião, permitem que sejam as suas mulheres a ter esse papel evangelizador da sua casa. E claro, não esquecendo outras duas dádivas que estas fiéis lhe traziam: por um lado, o dinheiro que alimentava a sua estrutura, a mais rica e mais influente Igreja do Reino, e, por outro, o prazer da carne. Copular com um Profeta confere uma excitação incomparável.

A Sra. Neves aproveitou para colocar Luís ao corrente das últimas conversas que o círculo privado de amigos do marido tinham tido em sua casa, em especial da visita dessa manhã, do Conde de Bragança, um dos mui respeitados Conselheiros de Estado, que trouxe ao Sr. Neves a desconfiança Real sobre os desaparecimentos das freiras-ninja. Tanto o Rei como o restante Conselho de Estado (do qual o Cardeal Patriarca fazia parte) teciam uma rede de desconfianças que enredavam todas nas mãos de Luís Couto, e este, ciente dos olhares que se abatiam sobre si desde os primeiros desaparecimentos, calcorreava a alta vida social portuguesa com pés ligeiros. Chegava então, pela boca da Sra. Neves, a confirmação de que não eram só os olhares que se abatiam sobre si, mas eventualmente as miras das armas da Guarda Real, e, quiçá, as lâminas eléctricas das freiras-ninja.

O semblante do Profeta alterou-se: carregou-se de preocupação, e os seus olhos, sempre confiantes, enegreceram pela cor do medo. Preocupada, a Sra. Neves apertou-lhe uma das mãos como sinal de conforto. Com a mão que tinha livre acenou para que o acólito saísse da sala: era hora de permitir que a púbis da quarentona burguesa o aliviasse do peso das preocupações. E não só.

Pelo final da tarde Luís acordou seminu e sozinho no seu escritório. Abriu a gaveta da sua secretária e tirou de lá uma caixinha de metal. Espalhou dois riscos de neuro-ópio na mesa, que rapidamente desapareceram com duas fortes inalações. Ainda a meio do transe, pelo meio de imagens de um apocalipse industrial, viu entrar Miguel com uma figura reconhecida: o Engenheiro Barata-Lopes, a quem tinha financiado investigações sobre transferências de alma e existência extrafísica-electromagnética.

— Boa-tarde, Reverendo — disparou o Engenheiro entre a tentativa de disfarçar o incómodo de ver o seu mecenas a sangrar do nariz, seminu, num visível estado de semiconsciência, e o esforço para adicionar um tom de subserviência exagerada à voz.

— Olá, Engenheiro — retorquiu Luís Couto, atropelando as palavras como se elas fossem demasiado pesadas para serem desenhadas pela língua — como está a fase 2 do Projecto Wardenclyffe?

— Quase terminada. Aliás, as alterações efectuadas à torre central da estátua de Tesla em Almada permitem-me garantir uma eficácia de aproximadamente 97% no que concerne à transferência electromagnética de energia humana.

— Esplêndido! Tens acompanhado o processo técnico, Miguel?

— Sim, Padrinho, neste momento posso autonomamente operar os dispositivos de transferência, assim como o processo de alimentação eléctrica da Teleforce.

Luís Couto sorriu. Algum sangue ainda escorria do seu nariz para os lábios, o que lhe conferia um ar sinistro e sociopata, enquanto procurava na gaveta inferior da secretária pelo livro de cheques. Endossou um cheque de cinquenta mil réis à ordem do Engenheiro Barata-Lopes. Já com os próximos meses da renda da casa pagos, o Engenheiro despediu-se, feliz, do seu mecenas.

Caída a noite em Lisboa, os fumos das fábricas carregavam o ar da Baixa e conferiam um ar doente aos transeuntes, que zombificados se encaminhavam para as passadeiras mecânicas que desaguavam no apeadeiro dos Restauradores. Lá em cima, a algumas dezenas de metros do solo, o monocarril sobrevoava a cidade trazendo no seu interior a burguesia, que, por entre a película de fumo que cobria a capital, vislumbrava o povo, qual gado adoentado, que se apeava pelas principais avenidas. Luís saiu do Palácio, não sem antes conferir que o porteiro-mecanóide trancava os acessos ao edifício e activava as bobinas electromagnéticas do sistema de segurança interno. Apertou o casaco e deu um nó ao cachecol. O frio do final de Novembro parecia piorar quando o ar rarefeito da Baixa lhe entrava pelas narinas e lhe fulminava os brônquios. Sentia-se de alguma forma observado. Não sabia se seria realidade ou apenas uma consequência do recém-transe psicotrópico. Decidiu engolir a avareza (a autopreservação quase que iguala a fidelidade ao dinheiro do sovina mais convicto) e chamou um hover-táxi. Quando entrou, respirou fundo, apenas para tossir a quase totalidade dos seus pulmões. O ar do interior do hover-táxi era ainda mais irrespirável que o da rua. O taxista, com um cigarro aceso no canto da boca, olhou pelo espelho retrovisor e perguntou:

— É p'ra onde, amigo?

— *Cof, cof.* Para a Avenida Fontes Pereira de Melo — respondeu Luís com dificuldade, a equilibrar o esforço de falar com o de sustentar os pulmões dentro da caixa torácica. — Será que podia apagar o cigarro, por favor?

— Ó amigo, olhe que respirar o meu fumo ou o fumo da rua é quase o mesmo. Se quer saber, até acho o tabaco mais saudável do que o preço do dito progresso.

— Pago-lhe o dobro da bandeirada se o fizer. *Cof, cof.* — Lá tossiu um pouco de sangue para o lenço. *Maldito neuro-ópio.*

O taxista lá apagou o cigarro e foi a murmurar palavras azedas pelo resto da curta viagem. Chegados ao destino, o taxista, notoriamente um ex-militar, não fossem as tatuagens da Guerra Ultramarina com a Große Germania a denunciá-lo, olhou novamente pelo retrovisor e questionou o cliente:

— Tem alguém a segui-lo?

— Porque pergunta? Notou algo fora do comum?

— Vi aí uns tipos estranhos quando parámos à frente da casa. Segurança privado? Humano ou mecanóide?

— Sim, mas não no exterior. — Luís colou a cara ao vidro do hover-táxi, a tentar perceber do que o taxista estava a falar, mas não via nada de estranho à volta do seu prédio.

— Quer que o acompanhe? — perguntou o taxista enquanto carregava um revólver secular calibre .44 altamente caído em desuso quando pensamos nas actuais armas de projecção de partículas.

— Basta-me chegar a casa e já estou em segurança — disse Luís, enquanto tirava da carteira umas notas para pagar a bandeirada e a gorjeta a tão prestativo taxista.

Assim que fechou a porta de casa atrás de si, gritou para os servos-mecanóides trancarem tudo e activarem o Programa de Segurança T-2. A casa era agora uma fortaleza.

Luís escorregou pela parede e suspirou de alívio.

Passaram-se duas semanas e o sentimento de temor que preenchia Luís Couto tinha há muito suplantado a avareza extrema e a tristeza pelos largos mil réis que tinha gasto em curtas viagens de hover-táxi. O seu acólito tinha voltado a viver consigo, e a sua companhia era o único conforto que tinha naquelas noites frias e escuras de Dezembro.

Havia uma certa estranheza à sua volta. À medida que os desaparecimentos das freiras-ninja continuavam, também algumas das suas mais fiéis beatas faltavam aos sermões, e às sessões privadas de confissão/cópula. Mas a ausência mais sentida era a da Rainha, que apenas lhe enviou uma mensagem simples pelo seu telefonoscópio: “O meu marido sabe que és tu”. Mas saberia ele do quê? Que Luís Couto era o amante da Rainha? Que erroneamente era o assassino em série que mutilava freiras-ninja? Um traidor germânico? Qualquer que fosse a resposta, o resultado seria o mesmo: se a Coroa notasse um decréscimo do apoio da Alta Burguesia e da Aristocracia a Luís e à sua IDEM, aproveitaria certamente esse momento de fragilidade para infligir o *coup-de-grâce*. Literalmente. E Luís iria encontrar-se com o Pai Electromagnético definitivamente e sentar-se ao lado do Filho Messiânico, Nikola Tesla, no Paraíso extra-terreno onde a energia e o Ser são um só. Mas antes disso provaria que a sua Palavra, aliás, a Palavra do Pai era a Verdade, e que o Rei teria de se subjugar perante a força divina electromagnética.

À hora do almoço dirigiu-se para a Igreja como sempre fazia. A nave central estava anormalmente vazia para um dia da semana. Àquela hora havia sempre um grupo de dez ou doze beatas que lá entoavam as suas la-

dainhas em invocação ao Grande Deus Electromagnético. Dirigiu-se para o seu escritório para inalar uma ou duas linhas de neuro-ópio. À excepção do Miguel, a droga era a sua única companhia. Quando fechou a porta, sentiu uma mão a agarrar-lhe no ombro. *É desta*, pensou. Quando olhou pelo ombro direito, viu o hábito de uma freira-ninja. VRUUMM! — e a lâmina eléctrica iluminava agora a sala, emanando um calor que, pela proximidade com o pescoço de Luís, lhe queimava os pêlos da nuca.

— O Rei enviou-me! Esta é por andares a foder a Rainha e por nos andares a foder também, meu porco pagão — disse a freira-ninja, revelando notoriamente que o treinamento bélico-marcial suplantava a boa educação católica.

ZZRRRRÁÁÁS! — e a lâmina atravessou o pescoço de Luís Couto, decepando-o de imediato e cauterizando as artérias, impedindo que sangrasse como um porco nas festa de S. Tibúrcio.

Foda-se!, pensou, enquanto observava as sapatilhas da freira-ninja a pontapearem a sua cabeça para longe. E o mundo escureceu para Luís Couto, enquanto o cérebro lentamente perdia a oxigenação.

Quando Miguel chegou ao escritório de Luís, estacou durante alguns segundos pela perda do Padrinho. Mas em resposta ao protocolo imposto pelo Engenheiro Barata-Lopes e por Luís Couto, carregou a cabeça debaixo do braço até uma sala secreta por detrás da estante do escritório. Era uma sala relativamente ampla, com dois condutores Tesla a ladear uma torre de bobinas. No centro havia um compartimento metálico de 50x50cm onde Miguel colocou a cabeça do Profeta e ao qual acoplou seis agulhas. Dirigiu-se até um painel de controlo e activou uma alavanca. Por minutos toda a Lisboa ficou sem energia, à excepção do pequeno anexo onde Miguel procedia à intervenção. Os condutores criaram um campo electromagnético que se centrou na torre onde a cabeça de Luís Couto foi inserida. No exterior, era possível observar que a estátua-símbolo que decorava o frontão da Igreja exibia um condutor Tesla na cabeça da figura. Após um momento de silêncio, a cabeça da estátua da Igreja formou um canal electromagnético com a sua gigantesca irmã do outro lado do rio. Os habitantes de Lisboa, ainda atónitos pela falta de energia na capital, voltaram as suas atenções para Almada, de onde a estátua que permanecia de braços abertos criava uma pequena tempestade electromagnética sobre si.

Abriram-se umas comportas no lugar dos olhos da estátua e uma luz brilhante emanou de cada um dos orifícios. Como uma fagulha de vida que se acende num objecto inanimado, a estátua virou a cabeça para o Terreiro do Paço. Com movimentos cadenciados, os braços quebraram a postura de bom anfitrião que lhes era característica, saudando Lisboa com um raio em cada mão, para assumir uma postura de combate, utilizando os raios como

espadas. Ao atingirem uma posição vertical, os raios canalizaram energia da tempestade electromagnética que sobrevoava e transformaram-se em luz. A Luz de Deus, diriam alguns. A estátua avançou, lentamente, pé ante pé, e aproximou-se da falésia de Almada.

— CURVEM-SE PERANTE O ENVIADO DO DEUS ELECTRO-MAGNÉTICO — ribombava a voz de Luís Couto, emitida e amplificada por milhares de volts de potência pela boca da estátua de Tesla, enquanto Lisboa recuperava pouco a pouco o seu abastecimento eléctrico.

— MORTE AOS TRAIDORES DE DEUS! MORTE AO FALSO PODER RÉGIO! ABRACEM A LUZ DIVINA — troava a voz do Reverendo sobre o rio Tejo, projectada na Baixa pombalina, enquanto do peito da estátua saía um canhão com oito metros de comprimento que estabeleceu de imediato pontaria à sede do Poder Ministerial Régio, o Terreiro do Paço.

VvvvrrrrrrrBRRRRAAAAMM! — e o som seco do Raio da Morte cortou o ar de Lisboa e destruiu metade do Terreiro do Paço, deixando uma cratera carbonizada no lugar onde há segundos estavam os edifícios dos Ministérios da Guerra, Império Ultramarino, Finanças e Pecuária.

Os habitantes de Lisboa entraram em histeria massiva: viram pela primeira vez utilizada a arma proibida pelo Tratado de 1962, e do qual apenas haviam lido nos livros de História do Liceu. Era maravilhosamente assustador o som que o raio gritava ao explodir com o ar envolvente. Enquanto o Canhão do Raio da Morte carregava para um segundo disparo, as defesas ribeirinhas activaram-se, gerando um campo de força electromagnética que se estendia desde Xabregas até Alcântara. À sua frente, baterias de canhões de projecção de pulsos electromagnéticos eram activados e apontados à estátua de Tesla, controlada pela consciência *post mortem* do Reverendo Luís Couto. Dezenas de dirigíveis de guerra da Força Aérea Real preenchiam os céus vindos da Base Aérea de Monsanto, dirigindo-se para Almada enquanto lutavam contra a força opositora do campo electromagnético. Luís Couto activou as defesas internas da estátua de Tesla, a sua Teleforce, gerando uma barreira electromagnética à sua volta. À medida que o lento enxame de dirigíveis se aproximava, os olhos de Tesla disparavam condensados raio de projecção de impulsos electromagnéticos que destruíam fileiras de aeronaves.

Com os raios tornados Luz que tinha nas mãos, destruiu outra frota de dirigíveis com movimentos lentos mas poderosos, enquanto a Força Aérea Real ripostava com disparos que não causando dano, enfraqueciam lentamente o escudo da estátua.

BADAM! BADAM! BADAM! — Uma série de disparos dos canhões fluviais anti-forças navais atingiu a estátua, fazendo-a cair para trás e levando à depleção do escudo electromagnético.

A estátua levantou-se com a dificuldade normal de fazer erguer um colosso com 82 metros de altura, enquanto recebia danos estruturais dos dirigíveis que a sobrevoavam.

Com algum esforço, encarou novamente o Terreiro do Paço.

VvvvrrrrrrrBRRRRAAAAMM! — e um segundo disparo do Raio da Morte cortou o ar, apenas para ser absorvido na sua quase totalidade pela barreira electromagnética que cobria Lisboa.

— É INÚTIL RESISTIREM! RENDAM-SE AO PODER DO DEUS ELECTROMAGNÉTICO! — ecoava a voz pelo Tejo, mais fraca, enquanto os disparos dos dirigíveis lhe destruíam a totalidade do braço esquerdo.

BADAM! BADAM! BADAM! — e uma saraivada de disparos dos canhões fluviais destruíram toda a parte inferior da estátua, fazendo o tronco e a cabeça precipitarem-se para o Tejo.

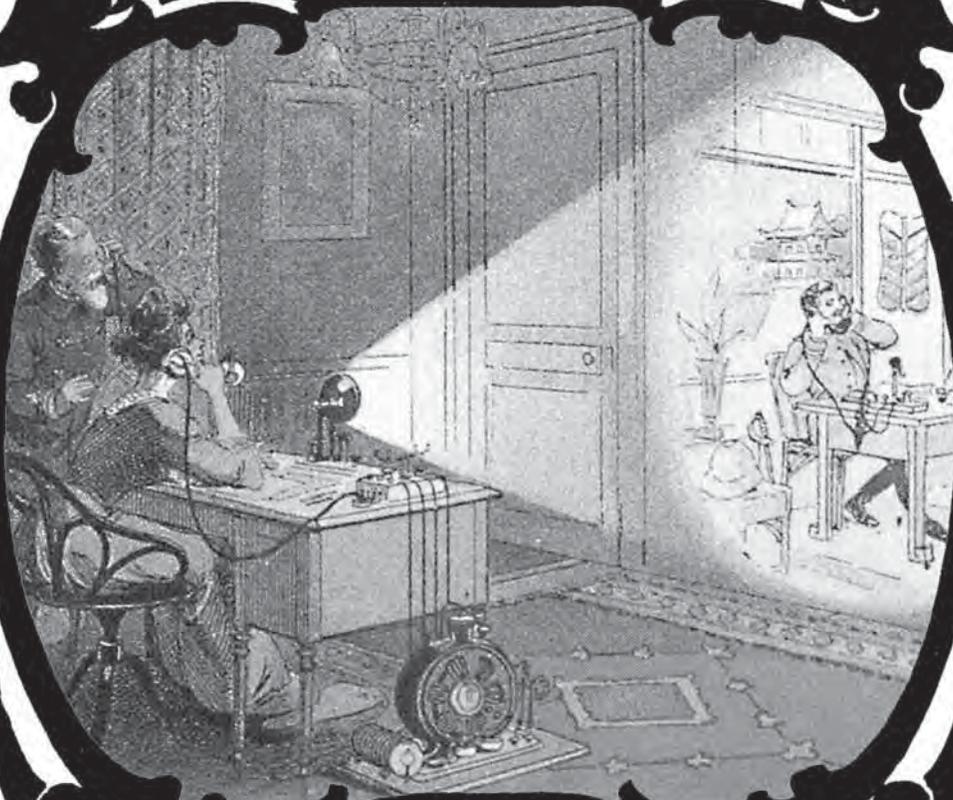
Uma grande onda electromagnética explodiu na superfície do rio quando a estátua embateu contra a força enérgica do plano fluvial.

É agora, Pai!, pensou Luís Couto, enquanto os sistemas do colosso mecanóide lentamente se iam desligando, e consigo os resquícios de humanidade e existência do Reverendo. A sensação desta morte final, do desligar do sistema electromagnético lembrou-o dos transe de neuro-ópio que o aproximaram do Deus, tal qual aquela primeira vez, durante o acidente que teve quando ainda era um mero electricista e a quase-morte por electrocção nas Torres Tesla da Malveira. Agora ia sentar-se ao lado de Deus e do seu filho Nikola Tesla, o Messias que nos permitiu o caminho de ascensão divina. À medida que a consciência se ia esvanecendo, era lentamente despertada por uma espécie de ansiedade neurológico-electromagnética. Ia ver a Luz. Ia fazer parte da Luz. Para sempre. Mas tudo escurecia, cada vez mais. As trevas suplantavam a Luz, e a consciência tornava-se cada vez mais ténue. Ficou desesperado, afinal era tudo um engano, não existia força divina a comandar, nem o Filho que lhe iria dar a mão e indicar-lhe o seu devido lugar no Trono Celestial. Era tudo fruto de abuso de estupefacientes que o haviam destruído neurologicamente. A sua vida foi uma farsa psicotrópica. A sua primeira morte foi uma esperança desnecessária. A sua segunda morte a ilusão de um idiota.

— Foda-se!

... Sistema Tesla offline...

OS FILHOS DO FOGO



DE JORGE PALINHOS

Escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

Jorge Palinhos nasceu em 1977, em Leiria. Tem escrito, dado aulas no Ensino Superior e, ocasionalmente, feito revisões e traduções. É co-editor da revista *Drama*, colabora com várias revistas portuguesas e estrangeiras e tem vários artigos, contos e peças de teatro publicados em revistas e coletâneas nacionais e estrangeiras. Escreveu ainda guiões para filmes e séries de internet. Algumas das suas peças foram premiadas ou apresentadas em Portugal, Brasil e Espanha. Está a realizar um doutoramento na área dos Estudos Culturais.

E uma verdade incontornável da vida que esta é composta por situações agradáveis e por outras que não o são. É um facto natural, inevitável e tão consensual que não vale a pena demorar-me mais nele. Digo-o apenas para constatar que a situação em que me encontrava naquele momento talvez não fosse das mais desagradáveis — encontrava-me na minha própria cama, com um pijama lavado de fresco, entre lençóis limpos, a finalizar a digestão de um bom bacalhau com broa, regado com vinho do Dão e rematado com um excelente havano e um licor de medronho caseiro. Não estava, reconheça-se, mal de todo, mas o facto de ter no meu quarto o prestigiado poeta Casimiro Gonçalves a tentar sufocar-me com uma das minhas almofadas era algo que me incomodava.

A situação tornava-se particularmente desagradável por eu ser incapaz de recordar um motivo para um distinto poeta guardar rancor para comigo, quando ainda há tão pouco o conhecera e da forma mais auspiciosa possível.

Fora durante o jantar da tertúlia mensal em casa da Dona Guedes de Azevedo, no seu grande salão à século XVIII corado por um impressionante lustre. Enquanto a passageira rolante trazia da cozinha para o centro da mesa os pratos de sopa que cada conviva ia retirando para si, o cavalheiro à minha frente estendeu a mão para pegar numa das velas do candelabro suspenso entre nós. A brusquidão do seu gesto apagou três das sete velas acesas, o que fez o cavalheiro sorrir e aproximar a vela que segurava de outra para a acender. Foi nesse momento que os nossos olhos se cruzaram e ele alargou o seu sorriso para mim. Retribuí e comentei:

— Não é curioso que apesar da força da luz eléctrica que nos rodeia, ainda teimamos em usar as mais arcaicas velas?

O homem acenou com a cabeça, contemplando aquela que agora acabara de acender.

— É bem verdade. Mas o fogo ainda tem um simbolismo muito forte para nós. — Aproximou a vela acesa de outra apagada. — Já reparou que este simples gesto traduz os fundamentos da antiga religião cristã?

Fez uma pausa enquanto aproximava o pavio ardente do apagado, fazendo brotar uma incerta chama que, durante alguns segundos, uniu as duas velas numa única alma de fogo a dançar ansiosa no ar.

— Deus de Deus, Luz da Luz, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro — recitou o homem com solenidade, enquanto afastava uma vela da outra, cada uma delas sustentando a sua frágil labareda. — O dogma da Santíssima Trindade assenta apenas nisto: que a chama de duas velas é na verdade apenas uma chama, embora sejam também duas. Tal como o Deus cristão eram três pessoas, embora fossem apenas uma.

Sorri com benevolência.

— E já para não falar em Prometeu e no fogo que roubou aos deuses para dar aos homens.

O cavalheiro voltou a sorrir, mas nada acrescentou. Eu, novo na tertúlia e sem mais ninguém com quem falar, continuei:

— Devo supor que o senhor ainda acredita no cristianismo? Não deve ser fácil, perante a solidez das ideias que Tesla nos legou.

— Não, não acredito... Mas, bom, fascinam-me algumas das suas metáforas. Afinal é o meu trabalho. — E acrescentou, notando a minha surpresa: — Sou poeta.

Limpei os beiços do saboroso creme de legumes e perguntei:

— Não me diga? Então tenho o prazer de estar a falar com...

— Casimiro Gonçalves — informou com um leve sorriso de vaidade.

Sim, Casimiro Gonçalves, o famoso poeta. Nunca o lera, mas recordava o bigode farto e o olhar intenso de algumas fotos dos teleperiódicos e sabia que era um dos mais reputados versejadores em Portugal, havendo quem afirmasse que poderia vir a ser o terceiro grande poeta da nação, depois de Camões e Junqueiro. Acenei com ar sabedor e, antes que ele me perguntasse se já tinha lido alguns dos seus poemas, disse rapidamente:

— Compreendo agora o fascínio pelas velas. De facto, são resquícius muito belos de um tempo mais romântico do que o nosso.

— Bom, talvez — disse ele, mordiscando o pão. — Lá por vivermos numa época em que dispomos de todas as comodidades, isso não quer dizer que não continue a haver sonhos e mistérios para nos alimentar o espírito.

— De facto — reconheci. — Mas convenhamos que a fria claridade da luz eléctrica não se equipara aos sonhos que o fogo ainda suscita.

— Depende da capacidade de sonhar de cada um — retorquiu Casimiro. — No fundo, a electricidade também é fogo. Fogo domesticado pelo homem. Um fogo que é invocado do ar como um fantasma e conduzido até às nossas casas através de canos, como se fosse água. Sim, é como se o homem tivesse conseguido o impossível: obter fogo do ar e domesticar esse fogo com a água. Não é admirável? Não nos faz sonhar com todas as novas impossibilidades a que podemos almejar?

— Refere-se aos eletromatistas? Dizem-se capazes de obter eletricidade infindável através do poder da oração a Tesla.

— Não necessariamente — disse Casimiro olhando para o prato ao lado. — As ideias dos eletromatistas são interessantes, mas não creio que tenham conseguido demonstrar cientificamente o tal eletrodinamo divino de que dizem dispor.

— Vejo que, para poeta, tem uma mentalidade bastante científica.

Ele sorriu um pouco.

— Na verdade, cheguei a frequentar um curso de Teslotecnia. E um dos meus melhores amigos é engenheiro da área. Acredito que os poetas têm também o dever de procurar novas metáforas e imagens para o seu trabalho. Só conhecendo o novo se pode ter sonhos novos.

— Bem verdade — admiti.

E o resto da noite decorreu nesta conversa, em que me deixei fascinar pela enorme erudição e lucidez do meu interlocutor. Por isso fomos inseparáveis durante o resto do serão, falando dos últimos desenvolvimentos tecnológicos, de literatura, de política e de economia até aos últimos segundos da noite, da qual nos despedimos com o melhor dos humores, determinados a prolongar a conversa nos dias vindouros.

Pelo menos nisso acreditava, durante o sincero abraço com que então me despedi do infeliz ser que agora me enfiava as fronhas da almofada pelas narinas acima, impedindo o ar de me chegar aos pulmões. É que, apesar do entusiasmo que me pareceu sincero — ainda que todos saibamos que as relações sociais são muitas vezes decoradas pela higiênica cal da hipocrisia —, não houve muito mais encontros entre nós. O trabalho, o lazer, os compromissos com familiares ou amigos mais antigos preveniram que nos encontrássemos tão amiúde como desejaríamos. Ainda assim, relatarei dois ou três episódios breves e curiosos, ocorridos entre nós, que talvez ajudem a fazer incidir luz sobre o caso.

Um desses episódios não foi bem um encontro, ou melhor, foi um encontro, embora não tenha sido um encontro presencial, mesmo que talvez tenha sido realmente um encontro presencial, ainda que não esteja seguro que tenhamos estado realmente na presença um do outro. Enfim, tendo eu ficado ao corrente, através dos teleperiódicos, de que iria haver um recital de poesia no Chiado, no qual participaria Casimiro Gonçalves, e estando a minha agenda justamente livre para essa altura, decidi dirigir-me ao local, na esperança de me distrair, de me cultivar um pouco e de reencontrar o poeta que deixara tão viva impressão em mim.

O recital teve lugar num elegante salão do Hotel Excelsior, um espaço amplo de colunas neoclássicas onde discretas luzes em forma de con-

cha iluminavam a sala e pequenas telas elétricas permitiam consultar as notícias ou admirar uma sucessão de quadros e pensamentos de grandes artistas da história da humanidade. Para o evento a sala fora ocupada por algumas dezenas de cadeiras dispostas em quadrado e uma assistência maioritariamente composta por aprumadas senhoras de meia-idade e homens jovens de olhar macilento e fato em desalinho. Os vários poetas que iriam participar agrupavam-se de pé, atrás do público, esperando a sua vez de se dirigirem ao palanque e recitarem os seus versos com belas vozes de barítono. Um homem magro e ossudo, de cujo corpo pendia um fato largo e amarrotado e de cujos dedos caía a poeira escura de mau tabaco, apresentava os vários poetas e pedia aplausos no final de cada leitura, ao que a maioria das senhoras correspondia com entusiasmo, sorrindo muito para o dizedor, e os jovens da assistência faziam um ar de enfado. Achei os primeiros poemas muito belos, os segundos menos, os terceiros iguais aos segundos, os quartos iguais aos terceiros, e assim sucessivamente, até as palavras se transformarem numa música de fundo suave, que me embalou numa sonolência inquieta, da qual despertava ocasionalmente para procurar em volta o poeta Casimiro. Este não se mostrava em lado nenhum e eu estava já convencido de que teria faltado, talvez por motivos de saúde, quando o apresentador anunciou:

— Minhas senhoras e meus senhores, teremos em seguida o poeta Casimiro Gonçalves, que nos lerá um novo poema de sua autoria. No entanto, por seu pedido, o senhor Casimiro não estará presente fisicamente, mas ler-nos-á o poema através de um modelo de telefonoscópio desenvolvido por um amigo seu.

O telefonoscópio foi então trazido, a custo, por dois empregados do hotel, e colocado em cima da mesa. Era um aparelho volumoso e de aspeto artesanal que, além do grande ecrã, tinha uma antena acoplada, envolta numa espécie de prato côncavo, direcionado para algures no céu. A estranha aparição desencadeou um burburinho de espanto na sala, que o apresentador tentou controlar elevando a voz:

— Minhas senhoras e meus senhores, respeitem a escolha do senhor Casimiro. Isto é uma experiência que se propôs fazer e que aceitámos com todo o gosto. Atenção ao poema.

A sala sossegou. Após alguma desorientação, os empregados conseguiram descobrir o interruptor e no ecrã surgiu o rosto do meu conviva do anterior jantar e futuro visitante doméstico. Apesar de o aparelho parecer rudimentar, produzia uma imagem nítida do seu rosto fino e pálido, pontuado pelo estreito bigode e pelos olhos incisivos fixos para diante. Durante alguns segundos, em silêncio, Casimiro observou a sala de um lado para o outro, como se procurasse alguém. Depois baixou a cabeça na direção

de um papel que segurava e começou a ler. Eu, espantado com a estranha encenação, deixei-me embeber nos primeiros versos, que fixei:

— “Alma que te partiste”, ao modo de Camões — sussurrou Casimiro em voz rouca, parecendo estranhamente tenso:

Alma minha, não gentil, que não te partiste
Mas habitas em mim, pura, única e sufocada
Há muito que dentro deste corpo dormiste
Apesar do tempo e da vontade ser mudada

Luz vã, anjo sem asas, voz muda sem sopro
Corrente sem fim, estrada sem eira, vida nua
Leva-me, fio de água; carrega-me, eu não soffro
Sou fogo de mil fogos, lago de mil lagos, sol da lua

Dá-me a terra, o tempo, tudo o que é da vida

...

Neste preciso ponto do soneto, levado pela curiosidade, girei a cabeça e olhei para os poetas que se amalgamavam de pé atrás do público. Muito juntos, de expressões concentradas, alguns pareciam perplexos, outros entediados, dois ou três sussurravam ao ouvido uns dos outros, entre sorrisinhos trocistas. Só que não foram os sorrisos trocistas que me fizeram levantar subitamente, gerando protestos femininos em redor.

— Cuidado!

— Deixe ouvir!

— Não consigo ver nada!

— Se não gosta, espere ao menos pelo final!

Voltei a sentar-me rapidamente, algo embaraçado e bastante confuso. Petrificado na cadeira pela fuzilaria visual feminina em redor, tentava girar a cabeça para um lado e para o outro e para trás, tentando confirmar aquilo que me parecera ver.

O estrondo das palmas obrigou-me a endireitar e fixar a tela do telefonoscópio, onde a cabeça de Casimiro fazia uma vénia e exibia um sorriso.

O mesmo sorriso.

O mesmo sorriso na cara do Casimiro que eu acabara de ver na sala, atrás do público e do grupo de poetas.

Levantei-me à pressa, aproveitando o crepitar das palmas, e atravessei cadeiras e pernas até uma zona desimpedida do salão onde consegui caminhar até junto dos poetas. Perto destes detive-me e virei-me para uma tela elétrica, como se me interessassem as pinturas flamengas que mostrava,

mas procurando antes fixar cada rosto da sala e encontrar num deles traços semelhantes ao do rosto que agora desaparecia no telefonoscópio que os criados voltavam a carregar.

Alguns poetas viraram-me a cara com uma certa ansiedade, como se esperassem um pedido de autógrafo, mas a maioria não reparou em mim, demasiado entretida a comentar o poema de Casimiro.

— Que horror!

— Está cada vez mais doido.

— O que é que lhe terá dado para escrever tais baboseiras?

— Isto dava um fanico ao Camões, se o Camões não o tivesse tido há quinhentos anos.

Escutei estes e outros comentários de teor igualmente ácido, mas nenhum dos rostos se assemelhava minimamente aos traços delicados de Casimiro, pelo menos ao ponto de me confundir os olhos habitualmente perspicazes. Perplexo, dei mais uma volta pela sala, tentando fixar cada rosto presente, masculino ou feminino, mas nenhum reconheci.

No monocarril a caminho de casa, e depois de me punir mentalmente por não ter falado com o apresentador da sessão, tomei a decisão de visitar Casimiro. No dia seguinte, se possível.

Apesar de a frescura da manhã me fazer duvidar da minha mente, a minha natural persistência e inclinação para resolver questões pendentes levou-me a tomar de novo o monocarril, até à zona de Cascais, onde, surpreendentemente, o poeta vivia.

Era nos arrabaldes de um bairro operário, não muito longe das docas, numa rua suja, de casas baixas, algumas bastante degradadas, entre as quais a habitação de Casimiro em nada se distinguia. Enquanto tocava à campainha, olhava em volta com apreensão, pensando que o delicado labor da poesia continuava a ser tão mal recompensado como em quase todas as épocas da história humana. Não passaram mais de alguns minutos até o próprio Casimiro me abrir a porta. Cumprimentou-me, não sem surpresa, e conduziu-me a uma salinha com sofás confortáveis, uma mesinha com os jornais do dia, uma lareira a crepitar e duas grandes janelas por onde entravam o sol da tarde e vistas grandiosas de grandes barcos a ondear no Tejo.

A paisagem e o conforto interior da casa reconciliaram-me com a escolha da zona e a generosidade social e ambos começámos a conversar. Casimiro recordava-se perfeitamente de mim e do jantar, e não demorámos a retomar as fascinantes discussões da outra noite. No entanto, eu também procurava a forma mais delicada de colocar a pergunta e, como por uma súbita iluminação da memória, mencionei o recital de poesia.

— Ah, mas o senhor estava presente!

— Sim, sim, e achei curiosíssima a sua decisão de transmitir a leitura por telefonoscópio. Muito... hã... arrojado.

— Obrigado. Sim. Como sabe, sou grande apreciador de tecnologia.

— Evidentemente — disse eu, aproveitando. — Que seria de nós sem todos os dispositivos elétricos que tanto nos facilitam a vida. E tive todo o gosto em ouvir o seu poema. Tanto que... veja que caso curioso... Não é que, a dado momento, olho em volta e... pareceu-me... impossível, eu sei... mas pareceu-me vê-lo! No aparelho, sim, claro, visto que estava a transmitir por lá, mas além disso tive também a estranha percepção de que o senhor estava verdadeiramente, em corpo, na sala. Não é curioso?

A cabeça de Casimiro erguera-se devagar ao escutar as minhas últimas palavras. Ficou em silêncio e acabou por baixar os olhos para os confortáveis chinelos elétricos com que fazia vincos na carpete.

— É curioso. Deveras curioso.

O murmúrio dele deixou-me inquieto, principalmente porque a seguir levantou a cabeça e fixou-me com mais intensidade do que o normal, perguntando:

— É capaz de me precisar quando é que me terá... visto?

Era, pois tinha o poema na memória até ao momento em que a estranha visão me distraíra. Tive por isso o gosto de lhe repetir o poema, quase completo, até esse ponto. Mas em vez de reconhecer agrado na sua face, tive como reação um:

— Curioso, deveras.

Deixou-se estar a olhar para os pés e eu fiz o mesmo, com a ridícula impressão de que talvez nos seus dois pés, bem acomodados nos chinelos, estivesse a solução do inexplicável enigma. Ficámos assim alguns minutos, até ele levantar a cabeça e dizer, com um sorriso:

— A mente tem razões enigmáticas, na verdade. Será possível mesmo conseguir isso?

— Isso o quê? — perguntei.

— Estar presente em mais do que um sítio. Ver a nossa imagem, um reflexo de nós em cada canto do mundo, talvez cada um com a sua vida autónoma. Será mesmo possível? Só através da força da... das palavras?

— Bom — disse eu com cautela, sem perceber o rumo da conversa. — Havia santos cristãos de quem se dizia terem o dom da ubiqüidade. Mas já se sabe que hoje temos outro tipo de milagres.

Ele escarafunchou distraidamente o braço da poltrona com a ponta dos dedos e respondeu sem olhar para mim:

— Devemos ter cuidado com as palavras, sem dúvida. Elas fazem-nos ver imagens que por vezes não eram aquelas que o autor das palavras pretendia transmitir.

Fiquei sem saber o que responder, perguntando-me o que teria eu visto de mal nas suas palavras. Não tive tempo de lhe dirigir a pergunta, pois o meu interlocutor sorriu e agradeceu a minha gentileza. Ficara, afirmou, tão tocado com o meu gesto de decorar a maior parte do seu poema que resolvera oferecer-me um presente. Eu contestei, afirmando que não era preciso, que só o saber o poema era já presente suficiente, e fui ainda mais assertivo depois de ver o que pretendia ele oferecer-me. Todos os esforços foram inúteis e eu acabei por voltar para casa num eletrotáxi, carregando o mesmo telefonoscópio que fora usado no recital de poesia.

Esta, creio, foi a última vez que falámos, mas não a última vez que nos vimos. Prometera-me Casimiro voltar a contactar-me através daquele aparelho. E foi o que aconteceu passados alguns dias, ao final da tarde, quando eu já vestira um bom roupão e me deliciava com um charuto e um romance de ficção imaginativa, e a minha criada Susana surgiu para me informar de que o telefonoscópio de Casimiro entrara numa grande agitação de zumbidos e apitos.

Dirigi-me para a sala pequena das traseiras da casa, onde guardara o mono de Casimiro enquanto pensava no que fazer com ele, e, ao chegar, a imagem do meu amigo era já nítida no ecrã. Cumprimentei-o alegremente, mas ele nada respondeu. Olhava fixamente na minha direção, com uns olhos ansiosos, agitados, que pareciam procurar algo na sala. Senti um arrepio inexplicável e uma necessidade de olhar em redor. Nada vi e voltei a fixar o ecrã e a tentar comunicar, mas Casimiro parecia nem ver nem ouvir, continuando imóvel, com uma expressão que eu não lhe conhecia. Ocorreu-me que o dispositivo, de construção artesanal e possivelmente amadora, tivesse deixado de funcionar, mas nesse momento, antes que eu pudesse fazer ou dizer alguma coisa, a imagem de Casimiro desapareceu. Confuso, avancei para o aparelho e debrucei-me sobre a parte traseira, tentando perceber se entre os fios e painéis expostos via alguma peça solta ou queimada. No entanto, nada vi e fui incapaz de voltar a reatar a ligação, pelo que acabei por sair da divisão e ir apreciar o jantar que a excelente Susana tinha preparado com o habitual esmero: um saborosíssimo bacalhau com broa que me regalou, mas não consegui afastar uma certa inquietação do meu espírito. O que significava aquela história do tal aparelho e do meu estranho amigo?

Essa inquietação prolongou-se até à hora de dormir e causou-me um sono leve e inquieto, que, suponho, terá contribuído para eu despertar mesmo a tempo de rever o poeta Casimiro, desta vez diante de mim, a pressionar com força a almofada contra a minha cara.

A surpresa inicial deixou-me paralisado, mas, à medida que uma dor começava a rasgar-me os pulmões, comecei a tentar debater-me. Com os braços tentei atingi-lo de lado, batendo-lhe no tronco e nos braços para

o obrigar a aliviar a pressão. Esforcei-me por pontapeá-lo, mas a posição dele na cabeceira da cama escapava à agilidade das minhas pernas. Tentei dobrar-me para trás, para fazer a almofada escorregar por cima da minha cabeça, mas só consegui que ela me tapasse os olhos. Acabei por agarrar na fronha da almofada com um dos braços para a afastar e com a outra mão agarrei a garganta do poeta Casimiro, que contemplava todos os meus esforços com o olhar indiferente de alguém que vê uma mosca embater numa vidraça.

Apertei-lhe a maçã-de-adão com o punho, fazendo o máximo de força para magoar. Consegui, de facto, uma expressão de dor, mas o homem, sem uma palavra, ergueu o joelho por cima da cama e espetou-o violentamente sobre o meu braço, quase o partindo e fazendo-me latejar as costelas. Tirei a mão da almofada e usei-a para lhe esmurrar a perna, mas era a minha mão mais fraca e as próprias forças pareciam falhar-me à medida que o ar me fugia dos pulmões e a dor dava lugar a um terror frenético e doentio de morrer. Atirei os braços a toda a volta como pude, consciente de que já não tinha pensamentos ou forças que me salvassem. E, aos poucos, o negrume do quarto fundiu-se com o negrume da morte, e fui sendo puxado por ela: os meus olhos, seguidos pelos restantes sentidos, apagaram-se, e eu mergulhei, com dor e tranquilidade, no esquecimento.

Era um quarto bastante branco, limpo, de poucos móveis, mas de qualidade, iluminado por candeeiros pousados sobre panejamentos brancos que ondulavam com o vento frio que entrava pela janela aberta. Dessa janela chegava um rumorejar de vozes e passos e a campainha alegre dos elétricos. Do outro lado, por trás da porta encastrada, sentiu-se o estalar de passos, e depois a porta chiou ao abrir, e uma cabeça surgiu.

— Senhor? Senhor, está acordado? — perguntou a criada.

Apreensiva, abriu a porta completamente e entrou, olhando surpreendida para a janela aberta. E ficou atónita perante a cama revolvida, os lençóis arrancados, o cobertor caído e as almofadas espalhadas.

— Senhor, senhor! Que se passou? O senhor está bem?

Pestanejei devagar e soltei um profundo suspiro. Apercebi-me da sensação boa do ar a abrir caminho pela minha garganta e a esconder-se nos meus pulmões e girei um pouco a cabeça para contemplar, agradado, a luz do Sol que pousava no chão através da janela.

— Que lhe aconteceu, senhor?

A criada começou a arrumar a cama à minha volta enquanto me deitava olhares inquietos. Eu não respondi. Sentia uma felicidade profunda, como nunca me lembrava de ter sentido na vida. Uma felicidade que não

podia expressar com palavras, uma felicidade que poderia ser ferida por palavras. Deixei-me fechar os olhos. Sentia-me pairar, desligado da gravidade, do tato e de todas as forças que limitam a nossa experiência na terra. Nunca tivera tal sensação e deixava-me levar por ela encantado. Todos os pormenores do quarto, todos os sons, todos os aromas me entonteciam, galgavam sobre mim e infundiam-me luz. Fechei os olhos para melhor sentir essa luz, para a guardar dentro de mim.

— Senhor, acorde!

A luz dentro de mim estilhaçou-se com a voz estridente e o forte abanão que Susana me deu. Abri instantaneamente os olhos e encarei-a furioso. Ela recuou, talvez mais surpreendida com a própria ousadia do que com a minha reação, e o seu olhar desceu da minha face para o meu corpo. Acompanhei-lhe o olhar. Vi as contusões nos braços, as unhas partidas, os punhos esfolados, senti a pisadura no peito. Então percebi.

— Vai chamar a polícia. Fui atacado durante a noite. Despacha-te enquanto me visto.

A criada abriu a boca, mas eu não a deixei falar.

— Não ouviste o que eu disse? Tentaram matar-me durante a noite. Vai chamar a polícia.

E ela foi.

A polícia foi mais cética do que a criada. Viram a janela aberta no meu quarto, mas duvidaram que alguém conseguisse escalar os trinta andares necessários para lá chegar. Viram também as minhas mazelas, mas aventaram a possibilidade de ter sido um pesadelo — de eu ter infligido danos a mim próprio durante esse pesadelo. Só mesmo uma pesquisa mais cuidadosa no quarto e a descoberta de uma pegada num canto menos limpo os convenceu a aceitarem a minha história, e ainda assim não sem antes confrontarem essa pegada com toda a minha própria coleção de sapatos.

De minha casa partiram para a casa do poeta Casimiro. Eu ainda me oferecera para os acompanhar, mas o sargento puxou dos bigodes farfalhudos e rosnou que era melhor não. E eu fiquei em casa, dorido e perplexo.

A minha perplexidade disseminou-se pela cidade no dia seguinte, quando todos os tabloides anunciaram a prisão do conhecido poeta Casimiro Gonçalves, nome maior das letras portuguesas, acusado de tentar assassinar a minha anónima pessoa. O caso, dizia-se, baseava-se no meu testemunho e na descoberta de um par de sapatos que condizia com pegadas encontradas no meu quarto. O caso gerou grande sensação em toda a parte. Pela primeira vez na vida tive o desprazer de ver o meu nome deturpado em todos os jornais e a minha carreira de exportador desdenha-

da por jornalistas e opinadores dos mais variados teleperiódicos. Como de costume, em todo o lado surgiram os boatos mais inverosímeis, incluindo testemunhos de avistamento do famoso poeta nos locais mais absurdos, mesmo depois de se saber do seu encarceramento.

Da minha parte, ainda a recuperar das mazelas e tomado por um tédio infundável para com a estridência dos humores com que a nossa sociedade se entretém, optei por passar os dias seguintes ausente de casa, em passeios ou trabalho, e voltar só depois do anoitecer, após o piquete de jornalistas que sitiara a minha porta dispersar. Várias vezes me ocorria a ideia de visitar Casimiro na cadeia, perguntar-lhe o que o levara àquele gesto, mas a polícia, e, confesso, uma certa relutância em rever a face de olhos vítreos que me contemplara na agonia, dissuadiram-me. Parecia-me haver algo de sórdido em expor-me de novo a alguém que me vira quase morrer — talvez a nossa mais obscena forma de nudez.

À noite procurava desfrutar ao máximo do sossego da minha habitação na companhia de clássicos de Kipling, Griffith, Verne, entre outros. Sentia-me tão enlevado com as histórias que comecei eu próprio a rabiscar algumas. Imaginei uma distopia futura, uma história alternativa da Europa, digamos assim, em que Tesla não tivesse existido, ou talvez tivesse sido ignorado, e a extraordinária força da eletricidade houvesse sido menosprezada. Imaginei que, tal como no século XIX, o carvão e o aço continuassem a ser as matérias-primas fundamentais e ocorreu-me que talvez a sua escassez tivesse gerado conflitos entre nações. Vieram-me à ideia imagens de grandes potências a combater pelo domínio das minas do carvão ou de ferro, de grandes massas de soldados a rastejar pelo chão sob o bombardeamento ininterrupto de grandes canhões que deixavam os homens enrolados como formigas pisadas, em campos de matança infundáveis...

Afastei a imagem da cabeça. Não só me parecia impossível que o ser humano atingisse tais abismos de depravação, como pensar em morte e eletricidade de alguma forma me recordava aquele funesto caso, de que tanto me apetecia esquecer.

No entanto, o funesto caso parecia pouco inclinado a esquecer-se de mim e, três ou quatro noites depois, quando eu saboreava um excelente charuto na sala de fumo, a minha criada abeirou-se de mim, dizendo-me que o estranho aparelho que Casimiro me oferecera, e do qual nunca mais me lembrara, estava a vibrar na sala.

Levantei-me do sofá com alarme e dirigi-me para o aposento. À entrada, dei de imediato um passo atrás e agarrei com força o umbral da porta. Diante de mim, no ecrã do estranho dispositivo, o tronco, os braços, o pescoço, o rosto de Casimiro. A olhar-me. Fixamente.

Apoiei-me na parede, sentindo-me desfalecer. Com todas as forças, fir-

mei-me e avancei para o ecrã, disposto a confrontar Casimiro, a responder na mesma moeda a todas as recriminações que me pudesse dirigir. E, nesse momento, a imagem desvaneceu-se e o aparelho caiu no silêncio, como se nunca tivesse estado ligado.

Corri de imediato para o meu intercomunicador, o normal, aquele que eu sabia que funcionava, e liguei para a polícia. Queria reclamar por deixarem que o detido me ligasse para casa àquela hora, por não me terem avisado antes, por causarem o medo na minha criada e em mim próprio. O polícia de serviço escutou o meu protesto num silêncio perplexo e depois informou-me que não, o senhor Casimiro não tinha feito nenhuma chamada nessa noite; não, era absolutamente interdito que ele me pudesse contactar; não, não tinha qualquer intercomunicador na cela; e não, mesmo depois de revistada a cela, continuava a não haver meio de me ter contactado daquela forma.

Desliguei a chamada, tomado por um terror violento. Corri por toda a casa e verifique a fechadura de cada porta e de cada janela. Tranquei a sala onde estava o intercomunicador de Casimiro, tranquei até o meu próprio quarto, por dentro, na hora de me deitar, e, no último segundo, guardei uma pistola debaixo da almofada.

O meu sono esteve ausente nessa noite e durante horas, nas trevas, ora me rebolei de um lado para o outro do colchão, a tentar dormir e convencer-me de que tudo estava bem, ora permaneci imóvel, de olhos e ouvidos abertos, tentando distinguir entre o zumbido das máquinas e os uivos do turno da noite o silêncio de um potencial assassino.

E ainda bem, pois o assassino veio.

Foi na hora mais escura, tanto quanto me recordo, que os meus ouvidos escutaram uma porta a ranger e passos no soalho. E pelos olhos semi-cerrados vi uma figura negra sair do meu próprio guarda-fatos e avançar na minha direção, devagar, de braços estendidos, como se procurasse a minha garganta.

Talvez não o devesse ter feito. Sim, talvez não o devesse ter feito. Sou um sujeito pacato, que não faz mal a ninguém, mas o medo e a escuridão foram mais fortes. A pistola saltou-me para a mão, o gatilho estalou e do cano da arma voou uma saraivada de projéteis em direção à sombra humana, no segundo anterior à minha mão livre encontrar o botão do interruptor da luz. Ao longe ouvi os gritos de medo da minha criada.

Quando a luz do candeeiro jorrou sobre o quarto e obrigou as sombras a recuar para os cantos mais afastados, descobri que estava sozinho. Não havia nenhuma sombra, nenhum homem, nenhum outro corpo no quarto a não ser o meu. Mas a porta do guarda-fatos estava aberta, e as minhas melhores camisas ainda baloiçavam levemente com o impacto das balas.

Fiquei deitado na cama, apoiado na mesa de cabeceira, arquejante e atônito, a sentir a casa imóvel à minha volta. Primeiro pensei em chamar a polícia. Mas quanto mais tentava alinhar explicações, mais mudava de ideias: “Boa-noite, é para dizer que o senhor Casimiro Gonçalves, que vocês têm aí na vossa cela, me tentou assassinar novamente esta noite. Felizmente que eu disparei sobre ele, mas ele teve a insolência de desaparecer no ar, pelo que não terei nenhum cadáver para vos mostrar. Mas, sim, ainda podem ver os buracos das balas na parede. Podem acreditar em mim. Não há casos de loucura na família. Pelo menos que se saiba.” Sim, queria mesmo fazer tal telefonema à polícia?

Tentei acalmar-me. Recarreguei a arma, fechei a porta do guarda-fatos à chave e dirigi-me para o outro lado da casa. Pretendia acalmar a criada, que devia estar em pânico, e verificar se tudo continuava como de costume. E continuava. Todas as portas e todas as janelas estavam fechadas. Expliquei a Susana que fora apenas um pesadelo mais agitado, mas ela chorava desabaladamente e jurava-me que no dia seguinte sairia daquela casa para nunca mais voltar. Acedi em conceder-lhe férias por tempo indeterminado até o problema se resolver, pois não queria de modo nenhum perder as vantagens do seu talento culinário.

Ainda antes de voltar para o quarto, por descargo de consciência, liguei para a polícia a pretexto de uma certa inquietação noturna, e o polícia teve a paciência de me mostrar, pelo visor, Casimiro deitado, supostamente a dormir, na sua cela. Eu desliguei, ao mesmo tempo tranquilo e inquieto, e passei mais um pouco pelo resto da casa, para confirmar que tudo estava calmo.

E estava. Calmo, quieto, no seu lugar. À medida que passava pelas divisões, sentia-me mais descontraído, mais satisfeito, mais capaz de dormir.

Até que me abeirei da sala; da malfadada sala onde repousava o telefonoscópio de Casimiro, e que só a minha desorientação impedira de atirar para a sucata. Dessa sala, por baixo da porta e pelo buraco da fechadura rastejava o mesmo zumbido familiar. O zumbido de sempre.

De coração a explodir-me no peito e de punho fechado em redor da coronha da pistola, abri a porta da sala devagar, muito devagar, e espreitei para o interior.

Lá dentro, o telefonoscópio, ligado, brilhava, e no seu ecrã um Casimiro de olhar vítreo e maligno contemplava-me. Mudo e imóvel. Indiferente. Tão indiferente como na noite em que me tentara matar.

Uma raiva incontrolável contra aquele ser que me atormentava os dias e as noites tomou conta de mim, e, de punho a tremer, levantei a arma e aponte-i-a diretamente para o Casimiro impassível na imagem do aparelho.

Duas mãos brancas e finas envolveram-me a mão como uma concha e

torceram-me o pulso com força. Eu virei a cabeça e, perante os meus olhos horrorizados, as mãos, os braços, o tronco, o rosto e olhos de Casimiro, os reais e não de uma imagem de ecrã, surgiram diante de mim, a torcer-me o pulso, a contemplar-me de olhar vítreo e impassível.

Sob um pânico incontrollável, desatei a pontapear e a esmurrar a figura que me segurava o punho. Com uma força de que nunca me achei capaz, arranquei a mão que segurava a arma daqueles dedos frios e brancos e disparei sobre a figura, à queima-roupa, dois tiros, sobre o rosto.

Os tiros ecoaram na sala e ricochetearam na parede à minha frente, enquanto a figura diante de mim desaparecia e uma força, como uma ventania, me arrepiava a pele e os cabelos e me deixava paralisado. Ao longe ouvi a criada gritar e bater com as portas à medida que fugia para a rua, ainda no traje de dormir. E perto, diante de mim, vi a imagem de Casimiro, ainda a olhar-me, dentro da sua caixa diabólica. Descarreguei a arma sobre o aparelho infernal, deixei-me cair no chão e enfei os dedos na boca. Estava louco, tinha agora a certeza.

No dia seguinte de manhã, depois de uma noite branca e tensa, chamei um táxi e segui para a esquadra, com parte do aparelho destruído a meu lado. Sentia-me a tremer e prestes a sucumbir. Não sabia como iria contar tudo aquilo à polícia, mas sabia que teria de o fazer. Mesmo que me enfiassem dentro de uma cela como um louco perigoso.

Abri caminho por entre o batalhão de jornalistas que me reconheceram e perseguiram aos gritos, fazendo perguntas, empurrando, puxando, pisando, tentando perceber que estranho aparelho levava eu debaixo do braço, e lá consegui entrar na esquadra. Avisei o polícia de serviço de que precisava de falar com o sargento e sentei-me para esperar.

Ali sentado, só, com pedaços de metal a meu lado, a minha mente ia devaneando por imagens horripilantes e fugidias, massas de rostos e gestos que se transmudavam uns nos outros sem eu ser capaz de os situar em corpos ou momentos, mas que me induziam um mal-estar sufocante que tentava ignorar. No meio da minha aflição, mal notei o homem desconhecido que olhava fixamente para mim e para o meu aparelho. O homem acabou por se levantar e vir ter comigo, perguntando onde arranjava eu aquele aparelho. Endireitei-me e encarei-o com desconfiança. Era um homem baixo, muito magro, de cabelo escasso e rosto pálido, comprido e enrugado, onde um par de olhos vivos ziguezagueava continuamente. Desconfiei que fosse um jornalista e neguei-me a falar. Mas o homem, sem vacilar, tratou-me pelo próprio nome e declarou — não perguntou — que aquele aparelho me tinha sido oferecido por Casimiro Gonçalves. Fiquei em grande per-

turbação com as suas palavras e ele, notando-o, convidou-me a encontrá-lo dentro de momentos numa leitaria próxima que conhecia. Jurava ter informações importantíssimas e urgentíssimas e secretíssimas para me dar. Eu acedi, resignado.

Minutos depois estávamos na leitaria, cujo nome não recordo, mas que pouco mais era do que uma porta, um balcão e duas ou três mesas. Trocámos olhares ao sentarmo-nos à mesma mesa e, depois de confirmar que não havia mais gente e que até a proprietária desaparecera, ele começou a falar:

— O meu nome é Freitas. Peço desculpa por o ter abordado deste modo. Mas os últimos dias têm sido infernais para mim. E suspeito que para si também. É deveras lamentável tudo o que aconteceu, mas acredite em mim quando digo que não era nossa intenção causar problemas. E peço-lhe que não queira mal ao Casimiro. As suas intenções eram boas. Ou talvez não fossem boas, mas pelo menos não eram malignas. Apenas queria aumentar a sua vida. É algo muito dele. Ou, se me permite, julgo que é algo muito da sua propensão poética. O desejo de viver todas as vidas em simultâneo. O seu erro foi o de o querer fazer por mais modos que apenas a poesia.

Eu olhava-o, alheado.

— Aquilo que eu vi é verdadeiro? Como?

O homem suspirou, como se tivesse chegado ao ponto mais doloroso da conversa.

— Julgo que estive presente no recital em que Casimiro participou através do telefonoscópio. Ele falou-me disso.

— Foi do poema que leu?

— O poema era o contributo dele. A forma de elevar a mera técnica ao milagre a que aspirava. Mas, na verdade, creio que o grande responsável fui eu.

Eu encarava o homem, entre o arrepiado e o aterrado. Este soltava suspiros sucessivos, como se lhe custasse respirar. Parecia à beira de me contar o seu mais vergonhoso pecado.

— O senhor já se deu conta de que a luz não tem materialidade? Não é um corpo único, mas uma energia que se pode multiplicar, tomar as mais diversas formas? Um pouco como o fogo, que pode gerar muitos fogos, como quando se acende uma vela com outra vela?

A imagem despertou uma recordação em mim que me fez estremecer. Respondi com um aceno.

— Tal acontece porque a luz não é matéria mas energia pura, sem limites na sua forma desde o momento em que possa crescer e multiplicar-se. Esta foi uma propriedade do fogo que sempre me fascinou desde a minha

graduação em teslaticnia, e que sempre tentei replicar nas minhas experiências e invenções.

— É engenheiro?

— Sim, tenho essa fortuna... Ou talvez não. Isto porque tal conhecimento nunca me trouxe a felicidade a que aspirava. Apenas dissabores, desgostos e perigos, como aquele em que agora me encontro.

Senti que o ar me faltava.

— Será que devo deduzir que... o senhor inventou uma máquina absolutamente espantosa?

Uma expressão de intensa infelicidade tomou-lhe conta do rosto.

— Talvez pudesse dizer que sim. Mas, infelizmente, uma máquina terrível, que deve ser destruída.

— Explique.

— Sim, claro. Eu e Casimiro conhecemo-nos na faculdade de Engenharia. Éramos ambos do mesmo ano e distinguíamo-nos de diferentes maneiras. Eu era o melhor aluno da turma, sempre calado, no meu canto, com excelentes notas e louvado por todos os professores. Ele era um líder, cheio de sonhos, que conhecia toda a gente e era capaz de mobilizar multidões para realizar as suas aspirações. Foram as nossas diferenças que nos uniram. Ele tinha as ideias e eu o saber de como as executar. Por isso criámos uma amizade sólida, assente numa cumplicidade intelectual e psicológica que nos ficou para o resto da vida. Eu acabei o curso com nota máxima e arranjei um emprego numa das melhores empresas do país. Ele, lamento dizê-lo, apesar de apaixonado pelas possibilidades da técnica, nunca teve a paciência para tentar resolver as suas limitações. Era um utópico, a quem interessa o impossível, e não um engenheiro, que procura testar os limites do possível. Por isso foi perdendo o entusiasmo pelo curso e passou a interessar-se pela poesia, talvez encontrando na linguagem a vertigem das possibilidades que a eletricidade não lhe dava.

»Depois de acabar o curso, distanciámo-nos um pouco. Mais ele do que eu, que sempre o admirei. Imagino que o fracasso do curso e a mudança para a literatura o tenham afastado dos antigos colegas e amigos. Mas um dia reencontrei-o, tal como o senhor, numa tertúlia poética. Começara a afirmar-se como poeta e mostrou-se feliz por me reencontrar. Começámos a conviver de novo, até ele me apresentar aos círculos dos eletromatistas, com quem estava envolvido.

»Tentei dissuadi-lo, mas, como no passado, o entusiasmo dele venceu o meu ceticismo. Acabei por me juntar ao grupo durante uns tempos. Mas depois o meu ceticismo voltou. Tudo aquilo me parecia mais credence do que ciência, mais mistificação do que realidade. A princípio renitente, o Casimiro começou a entender o meu ponto de vista. Mas resistia. E eu co-

mecei a compreender essa resistência. Eterno sonhador, amante da vida, Casimiro gostava de escrever, mas sufocava-o a necessidade de passar horas fechado no seu gabinete a lutar com as palavras, quando havia tanta vida no mundo para conhecer. Confidenciou-me que era essa frustração que o levava a procurar os eletromatistas. Acreditava que talvez eles o ajudassem a ultrapassar essa barreira. Tentei perceber que barreira era essa, e só a custo o percebi: o limite da unicidade. Mais do que a ideia de morrer, que atormenta tanta gente, mesmo hoje, o meu amigo era atormentado pela ideia de ter apenas uma vida, que poderia apenas viver de uma única forma. “Porque”, perguntava ele, “não posso viver muitas vidas diferentes em simultâneo?” E eu não sabia o que lhe responder quando ele apontava o fogo, do credo cristão e da corrente elétrica. “Será que a eletricidade”, dizia ele, “além de dar vida a objetos inanimados, não poderá dar também vida a diferentes formas do mesmo ser?”

»Sim, vejo o seu espanto e confesso que até a mim a ideia deixou boquiaberto. Nunca tinha pensado nas coisas de tal forma, e a minha mentalidade de engenheiro reagia de imediato dizendo que tal era impossível, enquanto a mentalidade dele de poeta era atraída por essa mesma impossibilidade. Então ele começou a apontar-me tudo o que reproduzimos no nosso mundo: as palavras, através da imprensa, as gravuras, através da litografia, a voz, através das gravações, a imagem, através do telefonoscópio, o fogo, através da eletricidade. Falou do mito grego de Prometeu, do fogo como símbolo do espírito da humanidade. Se somos capazes de multiplicar o fogo, porque não seremos capazes de multiplicar o próprio ser ou o próprio espírito?

»Perturbado, comecei a fazer cálculos, a definir fórmulas, a estudar mecanismos. Não me vou alongar muito, pois o senhor não compreenderia grande parte das minhas explicações, mas, fundamentalmente, adaptei um telefonoscópio, incorporando-lhe um detetor de ondas mentais e psíquicas, a partir de um projeto inacabado do próprio grande Tesla, para captar o espírito do sujeito. A reprodução do espírito revelou-se também bastante fácil. Graças à nossa técnica de transmissão da eletricidade pelo ar, uma vez convertido o espírito em impulsos elétricos, é bastante fácil transmiti-lo. Mas, transmiti-lo para onde? Seria necessário um corpo que o acolhesse. Eu e Casimiro, que acompanhava entusiasticamente as minhas experiências, éramos contra a ideia de incorporar o espírito num corpo alheio. Seria uma forma de possessão, uma violação inaceitável da integridade humana. Mas parecia impossível criar um corpo novo de raiz, do nada. Mas, notou Casimiro, que nada era esse? Nós julgamos viver num vazio, mas o ar está cheio de substâncias. E substâncias que compõem o nosso próprio organismo, como água, carbono, etc. Na verdade, havendo num espaço um conjunto apropriado de moléculas livres, não deveria ser difícil combiná-las

num novo corpo humano. E, realmente, bastou um transcodificador que detetasse o funcionamento essencial do corpo humano, o emitisse num raio elétrico que fizesse as moléculas do espaço combinarem-se numa nova forma. Juntando isto tudo, temos...

— É incrível — murmurei.

Ficámos os dois calados durante alguns segundos, enquanto eu tentava encaixar todas as peças daquela incrível narrativa.

— E foi o que fizeram na tertúlia? Copiaram Casimiro para dentro da própria sala?

Ele acenou com a cabeça.

— É incrível! Foi a primeira vez?

Ele negou.

— Senti que alguma coisa tinha acontecido. Mas não percebi o que era.

O homem esboçou um leve sorriso por onde verteu o seu orgulho de criador.

— Nós achamos que os fenómenos científicos têm de implicar grandes explosões e descargas elétricas, mas de facto os mais importantes ocorrem debaixo dos nossos olhos, sem nos apercebermos disso.

— E o poema, servia para quê?

Ele fez um gesto vago.

— Uma homenagem de Casimiro à importância do momento. Uma espécie de padrão da descoberta, se me entende.

Voltou a cair o silêncio entre nós, enquanto eu ganhava coragem para perguntar, e ele ganhava coragem para responder.

— E o que é que correu mal?

Baixou os olhos.

— Primeiro parecia tudo muito fácil e simples, e estávamos dispostos a divulgar a nossa invenção junto da comunidade científica. Só que começámos a detetar alguns problemas. Primeiro, o Casimiro ficou desapontado por não ter qualquer ligação telepática com as suas cópias. Depois percebemos que as cópias eram extremamente frágeis. Unidas por uma descarga elétrica de baixa intensidade, as moléculas aguentavam-se poucos dias, ou mesmo horas, unidas na sua forma humana, e desvaneciam-se à mínima turbulência molecular. E descargas mais fortes, em vez de gerarem cópias mais robustas, causavam apenas explosões. Mas o pior é que as réplicas eram incontrolláveis. Não falavam, não comunicavam, não obedeciam a ordens e, o que era mais grave, tinham personalidades próprias e estranhas.

— Não eram cópias da personalidade de Casimiro?

— Essa era a nossa teoria inicial. Mas a personalidade é algo de muito complexo. E, deduzo eu, em vez de transmitir toda a complexidade da personalidade, o aparelho transmitia apenas as emoções e pensamentos

captados no momento. Que, sabemos nós, não refletem minimamente aquilo que somos. Podemos pensar e afirmar coisas num dado momento que, mais tarde, seríamos incapazes de repetir. A verdade é que os nossos estados de espírito não são o nosso ser. São apenas um dos seus lados, talvez nem o mais verdadeiro. E o que acontecia é que a réplica reproduzia o estado de espírito de Casimiro no momento em que era criada. Que podia ir da extrema generosidade à maior das crueldades, ou mesmo loucura. Que, sim, lamento dizê-lo, são também aspetos da personalidade do meu amigo.

— Quer dizer que as réplicas encarnavam as paixões de Casimiro?

— Sim, e nem imagina quão perturbador foi para ele ver as suas paixões à solta.

Deixei-me ficar hirto.

— Foi uma dessas réplicas que me tentou assassinar?

Ele anuiu com pesar.

— Criada naquela chamada que me fizeram?

Voltou a acenar.

— E eu salvei-me porque a réplica acabou por se dissolver?

Ele baixou os olhos.

— Gostaria de lhe dizer que fomos nós que lhe tentámos salvar a vida. Mas, inadvertidamente, receio que quase tenhamos feito o contrário.

Cerrei os olhos para disfarçar a tontura e escuridão que me assolaram por momentos.

— Sabe que essa réplica tentou criar várias réplicas de si própria para me assassinar?

— É possível — admitiu ele. — Na verdade, e tremo ao dizê-lo, receio bem que todos aqueles avistamentos de Casimiro de que os jornais falaram sejam avistamentos de réplicas que se vão reproduzindo até ao infinito. Não lhe consigo explicar como isso aconteceu. Mas parece que pelo menos uma das réplicas que criámos, que não foram assim tantas, descobriu como replicar-se e lançou-se a fazê-lo. E, o pior, é que as próprias réplicas desta réplica aprenderam a fazer o mesmo. Não o consigo justificar racionalmente, mas é como se as réplicas, ao ganharem consciência de si e da sua mortalidade, se tivessem lançado numa busca desesperada de se perpetuarem através de novas cópias, novas réplicas das réplicas. Conseguem imaginar o que isto significa?

Fiquei gelado.

— É terrível!

— É — concordou ele, com um ar de fadiga infinita. — E por isso preciso que me ajude a destruir a máquina e as réplicas.

...

Não aceitei logo. Também não aceitei tudo. Havia ressentimento dentro de mim e, admito, alguma ânsia de vingança por tudo o que me tinha acontecido. Mas, mais tarde, mais calmo, senti que era também o meu dever e aceitei colaborar com parte do plano. Este começou logo na manhã seguinte, quando os jornais reportaram um violento incêndio na casa de Casimiro Gonçalves, que teria consumido todo o edifício de Cascais, originado várias explosões e, devido à eletrostática, aventaram os jornalistas, geraram uma série de alucinações entre os vizinhos, que afirmavam ter visto diversos poetas Casimiro a correrem por entre as chamas, a gesticularem e a dissolverem-se no ar. Eu não fui um desses populares entrevistados pelos repórteres, mas do ponto em que me encontrava naquele momento, também vi meia dúzia de réplicas a serem tomadas pelas labaredas, incharem, e dissolverem-se, ponto a ponto, no ar, como uma figura de papel que se rasga aos pedacinhos e é atirada ao vento.

No dia seguinte, o poeta voltou a estar nas capas dos jornais devido à sua sensacional libertação, em virtude de eu ter deixado cair a queixa-crime. Sem provas, sem queixa, sem qualquer explicação plausível, o juiz despachou-nos rapidamente. E, no exterior do tribunal, depois de nos escapulirmos com dificuldade de jornalistas e polícias, ficámos só os três. Eu, Casimiro e o engenheiro Freitas.

Casimiro estava mudado. Tinha os olhos encovados, as faces mirradas e as costas dobradas. Talvez fosse da prisão, mas pensei intimamente que talvez a visão do mal causado pelas suas paixões à solta fosse aquilo que mais lhe tivesse abalado a força e o corpo. Afinal, quão pouco conhecemos de nós próprios até nos vermos reproduzidos em outros? E quão doloroso será assistir à nossa própria raiva, egoísmo, violência à solta no mundo?

— Espero que consiga recuperar de tudo o que passou — acabei por dizer, com alguma hesitação.

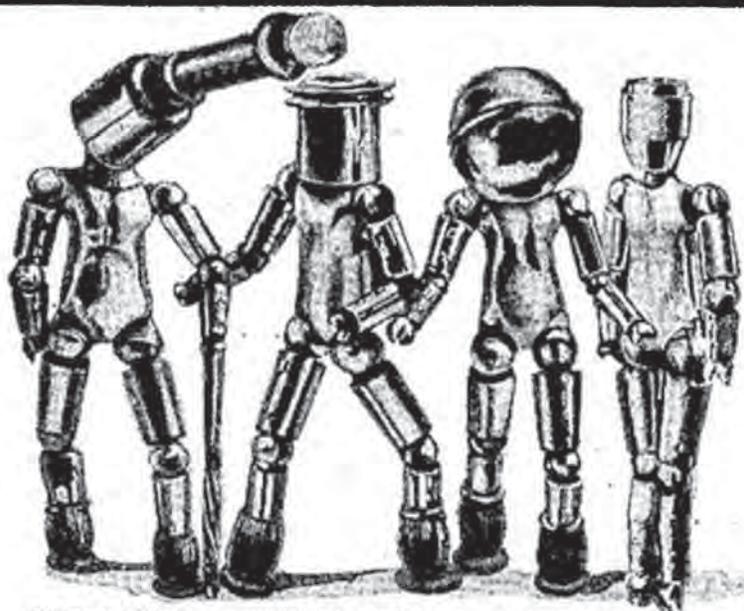
Acenou a cabeça que se cobrira de cabelos brancos e começou a afastar-se, acompanhado por Freitas. Mas deteve-se, dois ou três passos depois. Virou-se, fixando os meus olhos que o seguiam, e disse, numa voz sumida, quase um murmúrio:

— Sim, acho que vou recuperar de quase tudo, menos de uma coisa. — Tossiu pesadamente. — Quando sonhei em reproduzir o meu espírito, em acender dezenas de seres como uma vela acende mil velas, imaginava que de algum modo seria também todos esses seres. E em parte fui. Mas também não fui. Não vivi as vidas dos filhos do meu fogo. Não sei o que foi tentar matá-lo, não sei o que foi atacar pessoas na rua, não sei o que foi fazer todas as coisas que aqueles seres fizeram ou continuam a fazer. Sei agora que por mais seres que possa criar, estou sempre condenado à solidão. À solidão de ser eu próprio, por mais formas de mim que existam.

Virou-me costas, como se não aguentasse mais o meu olhar comiserado, e afastou-se, de mão pousada com força no ombro de Freitas, a caminho da missão de ambos — talvez uma missão para a vida inteira —: caçar e exterminar as réplicas das suas próprias paixões.

Já eu, desafortunadamente, também tive de fazer sacrifícios na minha vida, conformando-me ao bacalhau esturricado da minha nova criada.

DEDOS



SOLDIER ROBOT.
Armed With the
Latest Instruments
of Destruction, the
Soldier's Head-Gear
Is a Death Ray.

POLICEMAN ROBOT.
Its Head Contains a
Complete Short-Wave
Receiving Set Con-
trolled from Police
Headquarters.

TEACHER **SERVANT**
ROBOT. **ROBOT.**
Its Round Head
Is Crammed
With Facts
Which
It Can
Never
Forget
or Mix
Up.

Equipped
to Do All
Household
Drudgery.
Its Arms
Can Be
Turned
Into
Vacuum
Cleaners.

DE AMP RODRIGUEZ

AMP Rodriguez fez parte da antologia “Os Anos de Ouro da Pulp Fiction Portuguesa” e do *Almanaque Steampunk 2012*. Mora no Porto, onde não nasceu mas onde tenciona morrer. Gosta de ler desde que se lembra. Precisa de viajar como precisa de oxigénio. Escreve por catarse e por prazer. E é fã de Ficção Científica, talvez porque sente que o futuro ainda pode ser imaginado, mesmo que outros, por desalento ou cinismo, o afirmem fechado.

Estava a fumar há poucos segundos quando fui chamado. Tinha de ser, claro. O meu expediente estava quase a terminar e o novato bem-querido, que tinha o horário decente do turno de dia, ia entrar a seguir. Convinha ser eu a ficar atolado, se tivesse de ser, em vez do sobrinho da pessoa estimável. Não suspirei. Tinha gasto os suspiros há muito tempo. Apanhei a passadeira central, que liga os diversos edifícios da Brigada e mudei na saída vermelha.

A saída vermelha abria-se em alameda para o mastodonte mais feio que fora concebido desde que os mouros tinham sido expulsos de Lisboa. Ou mesmo antes disso. A ser justo, o edifício original não era feio mas os acrescentos de protecção electromagnética feitos todos os anos tornaram-no num rochedo mal jeitoso de placas e chapas aglomeradas. Em particular, a minha estética pessoal desprezava o bronze nas suas tonalidades. Fazia-me lembrar a febre-amarela, mas amadurecida e mais pestífera. E tinha os herdeiros da Mary Typhoid dentro.

As portas abriram-se de par em par, movidas pelos sistemas eléctricos centrais. Mas os gonzos continuavam a ranger, como nas antigas. O secretário de Sua Excelência dirigiu-se apressado na minha direcção.

— Inspector, estávamos à sua espera.

— Vim o mais rápido que pude mas o trânsito estava infernal.

O sarcasmo era completamente inútil naquele ser. Abanou a cabeça com um ar confundido.

— Pensei que estivesse no edifício azul quando o convocaram.

— E estava.

Ficou com um ar ainda mais confundido mas teve meio neurónio suficiente para não continuar esta linha de diálogo.

— Se fizer favor, vou conduzi-lo ao gabinete de Sua Excelência.

Sua Excelência estava de costas para os intrusos e de frente para um quadro imponente de Sua Majestade. Era já parte do anedotário da polícia o que isso significava: trabalho sujo, com penas duras se não fosse cumprido. E sigilo. Muito sigilo. Afinal, Sua Excelência estava em contacto com as altas esferas e respondia somente a elas. Ou responderia o laçao se a coisa desse para o torto.

Moi-même, le laçao, aguardou que Sua Excelência esperasse o secretário sair às arrecuas antes de se virar para mim.

— É um homem religioso, Inspector?

— Bem — disse eu, contendo a sinceridade que me vinha ao de cima — poderia ser mais...

E abanei a cabeça com um ar cansado.

Não fingi, estava mesmo cansado.

Sua Excelência pareceu aprovar a resposta. — Podíamos todos, de facto. Mas não o chamei para testar as suas convicções de fé, Inspector. Temos um problema. Um problema, diria, que roça aspectos não inteiramente naturais, pelo menos, tal como entendemos o que é natural.

Eu aguardei.

— O nosso país evoluiu muito — continuou — neste último século. Sempre fomos um povo inovador, como comprova a nossa História. Mas também sabemos manter os laços adequados ao passado. Sabemos apreciar o que é nosso. Sabemos preservar o que é único.

Tirou um charuto e, para grande surpresa minha, ofereceu-me outro. A coisa devia mesmo ser pior do que eu pensava e eu já estava a pensar coisas muito más.

Acendemos os charutos (ele ofereceu-me lume) e fumámos enquanto o meu interlocutor procurava as palavras. No entanto, ele ofereceu-me uma imagem, não o verbo.

— Sabe, com certeza, o que são aqueles edifícios? — e gesticulou a ponta acesa do charuto na direcção da janela.

Sabia o que ele apontava, mas olhei à mesma. A janela dava para o rio e a altura a que nos encontrávamos permitia ver na outra margem um conjunto de edifícios completamente cobertos de verde. Eram antigos e não renovados, a não ser nos sistemas eléctricos. Um dia apodreceriam. O que estava lá dentro já apodrecera.

— São as escolas de autómatos centrais, segundo creio.

— Não só apenas as centrais — corrigiu — mas, também, as especializadas. Os autómatos podem ser programados a realizar diversas tarefas através das indicações nos cartões que lhes são introduzidos no sistema central. No entanto, por motivos que ainda hoje nos ultrapassam, não é possível, através de cartões mecanicamente reproduzidos, que eles consigam executar tarefas de cariz artesão, como bordar um tapete de Arraiolos. Para tal, os cartões precisam de ser perfurados dentro do próprio sistema do autómato. Não sei se está familiarizado com o método?

Abanei a cabeça negativamente. Sempre me tinham dito para evitar familiaridades excessivas com o que se passava naqueles edifícios.

— O conhecimento de ofícios artesãos — começou — que impliquem um certo grau de criatividade e estética dos executantes tem sido passado, e assim o mantivemos, dentro dos laços familiares. Quando se começou a automatização, inicialmente tentou-se o mesmo método de cópia de car-

tões que se utiliza nas restantes fábricas, mas os autómatos entravam em curto-circuito. Um médico, um grande benemérito da nossa sociedade, Dr. Sousa e Paiva, descobriu acidentalmente que ligando fios condutores aos dedos dos artesãos enquanto estes executavam as suas tarefas, seria possível perfurar um cartão de comandos eficaz desde que este se encontrasse já no interior do autómato e se mantivesse a ligação dos artesãos aos autómatos durante um período nunca inferior a duas semanas. Um artesão, nestas condições, conseguirá produzir, de duas em duas semanas, uma fornada de dez autómatos-artesãos.

A descrição de Sua Excelência estava a cruzar-se com rumores vários e ideias adjacentes que me estavam a incomodar, embora não tanto como o descanso que já adivinhava perdido.

— O sistema foi generalizado e tem sido mantido sem grandes problemas — concluiu Sua Excelência.

Eu aguardei.

— Há duas semanas aconteceu o primeiro incidente. Foi na fábrica de tapetes de Arraiolos, precisamente. — Sua Excelência pousou o olhar no tapete persa sob os seus pés. A ausência de patriotismo onde assentava os pés perturbou-o. Mas não muito, pois sacudiu a cabeça e continuou. — O autómato espetou a agulha de bordar nos canais condutores de óleo e electrólitos do braço esquerdo e entrou em curto-circuito.

— Suicidou-se?

— Inspector, os autómatos não são humanos. Não se podem suicidar!

— Peço imensa desculpa, Excelência, mas falha-me a palavra adequada para caracterizar a acção.

— E é de falhas que estamos mesmo a tratar! Com aquela acção, os restantes autómatos daquela turma, quase a atingir a formatura!, ficaram todos inutilizados. Foi um desperdício incompreensível.

Sua Excelência até pingou saliva com a fúria. Não foi bonito. Pelo menos, eu não sou apreciador de tais visões. Em compensação, aprecio o efeito de se ficar calado e recolhido na presença de personalidades poderosas. Quebram sempre o silêncio e continuam em locomotiva. Esclarecendo melhor do que se respondessem a um interrogatório organizado.

— Foi uma desgraça! — pontuou Sua Excelência o final do episódio. — Mas era apenas o início. Passado uma semana, desta vez na fábrica de ourives (especialidade filigrana), aconteceu o segundo episódio. Um autómato destruiu completamente o equipamento de uma sala e arrancou os braços de outro. Assim que o fez, toda a turma entrou em curto-circuito. Há três dias, ocorreu o primeiro incidente com humanos. Novamente na fábrica-escola de Arraiolos, um autómato fez cair rolos de fio em cima de um controlador. O homem ficou com as duas pernas partidas!

Sua Excelência parou e eu continuei calado. Não me escapara o adjectivo relacionado com a primazia para caracterizar este incidente com humanos. Haveria pelo menos alguma outra ocorrência para rematar a narrativa.

— Ontem, foi o pior de todos. Um autómato agarrou um controlador e teceu-o.

— Teceu-o?

— Fez dele um tapete, Inspector! Um tapete!

Não sou possuidor de uma imaginação brilhante e talvez isso explique porque é que nem conseguia imaginar bem o aspecto do produto final. Mas vi a expressão dos olhos de Sua Excelência e fiquei grato pelas minhas limitações mentais. Não me apetecia olhar no espelho e ver-me assim. Acho que dormiria pior do que já durmo, o que seria obra.

— E, claro, assim que acabou, ele e o resto da turma entraram em curto-circuito. Quatro turmas em duas semanas!

E uma morte e um ferido, mas isso não era importante.

— A situação tem de ser resolvida — informou-me — as causas apuradas, os culpados punidos e a ordem restabelecida. E, como é óbvio, tem menos de vinte e quatro horas para o fazer, Inspector.

— Desculpe, Excelência?!

Sua Excelência fuzilou-me com os olhos.

— Qualquer idiota verifica a tendência da evolução temporal das ocorrências. Entre cada uma delas, a seguinte deu-se em metade do tempo. Uma vez que o último intervalo foi de um dia e meio, estima-se que o próximo acidente ocorra até às cinco da tarde. Devemos estar gratos de ainda não ter acontecido.

A minha instrução permitiu-me fazer um cálculo aproximado.

— Tenho nove horas para resolver o assunto?

— Se quem quer que esteja a causar isto aguardar até ao final do prazo, sim.

Sua Excelência olhou-me fixamente. Eu sustentei o olhar mas porque estava estupefacto.

— No fundo, Inspector, só pedimos que tenha um dia de trabalho produtivo.

Enquanto eu me afastava do gabinete na direcção do departamento de requisições oficiais, pensava que um herói teria respondido que o dia de trabalho tinha terminado há cinco minutos e que mandasse o labrego do parente tratar de autómatos em revolta. Mas eu não sou um herói. Sempre fui fã dos vermes. Sobrevivem a tudo. Basta pouco: acenar respeitosamente com a cabeça, inclinar-se e cumprir ordens. As duas primeiras estavam feitas, a terceira, esperava ter algumas horinhas para dar conta.

Em defesa dos interesses da Pátria e d'El-Rei, nós, humildes lacaios, temos o direito de requisitar ou de nos serem outorgados determinados dispositivos extra para cumprimento desse dever. Tinha-me ficado claro da conversa com Sua Excelência que o caso era prioritário e primordial mas só me dei conta de até que ponto quando saí do complexo com um motorista privado a dirigir uma carroça de máxima categoria. E nada de produto nacional. Um Tesla Maximus a sério, de cor verde-folha elegante e maneirinho, para avisar qual o respeito devido a quem seguia no banco de trás. Claro que eu não me esquecia do aviso não verbalizado: primeiro, Sua Excelência fuzilava-me com os olhos, a seguir actuava. Pois se não cumprisse o pedido, seria fuzilado. Em termos metafóricos, esperava. Ou seja, destituído do serviço e miséria imediata.

Enquanto o pau vai e volta, as costas folgavam e as minhas folgavam, sem dúvida. Costas folgadas são essenciais para a organização mental. Introduzi o cartão marcado com a fita entrançada azul e branca, indicando confidencialidade absoluta em nome d'El-Rei, no gramofone instalado na viatura e preparei-me para ouvir os dados essenciais ditos de uma maneira mais burocrática e, esperava eu, mais detalhada.

A voz mecânica começou: *Arquivo Confidencial número 1347, Secção Electricidade e Indústria, dia 14 de Julho de 2000, ano de Nosso Senhor. Sob indicação de Sua Majestade, é constituído este relatório da mui gravíssima ocorrência no complexo de Escolas Fabris do Barreiro, Bairro da capital do país, a cidade de Lisboa. Às vinte e três horas e quarenta e dois minutos, sob a direcção geral do Doutor Marques Pacheco, o autómato 4533, da turma especializada em trabalho artesão, ramo tapeçaria Arraiolos, iniciou uma série de comportamentos anormais e sujeitos a sanção disciplinar, a saber: o supra-citado autómato ergueu-se do seu lugar estipulado ao que foi interpelado pelo controlador Luís Sabença. O autómato recusou a ordem de ocupar o seu lugar e dirigiu-se para o controlador que ainda recuou. O controlador foi agarrado e arrastado até ao pedaço de base de tapete 200x200 (padrão 4) destinado ao exercício de treino final do autómato. Após imobilizar o controlador com os pés e uma das mãos, o autómato começou a bordar o controlador à base do tapete, iniciando na mão direita e atravessando em linha recta o bordado até à mão esquerda. O bordado do tórax e peito do controlador, que não sobreviveu a esta parte da tecelagem, demorou perto de uma hora, tendo estas zonas corporais ficado esmigalhadas. Segundo testemunhas oculares, a dificuldade de atravessar um objecto tão volumoso como o peito do controlador implicou uma compressão do mesmo pelo autómato, com esmagamento. O autómato terminou a tarefa, três horas após a ter iniciado, numa rapidez inusitada para um tapete de tal área. A análise posterior ao tapete demonstrou que o padrão não tinha sido aquele para o qual o*

autómato tinha sido condicionado durante duas semanas. Após o término da obra, o autómato entrou em curto-circuito, inutilizando a restante turma de autómatos na sala.

A voz calou-se e eu fiquei a ponderar nos aspectos que mais saltavam à vista. Era bem claro que teria muito que perguntar assim que chegasse à outra margem. Estava já no cais para entrar no barco de transporte oficial. Não precisei de sair do carro, o motorista designado tratou de tudo, com documentos oficiais que nem me tinham sido mostrados. Se eu fiquei impressionado com os selos que distinguiam a minha alcova, não admira a cara que vi fazer ao segurança do cais.

Iniciámos a viagem na barça oficial. Nem precisei de sair do carro. Este modelo conseguia recolher viaturas de dimensões razoáveis para transporte entre as margens, género uma ponte móvel e confortável. Recostei-me para pensar e, ao olhar pela janela, vi a outra ponte, esta bem fixa, atravessada num horário rígido por comboios engalanados na locomotiva a azul e branco. Mas esses passageiros não vão, nem nunca foram, tão confortáveis como eu ia agora. Nem poderiam. O desconforto ajudava-os a acordar para as tarefas várias que iam desempenhar assim que desembarcassem. Os comboios tinham levado hordas de operários desde o início do século para as indústrias que começavam a proliferar na margem Sul, quando ainda existiam apenas uma Lisboa, na margem Norte da foz do Tejo. Os operários tinham começado a escassear à medida que os autómatos ficavam comuns, eficientes e baratos. Agora a escassez era de minguá. Se os rumores eram verdadeiros e fôssemos dados a credices, apenas as almas daqueles infelizes sobreviviam, num contínuo atravessar entre as margens. Mas não deviam subsistir no complexo cheio de verdete. Não havia por lá almas. A crer nos rumores e nas credices.

Chegámos e desembarcámos. Estamos já dentro dos muros, visto o cais fazer parte do complexo. Parece-se com o que se via à distância mas maior e mais doente. O carro deslizou por entre os edifícios e sinto um crepitar que me arrepia. É a interferência eléctrica dos circuitos sobrecarregados do complexo. Se tivéssemos formigas a dançar no cérebro, seria semelhante. Um ruído nada agradável para nos mantermos alerta perante uma tarefa a contra-relógio. Tenho já organizada a lista de questões a colocar e a lista de pessoas a quem as colocar. Mas antes, os preâmbulos. O primeiro já está à minha espera em frente ao edifício central.

— Inspector.

Ele é baixo, mais baixo do que eu. E velho, mais velho do que eu também. Quando pensara nas coisas apodrecidas dentro do complexo, não me ocorrera que o director deste fosse uma delas. O homem secara há muito e nem nos olhos tinha humidade. Talvez nunca tivesse tido.

— Lamento as circunstâncias, Director — disse, numa abertura padrão para estas situações.

Ele nem se deu ao trabalho de inclinar a cabeça.

— Temos já as várias pessoas com quem deseja falar preparadas e à sua espera — comunicou-me.

— Desejava falar com o senhor Director primeiro, se me fizesse o obsequio — informei.

Ficou claro que quem não tem humidade nos olhos pode ter terra. Terra bem escura para nos enterrar, seca e imóvel. Mas aquiesceu com um gesto e fez-me sinal para o seguir para dentro do edifício.

— Tudo o que precisar de falar comigo pode ser feito enquanto nos dirigimos para as salas dos interrogatórios — disse ao longo do corredor enquanto subíamos para a passadeira. Aquela porcaria guinchava e estava a precisar de óleo, mas mexia-se, o que já era um consolo. — O tempo, como sabe, não pode ser desperdiçado.

É sempre bom levar um raspanete no início de um interrogatório. Põe a moral adequada para o serviço. Opto pela lisonja, que é sempre um caminho apropriado.

— Compreendo, mas a sua visão enquanto responsável máximo deste complexo, a sua experiência, permite que me possa fornecer dados essenciais, dados que não seria possível estarem sob a alçada de subalternos.

Os caminhos apropriados são apropriados porque funcionam.

— Sim — disse o Director — percebo o que quer dizer. Este complexo é a minha vida, o meu trabalho de trinta anos. Conheço o crepitar de cada secção como as batidas do meu coração.

— O crepitar varia?

O Director olhou para mim como se olha para um vira-lata incapaz de préstimo ou de redenção por aprendizagem de truques.

— A electricidade, Inspector, é energia e a energia é vida — disse o Director, muito sério. — Não há vida sem personalidade e a energia não é excepção. É modulável e caprichosa, mas permanece estável, por muito que mude de forma. Cada uma das suas manifestções tem particularidades quase humanas. A electricidade é musical, mais musical que o vento ou o fogo, pois tem parte de ambos na sua ascendência. O crepitar é a sua voz e transmite sempre uma mensagem.

Desta vez fiquei calado. O homem estava embalado, era deixar a trela solta.

— Precisamos de tempo mas conseguimos compreender a sua linguagem — concluiu.

A trela escapou-se. Tentei apanhá-la.

— Que mensagem transmitiu a secção onde morreu o Controlador?

— Nenhuma.

E a conversa terminou, ficando meia dúzia de questões que nunca seriam colocadas.

Chegamos a um cruzamento e passamos para a passadeira que seguia a sul (orgulho-me da minha orientação geográfica. Claro que qualquer pombo partilha esse orgulho comigo). Podia ser impressão mas o verdete também alastrava naquele corredor. Com espanto, percebi que não era verdete mas bolor. As paredes modernas (salvo seja) iam dando lugar a madeira, coberta de um mostruário interessante de fungos. Pelo menos, se fosse estudioso, despertaria o meu interesse. O Director, nalgum recesso de humanidade, teve pena da minha confusão e informou-me: — As secções de aprendizagem são em materiais orgânicos. Concluiu-se que a disseminação do artesão para a turma funcionava melhor nessas condições que numa sala de metal. A condução eléctrica fica restrita e a articulação melhora.

— Articulação entre as pessoas e os autómatos?

— Claro que não! Articulação posterior dos autómatos na tarefa.

Sáímos da passadeira e dei comigo numa sala (orgânica, e bastante, pela variedade de amostras que cobriam o tecto e os rebordos). A sala tinha uma mesa e duas cadeiras frente a frente. Tinha alguém sentado na cadeira em frente à porta e duas pessoas de pé ao seu lado. Quando digo pessoas, faço-o em sentido lato pois a aproximação a elefantes era evidente nas estaturas de colosso.

— Esteja à vontade — disse o Director. — Quando desejar falar com outros, ser-me-á comunicado.

E saiu.

Eu olhei para a figurinha na cadeira que nem levantara a cabeça. Só se distinguia uma cabeleira de nós castanhos, uma roupa cinza e uma boca acima de um queixo muito pálido.

— Bom-dia — comecei. — Posso sentar-me?

As montanhas oscilaram. No caso deles, foi por falta de fé, creio e não de abundância da mesma. Nunca acreditariam que se devia ter este tipo de delicadeza com um suspeito para interrogatório. Assumo isto porque já presenciei este tipo de mentalidade tão cristalizada noutras situações que nem é necessário verbalizar para se manter. Passa por osmose de uns para os outros. Não me pegaram o bicho. Se eu fosse assim, já teria ido para casa ou tinha o horário do outro imbecil aparentado. Donde se conclui que eu tomo sempre as opções certas.

Ela não oscilou. Não se mexeu sequer.

Eu sentei-me.

— Pode dizer-me o seu nome, menina?

A boca abriu.

— Bernadete3.

A voz era muito grave, de uma mulher opulenta de trinta e poucos anos. Aquela voz não estava bem naquela criaturinha. Reparei que do meu lado da cadeira encontrava-se um simpático jarro de água com um copo limpo ao lado. Para meu desfrute, presumi. Enchi o copo e coloquei-o em frente dela.

— Beba um pouco, por favor.

Bem, as montanhas até tiveram de deslocar o peso do corpo de uma perna para a outra. A continuar assim, se calhar, eu conseguiria que soltassem um monossílabo.

E ela? Primeiro ficou imóvel, aliás, como já estava. Dois ou três segundos depois, levantou devagar as mãos e mostrou as algemas que a prendiam aos braços da cadeira e nas quais eu não tinha reparado. Nunca na vida poderia beber sozinha aquele copo de água.

A minha experiência com montanhas dizia-me que se eu pedisse para soltarem a suspeita, seria encarcerado como louco. Se lhe levasse o copo de água à boca, como perverso. A atitude a adoptar era de se ser intermédio na solução.

— Por obséquio, poderiam ajudar a menina Bernadete3 a beber um pouco de água? É essencial para o interrogatório decorrer de acordo com as normas que me foram indicadas.

Ah, le pouvoir das normas. As montanhas nem pestanejaram e cumpriram sem demasiada brusquidão o pedido. Ela bebeu com golinhos pequenos como se tivesse medo de se engasgar. Ou tivesse a garganta tão seca que doesse ao movimentar. Resolvi não aprofundar a dúvida. Pois, acho que me estou a repetir: sou cobarde, pronto!

— Podemos começar?

A pergunta era retórica, claro, e nem esperei que ela acenasse que sim.

— Pode contar-me, nas suas próprias palavras, o que aconteceu ontem na sala da sua turma?

— Era de manhã — começou ela devagarinho e procurando as suas próprias palavras como se estivessem bem escondidas. — Já tínhamos começado o processo há duas horas. Já traçara o desenho. As cores eram muitos vivas, com vermelho, rosa e amarelo. O padrão, simples. O senhor controlador tinha saído por um bocadinho e acabara de voltar. Foi então que o médio direito fez aquilo.

— O médio direito?

Bernadete3 olhou em frente pela primeira vez e instintivamente apeteceu-me recuar. Um dos olhos estava cego com cataratas e pústulas cobriam a sobrancelha daquele que ainda devia ver alguma coisa. Uma caricatura das bruxas de contos de fadas, quando já não estão a olhar-se ao espelho.

— Cada turma tem dez alunos. Cada aluno está ligado a um dos meus dedos. O que se levantou estava ligado ao meu médio direito.

Resposta completa e objectiva. É a vantagem daqueles que estão no fim da cadeia alimentar. Pão, pão, queijo, queijo. Porque só conhecem o primeiro e já ouviram falar no segundo.

— Consegue perceber o que os autómatos vão fazer?

Ela ficou calada. Uma montanha apertou-lhe o braço antes de eu conseguir reagir.

— Pare!

E parou mesmo. Mas acho que foi de espanto.

— Sou eu que coordeno o interrogatório!

Não me impressionou que a montanha bramisse sob a respiração. Eu, nada mais que um inspectorzeco, a repreendê-lo (se tudo corresse mal, pelo menos já conhecia as fuças de quem se encarregaria de mim). Mas ficou-me que ela não reagira. Não se encolhera, não gemera, não estremecera. Não admira o amor do Director à electricidade. Parecia ser o que havia de mais vivo por ali.

— Lamento, menina Bernadete.

— 3.

— Desculpe?

— Bernadete3. Sou Bernadete3.

— Porquê?

Silêncio. Hesitação. Olhou outra vez. É melhor eu não beber água senão deito-a toda para fora. Aquelas pústulas.

— Não percebo.

— Estou a perguntar a razão do seu nome. A razão do três. Nunca tinha conhecido ninguém com um nome assim.

Ela levantou mais a cabeça e fiquei mesmo surpreso. Via-se bem agora a cor do seu único olho sem cataratas. Eu já lera sobre pessoas com olhos desta cor mas nunca vira nenhuma ao vivo. Eram realmente dignos de se ver (quer dizer, digno de se ver pois era no singular). Era amarelo. Os chamados olhos de âmbar.

— É tradição. Sou a terceira.

— Terceira?

E chateou-se. Os mosquitos realmente são capazes de tudo. Até de pôr uma boneca de trapos a falar pelos cotovelos.

— A terceira. Na minha família. A minha tia, Bernadete2. E antes, a tia dela, Bernadete1. Depois de mim, Bernadete4. Sempre.

— Já há uma Bernadete4?

— Sim. Já está a ser preparada. Daqui a dois anos. Tapetes.

— Mas não é sua, pois não? Já tem filhos?

A cabeça baixou.

— Sobrinhas. As Bernadete não têm filhos.

— Porque não?

Gosto de pisar o decoro. Carambas, é um interrogatório. Se não se pergunta o que se pretende, mais valia chamar-lhe intróito ao chá. Podia desculpar-me sempre que estava a cumprir o meu dever. Se serve para crimes, serve para gaffes sociais.

Se ela percebeu que eu estava a ser rude ao abordar um assunto de natureza íntima e sensível, não me dei conta. Não me dei conta de nada depois da resposta.

— Morremos.

Pausa. Ponto final. Eu enchi o copo de água e bebi-o até me lembrar que estivera próximo das pústulas. Acabei a babar-me. Além de cobarde, sou porco, assim parecia. Pelo menos, não cuspira, o que teria sido menos másculo. Porco mas com brio.

Se morrer hoje num ataque de autómatos, pelo menos saberei que contribuí para a felicidade alheia. As montanhas até sorriram perante a cena. Eu reagi indicando com o dedo a porta: — Esperem lá fora.

Não se mexeram. Eu também não.

Saíram mas só um ficou à porta. Pelo barulho de passos, o Director em breve seria convocado para dar um salto ao interrogatório. C'est la vie!

— Sei que pode ser doloroso falar sobre isto, menina, mas porquê?

Ela ficou quieta e depois levantou as mãos.

— Isto.

E encurvou as mãos na minha direcção. Na ponta dos dedos tinha picadas múltiplas. Muito bem, mas nunca ninguém morreu de picadelas. Dor, sim, mas morte não.

— Não percebo.

— As turmas aprendem de mim. Sai de mim. Um dia não sai mais.

— E sente isso?

— É como arrancarem fios do cabelo. Um a um. E pica ao sair.

— Quer dizer, pica quando ligam os eléctrodos?

— Não. Pica quando sai. Muito mais.

Eu fiquei parado. Tinha mais dúvidas, claro, mas só consegui formular um pedido antes de o Director entrar.

— Posso ver melhor a sua mão direita, por favor?

O Director irrompeu porta adentro e informou-me de várias coisas e desagradados dispersos e ainda que, pelo que reportaram, nada de útil ia ser obtido dali. Ele mesmo conduziria um interrogatório paralelo apropriado ao sujeito em questão e entregaria o transcrito no final. Eu podia dedicar-me a outros interrogatórios e avançar.

— O tempo não pára, Inspector.

Fui retirado, mas com certa delicadeza (ainda) e encaminhado para outra sala. Pelo caminho, pensava no que vira no dedo correspondente ao autómato infractor. Alguém se dera ao trabalho de ver os dedos dela? Ou aquilo era normal?

O interrogado seguinte tinha bigodes dignos do Rei. Dentro da sala de cada turma, era realeza, portanto, devia ser apropriado.

— O seu nome é João Sabença, correcto?

— Sim.

— Sim, Inspector.

Silêncio.

Finalmente, uma linguagem que eu entendia. E, com um bocado de jeito, até poderia fazê-lo produzir parágrafos inteiros. Ao contrário da Bernadete³, a voz estava afinada. Devia estar habituado a falar. Mas não a inclinar-se. É o mal das alturas. Deduzo eu de cá de baixo.

— Defina a sua posição neste complexo.

— Sou o gerente dos controladores.

E fez-se luz.

— É parente do controlador Luís Sabença?

— Era o meu irmão.

— Os meus sentimentos.

Silêncio. Pois, estou a ver.

— Pode descrever o que aconteceu?

Silêncio.

— Sei que deve ser muito doloroso...

— A minha família é uma família como deve ser — começou o gerente em luto. — Somos uma casta antiga, forjada na terra. Temos aos nossos pés o sangue de muitos inimigos de Portugal. Estivemos presentes em todas as guerras, até nas mais recentes. Nunca envergonhamos o Rei, a Pátria e a Bandeira.

— Por essa ordem?

— Não somos escriturários com os dedos manchados de tinta. Não levamos insultos para casa e a nossa honra é absoluta. Não choro o meu irmão. Eu vingo-me.

— Em quem, por obséquio?

Eis o busílis da questão. Que foi logo respondido.

— Foram os boches.

— Desculpe?

Ele resfolegou. Além do sangue da terra pátria nas veias, tinha o ar dos jumentos lusos nos pulmões.

— Sim, Ins-pec-tor! Os boches. Os germânicos. Da Germânia. É óbvio.

É óbvio que os germânicos vêm da Germânia. Quer dizer, actualmente vêm de mais lados. Detesto a política. Não há nada mais português do que detestar a política. Por isso é que nunca nos metemos nesses assuntos e mantemo-nos bem afastados deles. Só por isso.

A conclusão lógica é que o gerente (apesar dos bigodes e discurso exaltado) não era um bom português. *On croit connaître une personne... Hélas!*

— Poderia explicar melhor?

— É óbvio para quem não tenha os olhos tapados.

Pelos vistos, eu tinha e isso não era bem-visto.

— O nosso país é muito invejado — recomeçou o gerente — e nunca é de mais a cautela que temos de ter com os nosso inimigos. Mesmo aqueles que, por diplomacia, entretemos em jantares. Eles, eles sempre quiseram aquilo que nós temos.

Eu dava voltas à cabeça a tentar perceber o que é que uma nação tão poderosa e rica poderia querer do meu amado país.

— Eles invejam os nossos produtos artesanais. Ambicionam dominar a técnica mas isso está fora do alcance deles — concluiu. E sem pedir licença, tirou um cigarro do bolso.

— Porquê?

O homem parou. A sério, ia jurar que parte do bzzzz constante do complexo também parou um pouco.

— Se me permite, Inspector, pensei que era da BECE.

A BECE era o nome da minha brigada, a Brigada Especial de Crimes Eléctricos. Confirmei que realmente o era, como se podia ver pela cor do meu anel de inspector, que tanto trabalho me dera a adquirir.

— Mostra-se muito pouco sabedor da sua área.

— Bem, ainda não deixei morrer ninguém no meu turno.

Era um insulto e ele reagiu como tal, demonstrando não só ser português mas português do Norte dado o teor do vocabulário colorido que utilizou e que aumenta a riqueza da nossa língua em léxico pouco aproveitado pela literatura. As variantes com que se pode usar a palavra “cornos” numa única frase deviam originar um opúsculo. Deixaria essa tarefa para o próximo mês, quando já estivesse retirado. Ou mais cedo, se não fosse bem-sucedido nas próximas horas.

O homem acalmou. Afinal, eu estava impávido e sereno e não dá muita piada insultar uma rocha. E, segundo me pareceu (e acertei), a ira não era tão grande que o fizesse esquecer a penalização por agredir fisicamente um inspector em missão oficial. As cores reais estavam comigo, se bem que não com o meu bigode. Retomámos a conversa e achei por bem manter-lhe o orgulho. Podemos e devemos bater num inimigo caído mas não quando ele

ainda nos serve de alguma coisa e essa coisa depende da sua boa vontade. Por isso salvaguardei o orgulho ferido do gerente.

Concordámos ambos que a dor pelo irmão e pela Pátria eram emoções varonis e apropriadas. Concordámos também que nos respeitávamos mutuamente. E prosseguimos. Nom d'un bleu, estou a ficar fresco outra vez. E ainda tenho seis horas pela frente.

— Dizia então que esta capacidade artesanal que os nossos autómatos adquirem é irrepetível e está fora do alcance para estrangeiros.

— Os autómatos dependem dos artesãos, que são únicos e mantidos sob vigilância apertada até estarem preparados para poder ensinar as turmas.

— A questão é apenas humana, nesse caso.

— Não apenas, Inspector. Há artesãos noutros países, não com a especialidade dos nossos, claro, mas a questão está na alma. A corrente eléctrica que aqui passa para os autómatos é portuguesa e a alma que consegue transportar com a máxima eficácia só pode ser portuguesa.

— Como assim?

— Bem vê — disse ele, em tom conspirador — existem alguns meandros que apenas o Director e o Ministério da Electricidade e Indústria conhecem. Mas o que se constatou, após o roubo do processo pelos boches, escassos meses depois da descoberta do Dr. Paiva e Sousa, é que não funciona inteiramente fora de Portugal.

Ele inclinou-se mais para mim, não fosse o caso de estarem espões a ouvir-nos.

— Assim que se passa a fronteira, os autómatos perdem o sentido da cor na tapeçaria, da forma na ourivesaria e do detalhe nos bordados.

— Esses aspectos são os mais pessoais entre os artesãos e os autómatos, correcto?

Ele acenou afirmativamente, ainda bastante inclinado na minha direcção.

— Sei alguma coisa sobre o processo mas gostava que alguém com o seu conhecimento elaborasse um pouco sobre a relação única entre os artesãos e os autómatos.

Como podem ver, os meus elogios estão a ficar repetitivos. É triste que a falta de imaginação seja produtiva. O homem ficou benevolente e, juro pelo que há de mais sagrado, senti quase o ambiente de uma taverna a enovelar-se à minha volta. Só faltava o vinho. Em substituição, ele ofereceu-me um copo de água que era o que havia. Eu aceitei, consegui engoli-lo e preparei-me.

— Os autómatos são sensíveis ao talento de cada artesão. Cada turma, em particular, é preparada para um determinado tipo de peça. Cada arte-

são terá, no máximo, a instrução de quatro turmas e isso significa quarenta autômatos únicos de doze em doze anos.

— Porquê esse intervalo de tempo?

Pausa.

— É o tempo necessário para maturar o próximo artesão.

— No entanto, a Bernadete³ disse que a sucessora estará pronta dentro de dois anos.

Ele afastou-se um pouco e olhou para o chão.

— Há exceções.

E ficou calado. Era óbvio que não queria alongar o assunto. O melhor a fazer nestes casos é repescar outro assunto e depois apanhar o sujeito de surpresa.

— Como se chamam os outros artesãos, dos incidentes anteriores?

O gerente franziu o sobrolho e até parte do bigode.

— Melo², Roçadas⁵, Almeda².

— Dois partilhavam a especialidade de tapeçaria e um a de ourivesaria, correcto?

— Correcto.

— Diz-me que os artesãos preparam no máximo quatro turmas. Em que número estavam eles quando ocorreram os incidentes?

O gerente ficou pálido.

— O que quer dizer com isso?

Sou eu que estou a interrogar ou não?

— Só quero saber se estavam na primeira, na segunda, na terceira ou na quarta turma.

O gerente estava cada vez mais pálido.

— Nenhum estava na quarta.

— Sim, mas em que número estavam?

— Na terceira.

Como a Bernadete³. E devia significar mais do que eu alcançava para explicar a palidez.

— Há pormenores que falarei com eles, claro, mas queria saber agora...

— Não.

— Desculpe?

— Não vai falar com eles.

Achei melhor frisar a autoridade.

— Relembro-lhe que estou aqui sob a autoridade real e falarei com quem achar adequado.

— Eles estão mortos.

Calou-se, levantou-se e saiu pela porta, sem dizer água vai.

Fui atrás dele, embora seguir nortenhos da cor do cal não seja um pas-
satepo habitual. O homem estava transtornado como se os boches tives-
sem cortado metade do seu bigode às escondidas. Parecia que a alta traição
o atingira no peito. Eu estava simplesmente transtornado. Estava na altura
de perguntar se existia no complexo alguma terceira turma a ser preparada.
Estava na hora de perguntar se era comum os dedos dos artesãos ficarem
com metal dentro das picadas. Estava na hora de saber porque é que a elec-
tricidade não falava com o Director quando os autómatos atacavam. Ok,
esta última tinha de esperar mais um pouco. Ainda não tinha dados sufi-
cientes para afrontar o homem. Nem prestígio. Nem pachorra.

Seguimos pela passadeira, na direcção da saída. Ao menos eu tinha a
certeza sobre uma coisa, a direcção para onde ia. Ele andava e eu também.
E parou. Mesmo em frente a um cruzamento. Ficou a olhar para a direita.

Eu não parei. Continuei até o alcançar antes de ele cair numa das passa-
deiras do cruzamento por inércia. E também olhei para a direita. Uma das
montanhas vinha dali com um fardo ao colo.

Eu sei que devia ter-me sentido mal. Eu sei que assim que vi a mão da
Bernadete³ a sair do embrulho (como confundir aquelas mãos?), eu devia
ter reconhecido que devia ter actuado com autoridade quando o Director a
tirara do interrogatório. Que devia ter respondido à letra a Sua Excelência
no fim do meu turno. Que devia ter trocado uma existência de rato pela de
um mamífero superior. Nem tinha de ser humano. Mesmo uma mula teria
sabido bem.

Mas não me senti mal. Mudei de passadeira e dirigi-me para a saída.
Não havia nada a fazer por ali.

— Inspector!

Era o Director.

— Comuniquei à central o seu péssimo comportamento. Eles já envia-
ram um substituto. Deve aguardar comigo, sob escolta até à chegada dele.

— Aqui?

O Director olhou-me com repulsa.

— Os meus deveres não podem esperar devido à sua incompetência.
Devo dar instruções a um controlador numa turma. Virá comigo.

E fui empurrado pelo contacto com a outra montanha que tinha pe-
zinhos leves. Pois sim, tudo bem. Pelo menos ia ver como funcionava uma
turma ao vivo. Faria um brilharete no relatório final. Não tinha dúvidas que
teria de fazer um relatório, desse por onde desse. Nem que fosse aos gritos.

Entrámos numa sala ampla, cheia de mesas de trabalho. As mesas esta-
vam dispostas como numa sala de aula. Nas mesas dos alunos já se encon-
travam dez autómatos, com as conexões eléctricas efectuadas. Era só fios.

Na mesa do professor, estavam dois controladores (supus) atarefados

com o artesão. Era do tamanho da Bernadete³, com um cabelo pastoso e a pele manchada. O nariz estava ausente, como se tivesse sido ratado. Realmente, o nariz faz muita diferença na cara de uma pessoa.

— Como se chama o artesão?

O Director ficou calado. Depois, pois afinal os condenados têm direito a um último pedido e eu, no fim de contas, tinha sido enviado para interrogar, respondeu:

— Tinoco².

E até acrescentou de sua livre vontade. — É ourives.

Realmente, viam-se dispostas as várias ferramentas do ofício nas mesas: tesouras, alicates, paquímetro, pinças contrárias, limas, tribulés, martelos e arcos de serra. E, claro, as chapas de metal que seriam cortadas, limadas, torcidas, marteladas e transformadas em pequenos objectos de filigrana. Os controladores começaram a ligar as mãos do artesão às conexões.

Senti uma corrente de ar e olhei para trás. O gerente tinha entrado. Tinha entrado e tinha-se imobilizado junto à parede do fundo. Estava ainda mais pálido. Parecia a descrição de quem tinha visto um fantasma nas novelas vitorianas. E olhava em frente.

Como é óbvio, eu só tinha uma pergunta.

— Esta é a terceira turma que este artesão ensina?

O Director olhou para mim surpreso.

— Sim, é. Como sabia?

Eu respondi, pois sou servil até ao fim.

— Palpite, digamos.

E fiquei a observar enquanto os controladores ligavam os últimos fios da turma àqueles dedos.



AS
DUAS CARAS DE
ANTÔNIO

DE CARLOS EDUARDO SILVA

Carlos Eduardo Silva nasceu no auspicioso ano de 1989 em Lisboa e, desde aí, o Mundo continuou a mudar.

Actualmente estuda para ser um homem de ciência, mas quando ninguém está a olhar, escreve as histórias que andam pela sua cabeça.

Poderão encontrar alguns dos seus contos espalhados por publicações periódicas amadoras e profissionais em Portugal e no Brasil.

Franks Schertz, ou melhor, António Piedade, despediu-se da mulher confiando-lhe um beijo sensorial nos lábios. Já estava mais do que atrasado para o emprego. Assim o informava a profusão de relógios situados nos mais inauditos sítios, como que para lembrar que Lisboa era uma metrópole moderna, uma cidade de trabalho e produção, onde os tempos livres eram uma mera consequência da necessidade do consumo dos artigos de lazer.

Contornou a multidão de gentio que fazia fila para a troca de turno, tentando evitar o aroma a insalubridade e peixe que aquela gente carregava de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Podia não ter dinheiro suficiente para adquirir uma casa num bairro de boas vizinhanças, mas a posição social que alcançara permitira-lhe escolher um dos andares mais altos de um prédio limítrofe ao bairro proletário, mais perto do Sol, mais longe das fundições que este alimentava.

Cedeu o lugar no monocarril a uma presumível condessa de portentosa figura. Sorriu-lhe discretamente e esta virou o rosto na direcção oposta. António Piedade sentiu a estalada que só gente civilizada daquele calibre conseguiria dar sem sequer se dignar a tocar-lhe. Poderia esticar o orçamento familiar para comprar os bilhetes, mas, na verdade, não passava de um plebeu travestido de aristocrata. Um reles exilado de guerra que adquirira o título de comendador pelo matrimónio. Ele que na sua terra natal era um wildgraf!

A carruagem cessou de deslizar, abrindo as portas automaticamente, permitindo a António escapar do constrangimento social. Em frente, o Instituto Padre Manuel António Gomes dominava a paisagem com o corpo de colosso de betão e aço, iluminando os transeuntes com a divisa talhada na pedra “*Necessitas est mater inventionis*”. No primeiro dia de trabalho de António, o reputadíssimo Barão das Laranjeiras, eminente figura da ciência e engenharia, agarrando-lhe nos ombros, apontou para a frase latina e disse:

— Meu caro, tua mulher, minha sobrinha, fez-me chegar a tua fama de conhecedor das leis naturais. Pois desengana-te! Este não é um local da procura do saber! Esta é a casa onde o saber procura aplicação. — Deu-lhe uma palmada nos ombros. — É isto que eu espero que tu, o meu assistente pessoal, interiorizes.

Foi a última vez que ouviu da boca do Barão referência à relação de

parentesco que partilhavam. Contudo, fora vez suficiente para que António desse por ganho o tempo a seduzir a jovem influenciável que agora era a sua mulher. Graças ao mero esgrimir de palavras doces, sorrisos dóceis e mãos suaves, conseguira um bom lugar num dos institutos mais selectos e inacessíveis da Monarquia Portuguesa. O centro nevrálgico de toda a investigação científica de aplicação militar contra a GroÙe Germânia, que asfixiava a Europa.

Passado o salão de entrada, povoado por cadeiras poeirentas e um porteiro puído e derrotado, o instituto revelava-se um núcleo em permanente ebulição. Autómatos a transportar mercadorias para os diferentes laboratórios, cavalheiros de bata branca em direcção à resolução de mais um problema e uma profusão de cabos eléctricos, provavelmente alguns de alta tensão, cruzavam os corredores do instituto.

Ao aproximar-se do local de trabalho, o bulício foi diminuindo até cair num silêncio culposo, interrompido pelo estalar dos obturadores das câmaras fotográficas da polícia. António abriu caminho por entre os oficiais e entrou no laboratório. A primeira imagem em que focou a atenção foi o corpo do Barão prostrado no chão. Sobre ele, o Doutor Silva Nunes, ilustre electrofisiologista, media-lhe um dos sinais vitais com um esfigomanómetro.

— Doutor, que se passa com o Barão? — apressou-se a perguntar o assistente.

— Para lhe ser sincero, senhor Comendador, não sei. — Tirou uma lanterna do bolso e analisou a pupila do aristocrata. — Quando cá cheguei, já o senhor Barão estava catatónico.

— Como? — exclamou António estupefacto.

— Todas as funções automáticas do corpo estão funcionais. Respiração, batimentos cardíacos, contracção das pupilas... No entanto, o senhor Barão não responde a qualquer estímulo não automático. Como se a alma tivesse abandonado o corpo.

O Comendador já tinha ouvido falar da condição médica. Porém, associada a casos de gentios em profunda alienação, não em corpos de sangue nobre, como o do Barão. Nem por sombras conseguia conceber o Barão num asilo, cingido por uma camisa-de-forças, afastado da sociedade.

— E a polícia? Acha que porventura possa haver indícios de actividade criminosa que tenha levado o Barão a este estado?

— Não, a polícia está cá em consequência do desaparecimento da máquina em que o senhor Comendador e o senhor Barão estavam a trabalhar.

O olhar de António encheu-se de horror ainda a mente não havia processado a notícia. Estava tudo perdido! Aquele facto deitava por terra tudo aquilo que fizera até então. Não importava do ângulo que se olha-

va. Sendo António Piedade ou Frank Schertz, ambas as vidas estavam arruinadas. Não só enquanto António Piedade, assistente laboratorial, não conseguiria reconstruir a máquina sem os conhecimentos do Barão, como enquanto Frank Schertz, espião da Große Germânia, não conseguiria passar mais informações confidenciais, uma vez que sem o Barão, não havia razão alguma que justificasse o posto de trabalho que ocupava no instituto.

Inconscientemente, começou a andar aos círculos, tentando, pela repetição dos movimentos, formar um qualquer dínamo humano que abastecesse de energia o cérebro confuso. Sentiu o ar a escapar-se-lhe dos pulmões. Teve de se apoiar na parede, para que o grito de frustração, que entretanto lançara, não o derrubasse.

— Se calhar o senhor Comendador devia abandonar a sala para recobrar as forças — ordenou o Doutor, como quem dá um conselho. — É claro, para todos nós, que o infortúnio do Barão o está a perturbar.

António foi levado pelos braços, desprovidos de qualquer força anímica, para o exterior da sala. Aí já se acumulava uma pequena multidão de engenheiros e cientista, atraídos pelo cheiro a escândalo que pairava desde a entrada da polícia. Por mais cavalheiresca que seja a educação, por mais fina que seja a sociedade em que se inserem, os humanos continuam humanos e o impropério é algo que urge ser assistido. Sentaram António num banco corrido e, após uma recomendação condescendente totalmente olvidada pelo Comendador, deixaram-no só.

O assistente do Barão fechou os olhos com força e cerrou os punhos. Precisava de fazer alguma coisa. Precisava de reaver a máquina. Para reaver a máquina, precisava de saber para onde a tinham levado. Para saber onde estava... Como podia saber onde estava a máquina? A máquina tinha sido construída para não ser encontrada! Sorriu com a ironia e os pensamentos transportaram-no para o dia em que quase entrara dentro do perigoso campo electromagnético produzido pelo mecanismo. Desde aí que testava sempre a existência de campos no laboratório antes de entrar sequer. De tantas vezes que o fizera, era capaz de dizer de cor a assinatura electromagnética do campo, como quem lê um livro ou analisa o espectro de um teleparinete¹. Sim! Era isso! Havia esperança!

Se actuasse rapidamente...

Abeirou-se do aparelho telefotográfico mais próximo e marcou o número da própria residência. A cara da esposa, desfocada e deformada pela

¹ Instrumento que permite a detecção de escolhos até três milhas de distância. Essencial para a navegação de barcos de altas velocidades, que podem atingir um quarto de milha marítima por minuto.

lente barata do telefotógrafo receptor, não tardou a aparecer. Tinha de ser rápido e evitar o máximo de perguntas. Disparou:

— Bom-dia meu amor. Aconteceu uma desgraça aqui no instituto. Fomos assaltados e o Barão, teu tio, atacado e hospitalizado. Não esperes por mim hoje. Vou ter de ficar cá a resolver alguns problemas. Envia algumas flores, daquelas galvanizadas, para o hospital com um cartão a desejar as melhoras ao Barão.

Ao receber as notícias, a mulher de António levou a mão à boca e os olhos começaram a ficar marejados, mas o Comendador já havia desligado e deslocava-se agora de volta para o laboratório. No momento em que entrou, o Barão ia a sair transportado numa maca. Pouco importava. Que o diabo carregasse com o velho!

Sentou-se à secretária e escreveu uma nota que inseriu na cápsula existente no interior do tubo transparente que atravessava longitudinalmente o andar. Carregou na combinação de números correcta no painel lateral e a cápsula foi sugada em direcção ao gabinete de destino. Só esperava que a pessoa que contactara acesse ao pedido. Mal dele se optasse por outra resolução! Ao fim de contas, António não escrevera a pedir um favor, estava sim a cobrar uma série deles.

Mudou para a secretária em frente, a bancada de trabalho do Barão. Pôs as mãos trementes em cima do tampo, como se o reivindicasse. Sempre quisera estar daquele lado do gabinete. Perscrutou os papéis em cima da mesa. Pareciam não ter sido tocados. Ia começar a examinar as últimas leituras do Barão quando alguém bateu à porta. Era Dom João Paiva, o engenheiro electrotécnico mais conceituado de Portugal, especialista em automatónica, mas acima de tudo, era um homem de honra imaculada. Podia confiar nele. Debaixo do braço, o engenheiro trazia uma caixa negra, revestida por uma grelha metálica.

— Diz-me, António, para que queres uma bússola de tangentes?

— Uma bússola de tangentes não tem assim tantas utilizações, meu caro — respondeu em tom sarcástico. — Quero que calibres isso para encontrar um campo electromagnético específico de espectro conhecido.

Dom João analisou o espectro que António lhe entregara para as mãos. Era uma assinatura muito peculiar, não havia mais nenhuma máquina que conhecesse com algo sequer parecido. Era um desafio que, de modo algum, poderia recusar.

— António, posso tentar, mas não te posso dar a certeza absoluta de que vá funcionar — alertou, colocando a mão sobre o papel com o espectro.

— Vá lá, João, mais confiança! Eu presenciei o que tu e os teus aparelhos são capazes de fazer. Ainda o mês passado detectaste a fonte emissora rádio daquele programa pirata de propaganda germânica. Um homem que

recebe uma medalha por serviços ao Rei também consegue ajudar um Comendador.

— Dá-me algum tempo para tentar calibrar a bússola. — Olhou para o relógio na parede, em seguida para o espectro e por fim para a bússola de tangentes. — Se for possível detectar esse campo...

— É possível sim! — Se convencesse João desse facto, talvez António pudesse acreditar mais nele.

Dada a volta completa do ponteiro das horas, os dois cientistas ainda se encontravam debruçados sobre a bússola. João inspirou fundo e ligou o interruptor da alimentação eléctrica. O ponteiro girou furiosamente como a hélice de um avião, quase saltando do eixo em que estava montado no centro das sobrepostas bobinas. Era o efeito normal, resultado da atmosfera ionizante e correntes cruzadas que cobriam toda a capital.

— Vou ligar agora o filtro, para só detectarmos o campo electromagnético que me deste — anunciou o engenheiro antes de executar um conjunto de ajustamentos nos vários interruptores e válvulas.

O ponteiro de imediato desacelerou o movimento e restringiu-o a um balanço dentro de um intervalo angular. Por fim, fixou a posição. António traçou a linha do azimute no mapa de Lisboa. Era ainda precisa uma nova medição, noutra local de Lisboa, para que os azimutes se cruzassem e revelassem a localização da máquina. Porém, a linha traçada na direcção de Alcântara era reveladora de que o espião, António tinha cada vez uma certeza maior que se tratava de um, planeava fazer sair a máquina de Portugal por via marítima. Se assim fosse, a máquina estaria num dos muitos armazéns que serviam os navios mercantes e fábricas que povoavam o rio e a margem.

— João, faz a medição do segundo azimute e chama a polícia para o local. Eu vou para o cais, telefona-me para o armazém do instituto.

António Piedade verificou mais uma vez que o telefone do instituto dava sinal, só para ter a certeza que o silêncio que preenchia a espera não era um problema técnico, mas sim demora de João. Era fulcral que pudesse ter a oportunidade de confrontar o compatriota antes da polícia. A quantidade de informação que juntos poderiam conseguir passar para a grande Große Germânia seria incalculável. Sentou-se num qualquer caixote e consultou o relógio de novo. Só passara meia hora desde que saíra do gabinete do Barão. O toque do telefotógrafo fez o Comendador saltar. Atabalhoadamente, estabeleceu a ligação. A imagem da face de João surgiu diante de si. Sorria. Tinha boas notícias!

— Não sei como fazes, António, mas tinhas razão. Se tudo estiver certo, a máquina está no armazém 452. Vou enviar-te a polícia.

— Tira um terceiro azimute, só para confirmar que não há nenhum erro de cálculo, depois chama a polícia. Eu vou ficar aqui à espera — mentiu.

— Sim, senhor. Considera-o feito.

António tirou do bolso o revólver de Gauss, cujo disparo provém de forças magnéticas e não pólvora, e engatilhou o cão. Saiu para a rua, tentando ignorar a imundice geral em que as classes mais baixas da sociedade viviam. Cheirava a peixe e a óleo. António levou um lenço à boca para não vomitar. Os marinheiros e armazenistas olhavam de lado aquele homem de casaca, claramente deslocado do local, que parecia deambular sem rumo no labirinto ordenado de armazéns sobre os quais inúmeras gruas faziam um bailado aéreo.

O número 452, pintado no chão e no armazém, provocou em António uma onda de adrenalina que lhe despertou os sentidos e trouxe aos braços forças que nunca tinha conhecido. Decidiu, primeiro de tudo, experimentar a porta, que abriu sem qualquer problema. Não tinha fechadura sequer. Na parede um edital informava que se tratava de um armazém esvaziado sob custódia do tribunal, cuja propriedade ainda estava pendente de uma decisão jurídica. O golpe não fora de oportunidade, cada passo tinha sido calculado ao pormenor. Nada ali parecia ser precipitado. Entrou no armazém de revólver de Gauss em punho. Estava escuro, apenas alguns raios de luz penetravam pelas telhas de vidro que pontilhavam o telhado. Mesmo até estas nesgas de luz desapareciam de tempos a tempos ao passar dos dirigíveis que tapavam o sol. Avançou a medo, ouvindo cada delicado passo que dava como um estrondo, tentando distinguir formas ameaçadoras no escuro. O cheiro a podre magoava-lhe as narinas. Que armazenariam ali? Animais mortos?

De repente, algo saltou-lhe à frente. António disparou três tiros, fazendo o vulto cair no chão. Mais dois disparos foram feitos, só para ter a certeza. O corpo não se mexeu. O coração do Comendador ribombava. Vindos sabe-se lá de onde, outros vultos começaram a surgir. Moviam-se tropeçadamente, como se não conseguissem dobrar as pernas nem obter um equilíbrio duradouro. À medida que se aproximavam, o cheiro a decomposição intensificava-se. Disparou na direcção de um, acertando-lhe na cabeça. A morte do companheiro não pareceu demover os restantes. António disparou a última bala, tombando mais um. Procurou uma escapatória, mas o cerco apertava. Iria morrer às mãos de vulgares trabalhadores malcheirosos contratados por um qualquer espião que conseguira antecipá-lo. Não conseguia imaginar nada mais vergonhoso. Fechou os olhos assim que sentiu o primeiro murro que o fez dobrar-se sobre a barriga. Recebeu uma joelhada e o máximo de dor que suportava em pé foi ultrapassado. Ouviu disparos,

mas não sentiu nenhuma bala a penetrar a carne. Pelo contrário, cada vez sentia menos impactos sobre o corpo. Seria aquilo morrer? Desmaiou.

Aos poucos, António começou a recuperar os sentidos, começando pelo sentido da dor. A medo abriu os olhos. As luzes do armazém estavam acesas. Quando conseguiu focar o olhar, vislumbrou as botas de João e sorriu.

— Obrigado, Dom João — gemeu, levantando-se a custo. — Os teus serviços não serão esquecidos. Obrigado por me teres salvo destes... destes lunáticos. Malditos gentios! São capazes de tudo por dois tostões!

— Não creio que estes o tenham feito conscientemente — disse, apontando um dos atacantes, agora morto.

Nas costas do cadáver existia uma espécie de caixa metálica que parecia presa na zona renal que João já abrira para inspeccionar o conteúdo. Na generalidade eram fios e arames em torno de uma grande bobina preenchida de furos. O Comendador já vira aquele tipo de engenho noutra local, mas foi preciso João para lhe reavivar a memória.

— Isto é parte da maquinaria usual de um autómato. Porém, posso afirmar com toda a certeza que isto é um ser humano. Os fios estão directamente ligados à espinal medula, ao invés de a válvulas pneumáticas, como seria de esperar. Se tal não fosse impossível, diria que estes humanos estão a ser controlados como marionetas, por um sistema de rolos de cartão perfurado, tal como fazemos com os autómatos do instituto.

— Fascinante teoria! — replicou António, massajando a bochecha.

— Não passa disso, António. Uma teoria — admitiu com uma certa amargura. — É bem mais provável que seja algo bem mais mundano e não o sonho delirante de engenheiro que te descrevi. Sabes do que tenho pena nisto tudo?

— O quê, meu amigo?

— Não termos encontrado a tua máquina. Deve haver um qualquer campo magnético remanescente no edifício, porque a bússola continua a apontar para aqui. No entanto, como podes ver, o armazém está vazio.

António perfez um esgar triunfal com os músculos doridos e inchados da cara. Ordenou que todos os polícias abandonassem o armazém. O que se iria ali passar à porta fechada era segredo de guerra do reino. Quando as portas se fecharam, António abeirou-se do quadro eléctrico e desligou-o.

A um canto, envolto pela penumbra, como que se de um passo de mágica se tratasse, começou a surgir uma complexa máquina. As partes amovíveis pareciam um modelo mecânico do sistema solar, ao passo que o eixo mais se assemelhava a um dragão eléctrico esventrado. O assistente de laboratório do inventor de tal prodígio abriu os braços e revelou o segredo.

— Dom João Paiva, apresento-lhe o primeiro mecanismo de ocultação

total do planeta. Penso que se chegasse aos jornais, lhe chamariam “Máquina da Invisibilidade”. Todos os objectos colocados dentro do raio de acção desaparecem assim que é ligada.

João estava completamente boquiaberto, incapaz de reagir a tamanha maravilha da ciência moderna. As questões que o cérebro despertava eram tantas que não conseguia processar uma pergunta que fosse. António, pedante, continuou a explanação.

— Esta máquina é capaz de emitir um campo magnético em seu redor de tais características que desvia a luz que nele embate e a reconstrói na forma da imagem exacta do lado oposto. A luz comporta-se como um rio que encontra um obstáculo, contornando-o completamente e permanecendo igual após ultrapassado o escolho.

— Espantoso!

— É, não é? Agora despachemo-nos que há que devolver esta máquina ao devido lugar e comemorar esta vitória sobre a Germânia!

Findada a elegia em honra do Barão, cujo estado catatónico ainda não tinha evoluído, os convivas sentaram-se à lauta mesa de refeição. Brindavam à recuperação da máquina, ao sucesso do instituto e às vitórias contra o inimigo. As conversas voavam de uns assuntos para os outros, tal como acontece quando se juntam grandes mentes e se as regam com bom vinho.

Dom José Ariaga tomou a palavra.

— É como vos digo, meus senhores. A Germânia não conseguirá ir mais longe do que já foi. — Bateu com o punho na mesa, para reforçar a opinião. — A Sul tem as fábricas infernais, a Oeste tem-nos a nós e a Este... a Este sabemos lá nós o que se passa na Rússia! — Riu sonoramente, servindo-se de mais vinho. — Para além disso... Não têm lido as notícias? Tem havido imensas deserções nos batalhões formados pelos povos anexados. Ninguém espera que os que durante séculos foram Franceses sejam agora soldados patrióticos da Germânia! Estas deserções só têm tendência a aumentar ainda mais!

A mesa aplaudiu em peso. Não que os dons de oratória fossem excepcionais, mas porque a colheita o era. Os únicos que não haviam tocado no néctar fermentado eram António e o Doutor Silva Nunes, um por causa da medicação e o outro por opção. O médico levantou-se da mesa e fez indicação ao Comendador que o seguisse. Pela expressão carregada, parecia assunto sério. Deslocaram-se os dois para a sala de fumo.

— Quis chamá-lo aqui, senhor Comendador, para lhe falar do estado de saúde do Barão. Penso que poderá nunca recuperar as mais básicas das faculdades. Triste fim para um homem...

— Sim, triste existência para uma eminência científica e humana que o Barão era. Estou a pensar propor-me ao instituto como herdeiro do projecto científico que iniciámos em conjunto.

— Faz muito bem, senhor Comendador! Tem o meu apoio e atestado médico. Por falar nisso... Poderia fazer o obséquio de me deixar observá-lo? Ver se está tudo bem.

— Claro que sim, senhor Doutor — disse, desabotoando a camisa para ser auscultado.

— Alguma queixa? Tonturas? Dores agudas?

— Apenas as dores comuns após uma refrega.

— Permita-me então injectar-lhe um analgésico. Prometo-lhe que será de efeito duradouro e não trará os efeitos aditivos da morfina.

Dito isto, sem esperar pelo consentimento de António, como é comum nos médicos quando se trata de terapêutica, começou a preparar a injeção. António inspeccionou o frasco do analgésico com curiosidade. Conhecia o formato de algum lado. Já o vira anteriormente... Relaxou na cadeira e esticou o braço. Subitamente, lembrou-se! Olhou só uma vez mais para ter a certeza e saltou da cadeira, ignorando os músculos que pareciam rasgar. Pegou num cinzeiro e atirou-o ao Doutor.

— *Sind Sie der Spion! Sie wollten mich töten!*² — gritou colérico.

O Doutor, derrubado, agarrado ao sobrolho sangrante, começou a rir a bom gosto. Como uma doença, a gargalhada alastrou-se a António. Afinal conheciam-se. Sempre tão perto, no entanto, ignorantes dessa distância. Dois camaradas germânicos, a trabalhar sob os narizes um do outro.

— Fez um trabalho exemplar — admitiu o médico. — Só um espião da Große Germânia poderia suplantar-me! Hoje à noite planeio fugir do país com o invento do Barão. Venha comigo! Juntos chegaremos triunfais à nossa terra que há tanto nos espera.

— Mas a máquina ainda não está acabada. Não foram feitos quaisquer testes em humanos. Fiquemos mais um pouco até que as mentes lusas acabem o trabalho por nós.

— Meu amigo Comendador, para os propósitos para que a quero, está acabadíssima. Os ferimentos que traz consigo são a prova! — António olhou-o com desconfiança. — O campo magnético exercido pela máquina, não só provoca a ilusão de invisibilidade, como apaga todas as ideias do cérebro de alguém que se coloque dentro do raio de acção.

— Como?

— Lembra-se do ano passado, aquela patente de registar dados numa

² És tu o espião! Querias matar-me!

fita magnética? Como lhe chamavam... cassette! Lembra-se porque não funcionava?

— Os campos electromagnéticos produzidos pelas Torres Tesla, interagiam com a gravação de dados sobre a fita e apagava-os.

— O mesmo se passa com um cérebro exposto ao campo magnético da máquina. Todas as ideias, sentimentos, memórias são apagados ficando apenas as funções vitais involuntárias.

— Tal como aconteceu com o Barão...

— Sim, íamos fazer hoje os primeiros testes animais quando o terrível acidente — António arrepiou-se com a entoação que o médico dera a “acidente” — aconteceu. Foi aí que o potencial da máquina se revelou a meus olhos! Finalmente seria possível o meu projecto de controlo de humanos por meios mecânicos. O senhor Comendador viu, e sentiu na pele, o resultado da automação de cadáveres. Imagine agora a automação de um corpo vivo, que não está a apodrecer, nem em *rigor mortis*! Imagine a Große Germânia com um exército de soldados que não recuam, não se queixam, não duvidam! Imagine como o nosso império será ainda maior assim que os problemas de lealdade, tão bem referidos ainda agora pelo Ariaga, desapareçam! Venha comigo, António! Fugamos juntos deste rectângulo à beira mar jogado! Venha comigo, António!

António baixou-se para apanhar o cinzeiro e voltar a pô-lo no lugar. Parecia considerar as opções disponíveis. Sem aviso, precipitou a pesada peça sobre a fronte do Doutor, abrindo ainda mais a ferida que antes fizera.

— Para si, caríssimo Doutor, não é António, é senhor Comendador! — Deu-lhe uma nova bordoada. — Se voltar para a Germânia, levando comigo a máquina, serei traidor da coroa lusa e herói na minha terra natal. — Bateu-lhe mais uma vez. — Se o matar e revelar a sua identidade de espião... — deu-lhe um murro — ...e continuar a enviar informações para a Germânia, serei um herói em ambos os países! — Afundou por fim o cinzeiro na testa do compatriota. — O Rei irá, decerto, agraciar-me com um novo título, por altos serviços prestados à Pátria. — Levantou-se, cuspidendo-lhe em cima. — Excelentíssimo senhor Doutor, mais vale Barão em Portugal que Wildgraf na Germânia!